











REFLEXÕES  
S O B R E  
A V A I D A D E  
D O S H O M E N S ;  
O U  
D I S C U R S O S

MORAES SOBRE OS EFEITOS DA VAIDADE ,  
POR MATHIAS AIRES RAMOS  
DA SILVA DE EÇA.

*Quarta Edição , correcta , emendada , e augmentada com huma Carta do mesmo Author sobre a Fortuna.*

L I S B O A ,  
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

I 7 8 6.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

RECEIVED

1904

W. A. L. D. E.

DO NOT WRITE

DISBURSED

FOR THE YEAR 1904

FOR THE YEAR 1904

1904

FOR THE YEAR 1904

1904



1904

FOR THE YEAR 1904

1904

FOR THE YEAR 1904

# DISCURSO \*

## DO EDITOR

*Sobre a utilidade d'esta Obra.*

**A** MAIS funesta paixão da nossa alma , que ataca , e perturba a cabeça do homem , offusca o seu entendimento , inflamma o sangue , e faz com que o homem se esqueça do vil , e desprezível nada de que foi formado , se não conheça , não conheça aos seus iguaes , arrebatado , e o precipita em maiores desatinos , he a desagradavel , medonha , inquietta , e peccaminosa Vaidade. O homem possuido de vaidade , nenhuma outra cousa faz do que ensoberbecer-se , e levar-se ao cume da mais desenfreada altivez , e presumpção. Ambiciona tudo quanto vê n'os mais. Julga-se superior aos outros. A todos despreza , mófa de todos. Não ha defeitos por leves que sejaõ , que os não pinte , e adereffe com as mais terriveis , e espantosas cores de maldade. A mesma virtude , a Nobreza , e a sciencia que vê resplandecer n'os outros , são para elle ridicularias , nada , de que não faz caso. Só elle tudo pôde , is elle apetece tudo. Tristes mortaes , que estrago não faz em vós esta mortifera , e contaminada elevação ! Ainda haverá quem se fie de tão contagiosa

A ii pai-

(\*) He o mesmo que se acha na terceira Edição de 1778.

paixão ? Ainda haverá quem siga os seus enganosos , e desaffoçegados encantos ? E não ha quem te conheça , quem abata a vossa soberba , quem apague o voraz , e ateado fogo das perversas desordens a que arrojas o Vaidoso ?

Todos os dias , a toda a hora , sempre achão os homens fortissimos exemplos do desaffoço , da inquietação , e tristes , e melancolicas consequências que acompanhaõ ao Vaidoso. Na verdade se os homens pensassem que os talentos , que as brilhantes qualidades com que a natureza pródigamente ornou o seu espirito , a todos ou mais , ou menos fôrão concedidos ; que estes á proporção dos trabalhos , dos frequentes exercicios , das avezadas applicações , do methodo , do gosto , do conhecimento proprio , e do amor dos Principes se aperfeiçoão , se augmentaõ : estou certo que a ninguem affomaria a cabeça a opiniaõ , ou o conceito de que elle era o melhor de todos. Todos se despreoccupariaõ da Vaidade.

Releva para que o homem evite este tão terrivel defeito , que faça huma séria , e filosofica reflexão sobre as cousas d'este mundo ; as conheça como ellas são em si , móse dos seus ardilosos , e fantasticos appetites , tema os seus encantos. Porém debalde trabalharia o homem em querer arrancar de si hum habito que a má educação tem encanecido. Da educação nascem todas as boas , ou más manhas. Esta só he capaz de poder crear em nós hum sólido , e permanente gosto , hum verdadeiro conhecimento proprio. Que extravagantes , e monstruosas idéas não carregaõ a cabeça d'aquelle que a



nobreza tem distincto do commum dos homens. Este devendo educar seus filhos , mostrando-lhes que a natureza he a mesma , que os homens são iguaes , que a estimação he que faz com que elles estejam em maior , ou menor gráo : que as suas boas , ou más acções , a sua virtude , a generosidade , a humanidade , hum fallar benigno , e affavel , são os únicos caracteres que os podem affastar do vulgar , e elevalllos ao cume da mais sólida grandeza ; pelo contrario o que lhes introduz , são quimericas , e imaginaveis memorias de antigos Solares , presumpção , soberba , orgulho ; desenterra carunchosos papeis , onde lhes mostra pintados os feitos dos antigos Progenitores de que procedem , não como acções uteis , e proveitosas á humanidade ; porém como grandes , e differentes d'as dos mais homens. Estas , são estas reflexões que o nutrem. Olha com desprezo para aquelle que começou depois. Finalmente a maior parte dos homens se endeodesa com as honras , com as dignidades , e com os mesmos talentos ; e estes em lugar de os tornarem meliores , os habituão peiores. Que triste , e feio espectáculo ! Quão miseravel he a condição dos homens ! Até quando se haõ de conhecer ?

Não se póde dizer d'elles o que Plinio louvou em Trajano , que *a fortuna nada havia mudado n'elle*. Quão admiravel sentença nos não dá aquelle famoso Principe da Lacedamonia , quando disse : *Que o elevado lugar em que estava o não honrava , mas elle ao lugar*. Estas são as verdadeiras idéas que devem occupar o entendimento dos homens ; affastarem de si estas fantasmas que tanto os opprimem.

N'as

N'as féras só a grandeza , a força , a valentia tem lugar. N'os homens a humanidade , e amor dos seus iguaes. Naó só a Religiaó pede isto , a politica tambem o pede.

Máxima certa ; nenhuma cousa n'este mundo de si he sólida , e permanente. Nenhuma cousa principiou n'ó gráo em que hoje a vemos : aquelle accessó , aquella estimaçáo que os homens lhe daó ; eis-aquí o que humilha , ou abate. Tudo o mais he quimera. Saó estas pequenas exhalaçóes que da terra se levantaó , que vendo-se , amedrentaó , e affustáo , examinadas naó he nada : subtis , e humildes vapores saó os seus principios,

Mas hum abyfino chama por outro abyfino. Se se reprova hum vicio , outro surge. De boa vontade antes se soffreria aquelle que firma a sua Vaidade em algum principio , ainda que pouco sólido , ao menos apparente ; porém aquelle que só em fantasia sustenta toda a sua elevaçáo , he digno de censura , he indigno da sociedade dos homens. Todos os membros da sociedade devem concorrer a unirem-se , a animarem-se , e a formarem-se uteis para que tudo lhes seja proveitoso. E como poderá ser util á sociedade , aquelle homem que presumido de sabio , nada lhe faz que lhe convenha , mósa dos seus iguaes , com huns poucos de titulos de Livros engastados na cabeça , repetindo algumas passagens que á noite estudou , fallando muito latim , ferindo com agudo , e damnado dente no mais vivo da honra dos outros , tudo satyriza , as mais interessantes doutrinas mascára com o ridiculo véo de pouco sólidas , e verdadeiras ; e quando se vê cor-  
ri-

rído, e envergonhado de ficar vencido, blasfema taxando a quem o ataca com a infame nota de hereje. Querendo muitas vezes ficar antes atolado em ridiculas superstições, do que em aclarar a verdade. Tanto mal faz a Vaidade!

Outros cheios de vaidade de que já sabem tudo, antes querem ficar n'a cegueira com que principiárao, do que se lhes diga; *que vierão outros depois que emendárao os seus erros, que conhecêrao os caminhos trilhados por tantos Mestres insignes, e que por elles foraõ desprezados, e que em lugar de buscar a estrada limpa, e segura, procurárao serras talhadas a pique, e dependuradas, ondê em lugar de encontrar o que lhes convinha, acharão confusão, precipicio, e a mesma morte.* Nada escapa ao Vaidoso. Nos mesmos lugares sagrados, onde se deve ensinar a Moral sólida, e verdadeira; aonde se não deve publicar mais do que a Religião; o Vaidoso ostenta tudo quanto sabe, passa a fallar desenfreadamente, muitas vezes ainda sobre interesses particulares, authoridades, jurisdicções, governos, escolas, systemas, pessoas; finalmente fazem da cadeira da verdade hum campo de peleja, hum praça de negocio, erro que os Monarcas como summos Imperantes, cuja authoridade lhes proveio immediatamente de Deos, e nos seus Estados não conhecem outro algum superior, senão a Deos; como Protectores da Igreja, e Defensores dos Canones devem atalhar, e emendar. E para que he esta desordem? Por que causa se intrincheiráo com este armamento? Para terem o nome vão de Sabios, de Virtuosos, de Religiosos. Para illudirem ao Povo desapercebi-

bido com estas fantasmas. Taõ orgulhosa he a Vaidade !

Este terrivel contagio a todos inficiona. Naõ ha sexo , naõ ha condição , naõ ha idade , naõ ha dignidade , a quem naõ tóque este pestifero veneno. Mas que felices , e bem aventurados saõ aquelles que sahem sãos , e salvos de taõ tormentoso naufragio ? Que socego ? Que quietação naõ experimentaõ ? Só fallaõ para educarem. Escrevem só para utilidade. A pura , e liza verdade he o unico alvo a que dirigem todos os seus cuidados , e desvelos.

Mas este taõ encanecido , e tamanho mal , que traz a sua origem da educação , naõ he incuravel. No principio todos os males se atalhaõ , e a mesma morte se desterra ; porém se se deixaõ inveterar , e introduzir n'os corpos , nem o mesmo fogo , e ferro ( que ás vezes he remedio ) lhes serve , o fim só he a morte. Os pequenos castigos dados n'os principios fazem com que os réos mudem de vida , porém se os Magistrados naõ olhaõ para elles , e os deixaõ correr seu curso , ao depois só a força expia estas culpas , privaõ-se homens do serviço da República , que lhe poderiaõ ser uteis. Assim n'õ principio se remedeiaõ todos os males , e se pôdem de males tornar em bens. E como este vicio a todos acompanha , he preciso que haja remedio que todos os dias possaõ tomar , e considerar.

Sabiamente , Mathias Aires Romos da Silva de Eça , Author destas *Reflexões* , as compoz , onde intentou arrancar vicios arraigados com annos,  
con-

confirmados com posse , effeitos quasi naturaes como costume. N'esta Obra tudo concorre a aperfeiçoar , e a pulir os homens ; n'ella acharão todos hum sal que os preserva da corrupção do mundo ; hum antidoto contra o veneno da vaidade. A importancia da Obra não a devo louvar , para que se não presuma que a elogio para ter gosto ; quem lêr com sério cuidado , achará que foi bem justa , e necessaria a idéa que tive de a reimprimir , tiralla do escuro esquecimento em que jazia , e de quanta utilidade he para os homens. Mal continuado , necessita continuado remedio.

Os Pais de Familias devem pensar sériamente n'estas Reflexões para evitarem os defeitos que ellas censurão , e para introduzirem estas maximas em seus filhos , para que juntamente com o leite bebão tão sólidas doutrinas. O nome do Author he affaz conhecido na República das Letras. Esta não he das mais famosas Obras que elle compoz , noticia temos de outras , cuja falta nos faz saudade ; porém o tempo que tudo estraga , ou as consumio , ou quem as tem , nos quer roubar estes tão importantes monumentos , e juntamente quer tirar a gloria ao Author que se adora pelo grande nome que teve , e tem. Não querendo pois que a esta succedesse o mesmo , a quiz publicar. Creio que a sua lição será agradável , e acceita pela fraze , pela modestia , pela verdade , e sciencia com que está escrita : servirá de utilidade aos homens , ou desabufará , e emendará os costumes ; fará abraçar a verdade , e creará n'os seus animos hum aborrecimento ao mundo , aos seus appetites.



Estas são aquellas obras que devem andar nas mãos de todos ; porque n'estas achão com que se aperfeiçoem ; não introduzem idéas extravagantes , nem quimericas ; não fomentão superstições , e fantasmas. Hum sabio Governo ( como o nosso ) deve ter summo cuidado em que ainda o mesmo Povo lêia por Livros em que os homens se pulem , não por aquelles que lhes embotem os sentidos , que lhes enchaõ a cabeça de immensas Superstições , de doutrinas subtis , corruptas , e extravagantes ; n'as quaes a verdade está mascarada , envolta em superfluidade , e enovelada com tantas difficuldades , e systemas , que passão até fazer a nossa Religião pezada , e insuportavel , quando ella he bem suave , e brilhante , como diz sabiamente Cicero que *convem ao Sabio afastar a superstição da Religião.*

Todo aquelle Livro que trata de Religião , e estiver afastado da verdade , da moral , e do sólido , e que não siga a primitiva Igreja , a Tradição , os Padres , a Escritura , e os verdadeiros Canones dos Concilios , e sómente estiver recheado de opiniões aerias , subtilezas , subterfugios , deve ser condemnado a hum total desterro , e esquecimento. N'os outros deve-se buscar a verdade , a origem das cousas , a critica , finalmente de qualquer qualidade que seja , devem ter por baliza a verdade. O corpo dos Sabios da República não deve soffrer assumptos que não sejaõ proveitosos. Este he o desejo que tenho com as minhas Reimpressões , não he a vaidade , ou a ambição , que me conduz , he o amor de ser util aos Portuguezes , de quem estou quasi compatriota.



# PROLOGO

## DO AUTHOR.

**E**U que disse mal das Vaidades , vim a cahir n'a de ser Author : verdade he que a maior parte d'estas *Reflexões* escrevi sem ter o pensamento n'aquella vaidade ; houve quem a suscitou , mas confesso que consenti sem repugnancia , e depois quando quiz retroceder , não era tempo , nem pude conseguir o ser Anonimo. Foi preciso pôr o meu nome n'este Livro , e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confissão da culpa costuma fazer menor a pena.

Naõ he só n'esta parte em que sou reprehensivel : he pequeno este volume , mas póde servir de campo largo a huma censura dilatada. Huns haõ de dizer que o estilo oratorio , e cheio de figuras , era improprio na materia ; outros haõ de achar que as descripções , com que ás vezes me affasto do sujeito , eraõ naturaes em verso , e naõ em prosa ; outros dirão que os conceitos naõ são justos , e que alguns já foraõ ditos ; finalmente outros haõ de reparar que affectei n'as expressões alguns termos desusados , e estrangeiros. Bem sei que contra o que eu disse , ha muito que dizer ; mas he taõ natural n'os homens a defeza , que naõ posso passar sem advertir , que se os conceitos n'este Livro naõ são justos , he porque em certo genero de discursos,

fos, estes não se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soão, nem em toda a extensão, ou significação d'ellas. Se os mesmos conceitos se achão ditos, que haverá que nunca o fosse? E além d'isto os primeiros principios, ou as primeiras verdades, são de todos, nem pertencem mais a quem as disse antes, do que á aquelles que as disserão depois. Se o estilo he improprio, também pôde ponderar-se que n'ó modo de escrever, ás vezes se encontraõ humas taes imperfeições, que tem não sei que gala, e brio: a observancia das regras nem sempre he próva da bondade do Livro, muitos escreverãõ exactamente, e segundo os preceitos da arte, mas nem por isso o que disserão foi mais seguido, ou approvado: a arte leva consigo huma especie de rudeza, a formosura attrahe só por si, e não pela sua regularidade, d'esta sabe affastar-se a natureza, e entãõ he que se esforça, e produz cousas admiraveis; do fugir das proporções, e das medidas, resulta muitas vezes huma fantasia tosca, e impolida, mas brillante, e forte. Nada d'isto presumo se ache aqui; o que disse, foi para mostrar, que ainda em hum estilo improprio se pôde achar alguma propriedade feliz, e agradável.

Escrevi das Vaidades, mais para instrucção minha, que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distingão as suas; por isso quiz de alguma sorte pintar as Vaidades com cores lisonjeiras, e que as fizessem menos horriveis, e sombrias, e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal  
em

em formar das minhas *Reflexões* hum Livro , já me não posso emendar por esta vez , senão com prometter , que não hei de fazer outro ; e esta promessa entro a cumprir já , porque em virtude d'ella ficam desde logo supprimidas as *Traducções de Quinto Curcio*, e de *Lucano*. As acções de Alexandre , e Cesar , que estavam brevemente para sahir á luz no idioma Portuguez , ficam reservadas para serem obras posthumas , e talvez que então sejam bem aceitas ; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto : se bem que pouco vale hum Livro ; quando para merecer algum suffragio , necessita que primeiro morra o seu Author ; e com effeito he certo que então o applauso não procede de justiça , mas vem por compaixão , e lastima.

Não me obrigo porém a que (vivendo quasi retirado) deixe de occupar o tempo em escrever em outra lingua ; e ainda que a vulgar he hum thesouro , que contem riqueza immensa para quem se soubesse servir d'ella , com tudo não sei que fatalidades me tem feito olhar com susto , e desagrado para tudo quanto nasceo comigo : além d'isto , as letras parece que tem mais fortuna , quando estão separadas do lugar em que nascêraõ ; a mudança da linguagem he como huma arvore que se transplanta , não só para fructificar melhor , mas tambem para ter abrigo.

*Vale.*

*Vanitas vanitatum , & omnia vanitas.* Eccl<sup>a</sup> cap. 1.  
verso 2.

RE-





## REFLEXÕES

*Sobre a Vaidade dos homens.*

SENDO o termo da vida limitado , não tem limite a nossa vaidade ; porque dura mais , do que nós mesmos , e se introduz n'os apparatos ultimos da morte. Que maior prova , do que a fabrica de hum elevado mausoleo ? N'o silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias , para com a fé dos marmores fazerem seus nomes immortaes ; querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneração , como se fossem reliquias as suas cinzas , e que corra por conta dos jaspes a continuação do respeito. Que frivolo cuidado ! Esse triste resto d'aquillo , que foi homem , já parece hum idolo collocado em hum breve , mas soberbo domicilio , que a vaidade edificou para habitação de hu-



hum a cinza fria, e d'esta declara a inscrição o nome, e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os ultimos suspiros, estamos dispondo a nossa pompa funebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para occupação: n'essa hora, em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, entramos a compor, e a ordenar o nosso acompanhamento, e assistencia funeral; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella cerimonia, a que chamaõ as Nações ultimas honras, devendo antes chamallas vaidades ultimas. Queremos, que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade, e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexoravel! A vaidade n'o meio da agonia nos faz saborear a ostentação de hum luxo, que nos he posterior, e nos faz sensiveis ás attensões, que haõ de dirigir-se á nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquella vaidade, de que não podemos ser capazes depois da morte: n'isto he piedosa com-



connosco a vaidade: porque em instantes cheios de dor , e de amargura , não nos desampara ; antes n'as disposições de huma pompa funebre , dá ao nosso cuidado huma applicação , ainda que triste , e faz com que divertido , e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte , e luzida a nossa mesma sombra.

De todas as paixões , a que mais se esconde , he a vaidade ; e se esconde de tal sorte , que a si mesma se occulta , e ignora : ainda as acções mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica , que quem a tem , não a conhece , nem distingue : a satisfação propria , que a alma recebe , he como hum espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos , e n'isso consiste a vaidade de obrar bem.

Não ha maior injuria , que o desprezo ; e he porque o desprezo todo se dirige , e offende a vaidade : por isso a perda da honra afflige mais que a da fortuna ; não porque esta deixe de ter hum objecto mais certo , e mais visivel , mas porque aquella toda se compõe de vaidade , que he em

nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida, e quasi sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra, que adquire, se conso-la o que perde a vida; porém o que perde a honra, não lhe serve de alivio a vida, que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem n'ó ser, que para durarem n'a vaidade. Justo fora, que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quasi sempre hum desvario, que se sustenta da estimação dos homens, e só vive da opinião d'elles.

O não fazer caso do que he vão, também póde nascer de huma excessiva vaidade, e a este gráo de vaidade não chega aquella, que he mediocre, e ordinaria; e d'esta sorte o excesso n'ó vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude, que he a de não ser vaidoso: e com effeito assim como o excesso n'a virtude parece vicio, também o excesso n'ó vicio vem de algum modo a parecer virtude. N'a maior parte dos homens se achão os mesmos generos de vaidade, e quasi todos se des-

desvanecem dos mesmos accidentes , de que estão , ou se imaginão revestidos: porém alguns ha , em quem a vaidade he mysteriosa , e exquisita ; porque consiste em desprezar a mesma vaidade , e em não fazer caso dos motivos , em que se funda a vaidade dos outros.

Trazem os homens entre si huma continua guerra de vaidade ; e conhecendo todos a vaidade alheia , nenhum conhece a sua : a vaidade he como hum instrumento , que tira dos nossos olhos os defeitos proprios , e faz com que apenas os vejamos em huma distancia immensa ; ao mesmo tempo que o expoem á nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto , e maiores do que são. A nossa vaidade he a que nos faz ser insupportavel a vaidade dos mais ; por isso quem não tivesse vaidade , não lhe importaria nunca , que os outros a tivessem.

Todas as paixões tem hum tempo certo em que começam , e em que acabão : algumas são incompativeis entre si , por isso para nascerem humas he preciso , que acabem outras. O odio , e o amor nascem comnosco , e muitas vezes se encontrão em hum mesmo coração , e a respeito do

mesmo objecto. A liberalidade , a ambição , e a avareza , são ordinariamente incompatíveis ; manifesta-se em certa idade , ou ao menos então adquirem maior força. Não sei se diga , que as paixões são humas especies de viventes , que demoraõ em nós , cuja vida , e existencia , semelhante á nossa , tambem tem hum tempo certo , e limitado ; e assim vivem , e acabaõ em nós ; da mesma sorte que nós vivemos n'õ mundo , e acabamos n'elle. Com todas as paixões se une a vaidade ; a muitas servem de origem principal ; nasce com todas ellas , e he a ultima que acaba : a mesma humildade , com ser huma virtude opposta , tambem costuma nascer de vaidade ; e com effeito são menos os humildes por virtude , do que os humildes por vaidade ; e ainda dos que são verdadeiramente humildes , he raro o que he insensivel ao respeito , e ao desprezo , e n'isso se vê , que a vaidade exercita o seu poder , ainda d'onde parece , que o não tem.

A vaidade por ser causa de alguns males , não deixa de ser principio de alguns bens : das virtudes meramente humanas , poucas se haviaõ de achar n'os homens , se  
n'os

n'os homens não houvesse vaidade: não só seriaõ raras as acções de valor, de generosidade, e de constancia, mas ainda estes termos, ou palavras seriaõ como barbaras, e ignoradas totalmente. Digamos, que a vaidade as inventou. O ser inflexivel he ser constante; o desprezar a vida he ter valor: são virtudes, que a natureza desapprova, e que a vaidade canonisa. A aleivosia, a ingratitude, e deslealdade, são vicios notados de vileza, por isso d'elles nos defende a vaidade; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê, que ha vicios, de que a vaidade nos preserva, e que ha virtudes, que a mesma vaidade nos ensina.

Mas se he certo, que a vaidade he vicio, parece difficil o haver virtude, que proceda d'elle; porém não he difficil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha, que se formaõ do gosto, e quantos gostos, que resultaõ da dor! Essa infinita vaidade dos objectos tem a mesma causa por origem: as differentes producções, que vemos, todas se compoem dos mesmos principios, e se formaõ com os mesmos instrumentos. Al-

gu-



gumas cousas degeneraõ á proporçaõ , que se affastaõ do seu primeiro ser ; outras se dignificaõ , e quasi todas vaõ mudando de fórma á medida , que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ , porque a penas deixaõ a brenha , ou rocha d'onde nascem , quando em huma parte ficaõ sendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra cousa mais he a natureza , do que huma perpetua , e singular metamorfosis ?

A vaidade parece-se muito com o amor proprio , se he que naõ he o mesmo ; e se saõ paixões diversas , sempre he certo ; que ou a vaidade procede do amor proprio , ou este he effeito da vaidade. Nasceo o homem para viver em huma continua approvaçaõ de si mesmo , as outras paixões nos desempañhaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , naõ só n'as Cidades , mas tambem n'os desertos , naõ só n'a primavera dos annos , mas em toda a vida , naõ só n'o estado da fortuna , mas ainda n'o tempo da desgraça : paixão fiel , constante companhia , e permanente amor.

Na-



Nada contribue tanto para a sociedade dos homens, como a mesma vaidade d'elles: os Imperios, e Republicas, não tiveram outra origem, ou ao menos não tiveram outro principio, em que mais seguramente se fundassem: n'a repartição da terra, não só fizéram ajuntar os homens os mesmos generos de interesses, mas tambem os mesmos generos de vaidades, e n'isto se vê dous effeitos contrarios; porque sendo proprio n'a vaidade o separar os homens, tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades, que são universaes, e comprehendem Villas, Cidades, e Nações inteiras: as outras são particulares, e proprias a cada hum de nós; das primeiras resulta a sociedade, das segundas a divisaõ.

Dizem, que gostos, e desgostos não são mais que imaginação; porém melhor fora dizer, que gostos, e desgostos não são mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem n'o modo, com que os homens olhaõ para nós, e n'o modo com que fallaõ em nós, assim até nos fazemos dependentes das acções, e dos pensamentos dos mais homens, quando cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginação,

ção, que lisongea a vaidade, precisamente nos dá gosto: se por alguma causa imaginamos o contrario, a mesma imaginação nos perturba, e inquieta. Não ha gosto, nem desgosto grande n'aquillo, em que a imaginação não tem a maior parte, e a vaidade empenho.

A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que nascem da mesma vaidade: a estas nem o esquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica sendo inseparavel da nossa memoria, e da nossa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, são incuraveis quasi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena, quando a lembrança da offensa basta para fazer, que dure em nós a afflicção? Ou como póde cessar a magoa, senão cessa a vaidade, que a produz? Alguns sentimentos ha, que se incorporaõ, e unem de tal sorte a nós, que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.

A imaginação desperta, e dá movimento á vaidade; por isso esta não he paixão do corpo, mas da alma; não he vicio da

da vontade , mas do entendimento , pois depende do discurso. D'aqui vem , que a mais forte , e a mais vã de todas as vaidades , he a que resulta do saber ; porque n'ò homem não ha pensamentos , que mais o agrade , do que aquelle , que o representa superior aos mais , e superior n'ò entendimento , que he n'elle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se estende , he ao conhecimento , de que nada se sabe : he saber o saber ignorar , e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.

Bem se póde dizer , que o juizo he o mesmo que entendimento , porém he hum entendimento sólido ; por isso póde haver entendimento sem juizo , mas não juizo sem entendimento : o ter muito entendimento ás vezes prejudica , o ter muito juizo sempre he util : o entendimento he a parte que discorre , porém póde discorrer mal : o juizo he a mesma parte que discorre , quando discorre bem : o entendimento pensa , o juizo tambem obra : por isso n'as acções de hum homem conhecemos o seu juizo , e n'ò discurso lhe vemos o entendimento : o juizo duvida antes que resolva , o entendimento resolve primeiro que duvide ;

de; por isso este se engana pela facilidade, com que decide, e aquelle acerta pelo vagar, com que pondera. Ordinariamente fallamos n'õ juizo, e naõ n'õ entendimento de Deos, e deve ser pela impressaõ, que temos, de que o juizo he menos sujeito ao erro, que em Deos he impossivel: com toda esta vantagem, que achamos n'õ juizo, pouco nos desvanece o ter juizo, e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular, ou somente como huma especie de prudencia, sendo aliás cousa mui rara; e olhamos para o entendimento como cousa mais altiva, e em que reside a qualidade da agudeza; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente, do que o discorrermos com acerto, e ainda fazemos vaidade de voltar de tal sorte as couças, que fiquem parecendo o que claramente se sabe, que naõ saõ. O engano vestido de eloquencia, e arte, attrahe, e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtiliza, e temos pejo de acertar rusticamente.

Todos fazem vaidade de ter malicia; nem ha quem diga, que a naõ tem, antes

tes he defeito, que reconhecemos com gosto, e confessamos sem repugnancia: a razão he, porque a malicia consiste em penetração, por isso não nos defendemos de hum defeito, que indica o termos entendimento. A vaidade faz, que não ha cousa, que não sacrificemos ao desejo de parecer entendidos, ainda que seja á custa de hum vicio, ou de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo, dizemos, que não temos malicia alguma: porém este pensamento não dura muito em nós; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento, do que bons sem elle: verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento; porque malicia propriamente he aquella intelligencia, ou acto, que prevê o mal, ou o medita; por isso he diferente o ter malicia, e o ser malicioso: tem malicia quem descobre o mal para o evitar: he malicioso quem o antevê para o exercer: a malicia he huma especie de arte natural, que se compõe de combinações, e consequencias, en'este sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das cousas tem muitos modos, em que podem ser  
con-



consideradas ; por isso a mesma cousa póde ser pequena , e grande ; póde ser má , e tambem boa ; póde ser injusta , e justa : a vaidade porém sempre se appropria o modo , ou o sentido , em que a cousa em nós fica sendo superior , e admiravel.

A razão não nos fortalece contra os males , que resultão da vaidade , antes nos expõe a toda a actividade d'elles ; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. N'ò principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuillos , para exasperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade , tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cansados , e não por advertidos. D'aqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade , do que á nossa fraqueza ; devemos a nossa moderação menos ao discurso , do que á nossa propria debilidade. Deixamos o sentimento por cansados de padecer. A duração do mal , que nos abate , nos cura.



Ha occasiões, em que contraimos a obrigação comnosco, de não admittirmos alivio n'as nossas magoas, e nos armamos de rigor, e de aspereza contra tudo o que pôde consolarnos, como querendo, que a constancia n'a pena nos justifique, e sirva de mostrar a injustiça da fortuna: parece-nos, que o ser firme a nossa dor, he prova de ser justa: esta idéa nos inspira a vaidade, menos cuidadosa n'o socego do nosso animo, do que attenta em procurar a eslimação dos homens. Huma grande pena admira-se, e respeita-se: he o que basta para que a vaidade nos faça persistir n'o sentimento.

Os retiros, e as solidões nem sempre são effeitos do desengano, as mais das vezes são delirios de hum sentimento vão, ou furores, em que brota a vaidade: então nos move o fim occulto de querermos, que a demonstração da dor nos faça recommendar: fazemos vaidade de tudo quanto he grande: a mesma pena quando he excessiva, nos lisongea; porque nos promette a admiração do mundo.

Buscamos a Deos quando o mundo nos não busca; se alguma offensa nos irrita, deixamos a sociedade, não por arrependidos,

dos, mas por queixosos, e menos por amar a Deos, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquelle modo de vingança, e parece com effeito, que o deixar o mundo he despezallo. Assim será; mas quem deseja vingar-se ainda ama, e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo, e as suas vaidades; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo, e a vida tudo he o mesmo; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida! Tudo n'ò mundo he vaõ, por isso a vaidade he a que move os nossos passos: para d'onde quer, que vamos, a vaidade nos leva, e himos por vaidade. Mudamos de lugar, mas não mudamos de mundo.

A mesma vaidade, que nos separa do commercio dos homens, para sepultarnos n'a solidão de hum Claustro, vem depois a conservarnos n'elle, e por hum mesmo principio nos conduz, e nos faz permanecer sempre n'ò retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por isso muitas vezes somos firmes só por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia n'a vocação, o que só he constancia n'a vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas acções se repute

como effeitos da nossa variedade : queremos mudar , mas tememos o parecer varios ; e assim a constancia n'a virtude não a devemos á vontade , mas ao receio ; não a conservamos por gosto , mas por vaidade : e este assim como nos faz constantes n'a virtude , tambem outras vezes nos faz constantes n'a culpa.

Ha varios termos n'o progresso da nossa vaidade : este n'o primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta , e escondida : o tempo faz que ella se mova , e se dilate : semelhantes ás aves , que nascem todas sem pennas , ainda que todas em si trazem a materia d'ellas. A nossa alma está disposta para receber , e concentrar em si as impressões da vaidade ; e esta , que insensivelmente se fórma , do que vemos , do que ouvimos , e ainda do que imaginamos ; quando cresce em nós , he imperceptivel , da mesma sorte , que cresce imperceptivelmente a luz , e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade ; porque nascemos sem uso de razão , nem de discurso : quem differa , que aquillo , que nos devia defender do mal , he o mesmo que nos conduz a elle , e nos precipita !  
To-

Todas as paixões dão connosco passos iguaes n'ó caminho da vida : logo que vimos ao mundo , começamos a ter odio , ou amor , tristeza , ou alegria : só a vaidade vem depois , mas dura sempre , e quando se manifesta , he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento ; por isso a emenda da vaidade he tão difficil , porque he erro , em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar empresas , nem de formar projectos : tudo n'elle he sem calor : a sua mesma vida he huma especie de lethargo: tudo o que procura he com passos vagarosos , cobardes , e descuidados ; porque a vaidade he em nós como hum espirito dobrado , que nos anima ; por isso o homem , em que a vaidade não domina he tímido , e sempre cercado de duvida , e de receio: a vaidade logo traz consigo o desembaraço , a confiança , o arrojo , e a certeza. Presume muito de si quem tem a vaidade ; por isso he confiado : não presume de si nada quem não tem vaidade , por isso he tímido. A vaidade nos faz parecer , que merecemos tudo , por isso emprendemos ,

e conseguimos ás vezes : a falta de vaidade nos faz parecer , que não merecemos nada , por isso nem buscamos , nem pedimos. Este extremo he raro , o outro he mui commum , da'quelle se compõe o mundo , d'este o Ceo.

A differença , e desigualdade dos homens he huma das partes , em que se estabelece a sociedade , por isso esta se funda em principios de vaidade ; porque só a vaidade sabe corporificar idéas , e fazer differente , e desigual o que he composto por hum mesmo modo , e organizado de huma mesma fórma. Os homens mais vaidosos são os mais proprios para a sociedade : aquelles que por temperamento , por razão , ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade , são os que pela sua parte contribuem menos n'a communicação dos homens : occupados em huma vida molle , isenta , e sem acção , só buscão n'o descanso a fortuna sólida , e desprezaõ as imagens de que se compõe a vaidade da vida civil.

A desordem dos homens parece que he precisa para a conservação da sociedade entre elles : he preciso com effeito , que sejamos loucos , e que deixemos muitas ve-



zes a realidade das cousas , só por seguir a apparencia, e vaidade d'ellas. Que maior loucura , que a que nos expõe a perder a vida n'a expectação de podermos servir de objecto ao vaidoso ruido da fama ? Que maior delirio , que sacrificarmos o descanso ao desejo de sermos admirados ? Que desvario maior , que o fazer idolo da reputação , fazendo-nos por essa causa dependentes , não só das acções dos homens , mas tambem das suas opiniões ; não só das suas obras ; mas tambem dos seus conceitos ?

A vaidade nos ensina , que as acções heroicas se fazem immortaes por meio das narrações da Historia; porém mal pôdem caber n'a lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compõe a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça immensa a sua esfêra. Não ha Historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles teraõ havido , cujas noticias se acabáraõ , só porque não tivéraõ Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meio do encanto de hum Poema illustre ? Quantos Eneas sem Virgilio ? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios ?

N'a

N'a infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isso as victorias sempre foraõ de todas as idades ; porém effes mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a fortuna do vencer sempre foi varia , e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou , a poucos passos havemos de encontrar a Fabula , coberta de hum véo escuro , e impenetravel : tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens , que á força do fogo , e sangue se fizeraõ arbitros da terra , n'os mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acções : o valor com que poderaõ perpetuar n'os seus descendentes o poder , e a magestade , naõ lhes póde perpetuar o nome : das maiores Monarquias ainda se ignora quem foraõ seus primeiros fundadores.

Que são os homens mais do que apparencias de theatro ? Tudo n'elles he representação , que a vaidade guia : a fatal revolução do tempo , e o seu curso rápido , que cousa nenhuma pára , nem suspende , tudo arrasta , e tudo leva consigo ao profundo

de huma Eternidade. N'este abyssmo, onde tudo entra, e nada sahe, se vão precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperios. Os nossos antepassados já vieraõ, e já foraõ; e nós d'aqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovaõ, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos não tem fim, a torrente das idades, e dos seculos corre diante dos seus olhos, e elle vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vão passando o insultaõ, e se servem d'esse mesmo instante, em que passaõ para o offenderem. Misera-veis homens, genero infeliz, que n'esse momento, que lhes dura a vida, preparaõ a sua mesma reprovaçaõ; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditaõ, que tudo sabem, e que tudo prevem, só a não tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado, e que com o seu mesmo soffrimento, e silencio, clama, ameaça, julga, condemna.

Acabaõ os Heróes, e tambem acabaõ as memorias das suas acções; aniquilaõ-se

os bronzes , em que se gravaõ os combates ; corrompem-se os marmores , em que se esculpem os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as empresas , e se dissipãõ as harmonias do verso , em que se depositaõ as victorias : tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabaõ-se as tradições muito antes que acabe o mundo ; porque a ordem dos successos não se inclue n'a fabrica do Universo ; he cousa exterior , e indifferente. Os monumentos , que fazem da Historia a melhor parte , e a mais visivel , não só se estragaõ , mas desaparecem , e de tal sorte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Não tem mais duraçaõ as cinzas dos Heróes ; porque as mesmas urnas , que as escondem , se desfazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os caracteres , insensivelmente vaõ fugindo dos nossos olhos , até que se apagaõ totalmente. Ainda as cousas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras de que se formaõ os padrões , vaõ perdendo a uniaõ das suas partes , em que consiste a sua dureza , até que vem a

re-

reduzir-se ao principio commum de tudo :  
*terra , e pó.*

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternisar o nome ; porque dos mesmos Heróes tambem morre o nome , e a gloria : a differença he , que a vida dos Varões illustres compõe-se de annos , como n'os mais homens , e a vida das suas acções compõe-se de seculos : porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra n'elles , vem a entrar finalmente n'o cáos do esquecimento. Tudo n'o mundo são sombras , que passaõ ; as que são maiores , e mais agigantadas , duraõ mais horas , mas tambem se extinguem , e do mesmo modo , que aquellas , que apenas tiveraõ de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes , e entre elles a fama he a que mais nos inclina a vaidade ; sendo que o mesmo ar , que lhe dilata os eccos , lhe confunde , e apaga a voz. N'as cousas he transito o que nos parece permanencia : a diversidade , que vemos n'a duraçaõ d'ellas , he porque humas gastaõ mais tempo em acabar que outras ; de forte que propriamente só podemos dizer , que as cousas estaõ acabando , e naõ que estaõ sendo.

Po-



Porém d'estes mesmos delirios resulta, e depende a sociedade; porque a vaidade de adquirir fama infunde aquelle valor n'os homens, que quasi chega a transformallos em muralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de serem attendidos os reduz á trabalhosa occupação de indagarem os segredos da Divindade, o gyro dos astros, e os mysterios da natureza: a vaidade de serem leaes os faz obedientes: a vaidade de serem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos. D'aqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo: olha para a reputação como para huma fantasia, que se fórma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de huma opiniaõ sempre inconstante: olha para o valor como para hum meio cruel, que a tyrannia ideou para introduzir n'omundo a escravidaõ: olha para o respeito como para huma cerimonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e n'os outros medo, semelhante á estatua de Jupiter, diante da qual todos se prostraõ, não por amor do idolo, mas por causa do raio, que tem n'a mão: olha para a  
be-

benignidade como para hum modo , ou artificio de attrahir a si a inclinação dos outros, e por isso virtude mercenaria : olha para a lealdade como para hum acto , que precisamente resulta de humia submissão necessaria : e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago , e incerto , e que n'a realidade val menos do que custa a conseguir.

Com os annos não diminue em nós a vaidade ; e se muda , he só de especie. A cada passo , que damos n'o decurso da vida , se nos offerece hum theatro novo , composto de representações diversas , as quaes successivamente vão sendo objectos da nossa attenção , e da nossa vaidade. Assim como n'os lugares , ha tambem horisontes n'a idade , e continuamente himos deixando huns , e entrando em outros , e em todos elles a mesma vaidade , que nos cega , nos guia. Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressões ; nem sempre somos sensiveis ao mesmo sentimento ; sempre somos vaidosos , mas nem sempre domina em nós o mesmo genero de vaidade.

Ha vicios , que raramente deixamos , se elles primeiro nos não deixaõ ; e quando

do com o tempo seguimos o exercicio de obrar bem , não he porque o conhecimento , ou a experiencia nos determine , mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal ; e assim virtudes ha , que primeiro começaõ pela nossa incapacidade , do que por nós mesmos , e n'os nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só a vaidade não enfraquece , por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.

Não temos alegria , se está descontente a vaidade ; da mesma sorte , que a desgraça não afflige tanto , quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte não se mostra com igual semblante n'os supplicios ; porque a qualidade d'elles influe maior , ou menor pena : por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade , que está vendo a attenção do golpe , d'este esconde ao mesmo tempo o horror , e entretida n'os faustos do luto , desvia da memoria huma grande parte da consideração da ruina.

Para nada ser permanente em nós , até o odio se extingue : cançamo-nos de aborrecer :

cer : a nossa inclinação tem intervallos , em que fica isenta da sua maldade natural : não esquece porém o odio , que teve por principio a vaidade offendida , assim como nunca o favor esquece quando se dirige , e tem por objecto a vaidade de quem recebe o beneficio . A nossa vaidade he a que julga tudo : dá estimação ao favor , e regula os quilates á offensa : faz muito do que he nada : dos accidentes faz substancia ; e sempre faz maior tudo o que diz respeito a si . N'os beneficios pagamos-nos menos da utilidade , que do obsequio : n'as offensas consideramos mais o atrevimento da injuria , que o prejuizo do mal ; por isso se sente menos a dor das feridas , do que o arrojo do impulso ; e assim n'a vaidade nunca se formão cicatrizes firmes , e seguras ; porque a lembrança do aggravo a cada instante as faz abrir de novo , e vertet sangue .

O corpo não he sensível igualmente em todas as suas partes : humas soffrem , e resistem mais ; qualquer desconcerto em outras he mortal : assim tambem n'o corpo da vaidade ha partes , em que penetra mais o sentimento : d'aqui vem inimidades , que nem a morte reconcilia , odios que duraõ tanto

como a vida. Tudo o que nos tira , ou diminue a estimação , nos serve de tormento ; porque o respeito he o idolo commum da vaidade ; aquillo que o offende , não se perdoo facilmente , e fica sendo como hum sacrilegio irremissivel , e como hum principio d'onde se originao tantas aversões hereditarias.

Acabando tudo com a morte , só a deshonna não acaba ; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensivel que esteja hum cadaver n'a sepultura (permita-se o hyperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe n'a memoria dos que ficao , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflicção , e sentimento : terrivel qualidade , cujos effectos , ou cujo mal , não se acaba , ainda depois que acaba quem o tem ; sendo a unica desgraça , que se imprime n'a alma , como hum caracter immortal ! A morte não serve de limite á deshonna ; porque esta vai seguindo a posteridade como huma herança barbara , e infeliz. Estes são os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixão inconsolavel , até nos persuade , que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia :  
esta



esta diminue a estimação, e o respeito; e por isso mortifica tanto; como se a infamia do delicto só consistisse n'a attenção, e opinião dos homens, e não n'o delicto mesmo, ou se só fosse deshonrar aquella que se sabe, e não aquella que se ignora.

Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir comnosco a vaidade; e então somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebo o golpe, sempre leva n'o peito atravessada a setta: nunca podemos fugir de nós: para onde quer que vamos, himos com os nossos mesmos desvarios, se bem que as vaidades do ermo são vaidades innocentes. A natureza não tem lá por objecto mais do que a si mesma, e a vaidade, que tem n'a complacencia, com que se contempla, consiste em reflectir sobre os enganos do seculo, e sobre as verdades da solidão; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude; e assim vimos a ter n'aquelle caso hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.

Oh quanto he especiosa a tranquillidade  
do

do deserto ! Lá não ha odio , nem soberba ; não ha crueldades , nem inveja : estes monstros são feras invisíveis , que habitão entre nós , para serem ministros fataes das nossas discordias , e das nossas afflicções ; nascem da nossa sociedade , e se sustentão da nossa mesma communicação : por isso a virtude costuma fugir ao tumulto , porque a nossa maldade não he pelo que toca a cada hum de nós , mas pelo que respeita aos outros : somos perversos por comparação ; e reciprocamente huns servimos de objecto ás iniquidades dos outros ; a vaidade sempre foi origem dos nossos males ; mas primeiro que a vaidade , foi o commercio commun das gentes ; porque d'elles resulta a vaidade como contagio contraído n'ó trato , e conversação dos homens. O nosso entendimento facilmente se inficiona , não só com as opiniões proprias , mas tambem com as alheias ; não só com as proprias vaidades , mas tambem com as dos outros ; não sei se seria mais util ao homem o ser incommunicavel.

Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compõe : os nossos discursos raramente encontraõ com a verdade , com a dúvida sempre ; de sorte que a sciencia

cia humana toda consiste em dúvidas. Ainda dos primeiros principios visiveis , e materiaes , só conhecemos a existencia , a natureza não ; porque a contextura do universo he em si unida , e regular em fórma , que n'a ordem das suas partes não se pôdem conhecer humas , sem se conhecerem todas ; por isso todas se ignoraõ , porque nenhuma se conhece: só a vaidade costuma decidir sem embaraço , porque não chega a imaginar-se capaz de erro : os homens mais obstinados são os mais vaidosos , e sempre a porfia vem á proporção da vaidade.

Algumas dúvidas , ha que respeitamos ; mas nem a essas perdoa a vaidade , pois nunca quer que fiquem indecisas : mas infelizmente , porque n'ellas sempre a solução da dúvida vem a consistir em outra dúvida maior. Quasi tudo transcende á nossa comprehensão , mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente nos he odiosa a irresolução , e antes nos inclinamos a errar , do que a ficar irresolutos : o confessar ignorancia he acto a que se oppõe a vaidade ; sendo que rara he a cousa , que se nos mostra , sem hum certo véo , que a esconde ; de sorte que não vemos , nem buscamos objectos , mas a sombra d'elles.

N'as

N'as paixões he natural o entreter-nos cada huma com a esperança , que lhe he propria; e com effeito nada he mais agradável do que huma esperança lisonjeira. O desejo se deleita em meditar n'ò bem , que espera; e a natureza , a quem as paixões tem sempre em acção , não cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte , para d'onde a nossa inclinação propende ; por isso o amor continuamente nos promete , que ha de acabar a tyrannia , e que cedo ha de vir a feliz correspondencia ; o odio nos segura , que vem chegando o dia da vingança ; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito , e de grandeza ; e d'esta forte não vivemos , esperamos a vida.

Ha hum genero de vaidade , que toda consiste em procurarmos que se falle em nós ; por isso a mesma vaidade inventou a frase de dizer-se , *que vive n'ò escuro aquelle de quem senão falla* , dando a entender , que as emprezas , por meio das quaes se falla n'os homens , são a claridade que os mostra , e os distingue ; com effeito por mais que vivamos juntos , e nos vejamos sempre , he por hum modo como vago , e passageiro : as cousas nem por estarem muito perto  
se



se vem melhor, e os Heroes o que os faz mais visiveis, he a distancia, e desproporção dos outros homens em que os poem as suas acções: não só os homens, mas ainda os successos, quanto mais longe vão ficando, mais crescem, e nos vão parecendo maiores, até que os vimos a perder da vista, e muitas vezes da memoria; porque n'ó tempo tambem ha hum ponto de perspectiva, d'onde como em espelho vão crescendo todos os objectos, e em chegando a hum certo termo, desapparecem. As empresas, que hoje vemos, talvez não são inferiores ás que a tradição refere do tempo do heroísmo; porém tem de menos o estarem proximas a nós, e as outras tem de mais, o valor que recebem de huma antiguidade veneravel: aquellas admiramos porque não temos inveja, nem vaidade, que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos; contra os que existem sim, e d'estes se sabemos as acções, tambem sabemos as circumstancias d'ellas; por isso as desprezamos, porque he rara a empresa heroica, em que não entre algum fim indigno, e vil; a mais illustre acção fica infame pelo motivo.



O que chamamos inveja, não he fe-  
 não vaidade. Continuamente accusamos a  
 injustiça da fortuna, e a consideramos ain-  
 da mais cega do que o amor, n'a reparti-  
 ção das felicidades. Desejamos o que os ou-  
 tros possuem, porque nos parece, que tu-  
 do o que os outros tem, nós o merecia-  
 mos melhor; por isso olhamos com des-  
 gosto para as cousas alheias, por nos pa-  
 recer, que devião ser nossas; que he isto  
 senão vaidade? Não podemos ver luzimen-  
 to em outrem, porque imaginamos, que  
 só em nós he proprio: cuidamos, que a  
 grandeza só em nós fica sendo natural, e  
 não mais violenta: o esplendor alheio pas-  
 sa n'o nosso conceito por desordem do aca-  
 so, e por miseria do tempo. Quem diria  
 aos homens, que n'o mundo ha outra cou-  
 sa mais do que fortuna, e que n'as honras  
 ha predestinação?

Não vivemos contentes, se a nossa  
 vaidade não vive satisfeita: ainda temos o  
 bem, que com pouco se alimenta a vaidade.  
 Hum riso agradavel, que achamos n'as  
 pessoas eminentes, e que por mais, que se-  
 ja equivoco sempre a vaidade o interpreta a  
 seu favor; hum obsequio, que tem por

D

prin-

principio a dependencia , e em que o interesse se esconde subtilmente ; huma submissão , que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitar-nos ; huma lisonja dita com tal arte , que fica sendo impossivel conhecemos-lhe o veneno ; qualquer cousa d'estas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de forte que não vivemos alegres , se não vivemos vaidosos.

Procuramos ser objectos da memoria , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da Historia. Este delirio nos entrega a applicação das letras , e nos inspira a inclinação das armas , como dous pólos , que guião para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda esses lá se formão huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ n'elles , e discorrem sobre a causa dos seus retirros. Quantas vezes nos parece , que o bosque , que nos serve de muda companhia , se magôa dos nossos infortunios , e que o valle

re-

recebe o sentimento das nossas queixas , quando em eccos entrega aos ventos , partidos os nossos ais ! Parece-nos , que a Aurora nasce rindo dos nossos males ; que as fontes murmuraõ dos nossos desasocegos ; que as flores crescem para symbolo das nossas delicias ; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.

Os homens , a quem a concurrencia de acafos felices faz chamar grandes , presumem , que ainda que d'elles naõ depende a existencia do mundo , com tudo depende d'elles a ordem , e a economia das cousas : todos fallaõ n'as suas acções , e n'illo consiste a sua maior , e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos homens , mas naõ renunciamos o viver n'a admiração , e noticia d'elles ; consentimos em apartarnos de sorte , que nunca mais sejamos vistos , mas naõ consentimos em naõ ser lembrados : finalmente queremos , que se falle em nós : as mesmas sepulturas , que saõ huns pequenos theatros das mais lastimosas tragedias , espantaõ menos pelo horror das sombras , que pelo silencio.

Mil preceitos ha , que nos ensinaõ o quaõ pouco saõ estimaveis em si , esses mes-

mos objectos, que buscamos com fadiga : o conhecermos a vaidade das cousas, não basta para as não querermos ; porque o conhecimento de hum mal, que se appetite, he hum meio muito debil para o deixar. N'õ mesmo retiro temos todo o mundo n'õ coraçãõ, e n'este vivem as paixões entãõ mais concentradas, e por isso mais vigorosas, e mais fortes : o ser o lugar mais apertado não nos livra do combate, antes o faz mais arriscado : a vaidade he como o amor, este quando o deixamos, sempre nos fica humma saudade lenta, que insensivelmente nos devora, porque he hum mal, cuja privaçãõ se sente como outro mal maior : ainda depois de passados muitos annos, a lembrança, que ás vezes nos occorre de hum amor, que parece que acabou, sempre nos vem com sobressalto ; o coraçãõ nunca fica indifferente ; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade, e perdido o amor, que nos fica ?

He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas, que o não tem, e quasi tudo o que a vaidade estima, he vaõ. Que cousa póde haver, que tenha em si menos  
fu-

substancia do que humas certas felicidades , que ponderada a melhor parte d'ellas , consiste , ou em palavras , ou em gostos : a denominação de grande , de maior , e de excellente , e as submissões , que indicaõ o respeito , fazem huma parte effencial das glorias d'este mundo ; a primeira naõ consiste mais do que em palavras ; a segunda toda se compõe de gostos. Que importa á felicidade do homem , que os outros , quando lhe fallaõ , articulem mais hum som , que outro , e que n'as reverencias que introduzio a lisonja , se dobrem mais , ou menos ? A vaidade nos faz crer felices á proporção que ouvimos esta , ou aquella voz , e que vemos este , ou aquelle culto : a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexões , e de palavras.

Só a vaidade sabe dar existencia ás cousas que naõ tem , e nos faz idolatras de huns nada's , que naõ tem mais corpo , que o que recebem do nosso modo de entender , e nos induz a buscarmos effes mesmos nada's , como meios de nos distinguir ; sendo que nem Deos , nem a natureza nos distinguio nunca. N'a Lei Universal , ninguem ficou isento da dor , nem da tristeza ; todos nascem  
su-



sujeitos ao mesmo principio, que he a vida, e ao mesmo fim, que he a morte: a todos comprehende o effeito dos elementos; todos sentem o ardor do Sol, e o rigor do frio; a fome, e a sede, o gosto, e a pena, he commum a tudo aquillo que respira: o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme, e igual, e n'a ordem com que dispoz a natureza, não conheceo excepções, nem privilegios: nunca o homem póde ser mais, nem menos do que homem; e por mais, que a vaidade lhe esteja suggerindo huns certos attributos, ou certas qualidades, que o fazem parecer maior, e mais consideravel, que os mais homens, essas mesmas qualidades, ainda sendo verdadeiras, sempre são imaginarias; porque tambem ha verdades fantasticas, e compostas sómente de illusões.

A vaidade he cheia de artificio, e se occupa em tirar da nossa vista, e da nossa comprehensão o verdadeiro ser das cousas, para lhe substituir hum falso, e apparente. De que serve a purpura, mais que de encobrir o homem a si mesmo; e huma figura simples, commua, e igual em todos, mostralla desfigurada, e outra debaixo de hum véo pu-

puramente exterior ? Tudo o que se esconde fica com caracter de mysterio, e por isso com veneração, e com respeito: a vaidade foi o primeiro artifice, que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato, e pela singularidade da cor; assim são as distincções, que a vaidade nos procura; nenhuma he, nem póde ser em nós, mas n'as cousas que nos cobrem.

Só a vaidade dos Reis he vaidade justa, porque a Providencia já quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras da Divindade, e com huma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma effencia, de que são imagens, parece, lhes communica huma porção da idéa, que representaõ. Por mais que os successos sejam regidos pelo acaso, com tudo aos Reis não os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes movimentos ao Universo. Ainda n'os Orbes Celestes vemos alguns corpos, que parece custaráõ mais cuidado ao Author do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intensa, e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens n'a humanidade, mas dif-

differem n'as qualidades da alma : a Coroa, que os cinge não só lhes illustra a cabeça , mas tambem o pensamento : o Sceptro , que indica á magestade , tambem inspira o esforço ; a grandeza n'ò poder tambem influe extensaõ n'ò espirito ; por isso n'a arte de reinar não ha regras , que possaõ ser sabidas por quem não he Rei.

Assim como he justa a vaidade de hum Rei justo , tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o esplendor de hum throno adquirido injustamente não cega a attençaõ de sôrte , que fiquem os olhos sem poder examinar-lhe os raios ; hum lugar tão sagrado , nem sempre o consideraõ os homens com immunidade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , não só dos louvores , mas tambem da critica ; não só das admirações , mas tambem dos reparos ; não só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ aversões n'ò odio. As submissões não são todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoração , nem sempre tributa hum incenso puro , e  
mui-

muitas vezes procede de huma violencia interior, e occulta; entã por mais que as expressões se elevem, sempre a verdade se distingue da exaggeração; e por mais que o joelho dobre, sempre o desprezo fica inflexivel n'ò conceito.

N'os Principes he virtude, huma vaidade bem entendida; e discorre santamente hum Rei, quando se desvanecer da qualidade de ser justo: ha vicios necessarios em certos homens, assim como ha virtudes improprias em outros. Os Soberanos sendo a fonte da justiça, são os que mais injustamente são julgados: os mais homens são ouvidos, os Principes não; todos os julgaõ, e ninguem os ouve; como se a preeminencia da dignidade os fizesse incapazes, ou indignos da defeza: o julgar por este modo aos Reis, he sacrilegio, porque a traição he maior aquella que se derige á fama, que a que conspira contra a vida; esta nos Monarcas he-lhes menos importante, que a memoria; a existencia deve ser-lhes menos preciosa do que a fama: com a vida se acaba o respeito, a grandeza, e o poder, mas não acaba a reputação; o tumulto não encobre, nem a ignominia do nome, nem o esclareci-

cido, porque n'os Principes nunca acaba a gloria, nem a infamia: o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reis; porém por mais que as confunda a morte, a Historia as separa, e as divide: a traducção anima effas mesmas cinzas, humas para honra da natureza, outras para horror da posteridade.

A maior parte das acções dos homens consiste n'o modo d'ellas; o modo com que se propõe, com que se diz, com que se falla, com que se ouve, com que se olha, com que se vê, com que se anda, e em fim todos os mais modos, que são inseparaveis de qualquer acção, nos dão a conhecer o que devemos pensar d'ellas: quasi sempre o modo, ou nos obriga, ou nos offende, e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as cousas mesmas. Humas vezes nos engana o modo, porém tambem outras o mesmo modo nos desengana: a imaginação verdadeira, falsa, ou vaidosa, he a que produz os differentes modos, que vemos huns n'os outros. Os Soboranos tem hum certo modo de olhar, de ver, de ouvir, de andar, de perguntar, e de responder, que só n'elles he natural; a vaidade dos Grandes



des lhes faz affectar o mesmo modo, que vem n'os Soberanos; os mais homens tomaõ o mesmo modo, que vem n'os Grandes, e cada hum se irrita de ver hum modo proprio, e sente como hum desprezo o achar hum modo, que naõ convem a quem usa d'elle; o que diversifica os modos he a alegria, a tristeza, o amor, o odio, o desejo, ou a indifferença, e mais que tudo a vaidade.

A maior parte da vida passamos em buscar a fortuna, e a que vemos n'os outros, he a que nos engana a nós; porém he feliz o engano, que nos anima sempre. Que maior desgraça, que o viver indifferente, e sem acção; e que maior ventura que a esperança com que a buscamos! O conceito, que fazemos de qualquer bem, sempre excede ao mesmo bem, e assim perdemos quando o alcançamos; de sorte que a fortuna parece naõ está tanto em possuilla, como em desejalla. As fortunas humanas, ou consistem n'a abundancia, ou n'o poder, ou n'o respeito: estas são as mesmas fontes d'onde nasce a vaidade, e com effeito se ha vaidade sem fortuna, naõ ha fortuna sem vaidade.

Por nosso mal lá chega a idade, em  
que

que não queremos mais fortuna , que o viver ; conhecemos a illusão d'ellas , e se as buscamos , he como por costume , mas sem ancia , e sem desaffoço ; o desejo de as alcançar , he como hum resto de calor , que a penas se faz sentir. Não reflectimos sobre o pouco tempo , que devemos gozar hum bem , senão depois de o ter : só então consideramos o muito que custou a alcançar , e o pouco que o havemos possuir. Em cada Paiz ha hum modo com que as cousas se imaginão ; o que he fortuna em huma parte , he desgraça em outra , o que aqui se busca com empenho , alli se despreza totalmente. Os objectos que entretem a vaidade , e estimação dos homens , são como idolos , que só se venerão em lugar determinado , e fóra d'aquelle tal espaço , a adoração se troca em vituperio : o mesmo marmore de que em Athenas se faria huma Minerva , transportado a outro lugar , apenas servirá de base a huma columna ; assim he a vaidade , por mais que seja universal n'os homens , os motivos d'ella não são universaes.

He raro o mal , de que não venha a nascer algum bem , nem bem , que não produza algum mal ; como só o presente he nosso

so, por isto não nos serve de alivio o bem futuro, nem nos inquieta o mal que ainda não sentimos; hum infeliz não se persuade, que a sua sorte possa ter mudança; hum venturoso não crê, que possa deixar de o ser: a este a vaidade tira o menor receio; á aquelle o abatimento priva de esperança. Se fizermos reflexão, havemos de admirar o pouco que basta para fazer o nosso bem, ou o nosso mal: de hum instante a outro mudamos da alegria para a tristeza, e muitas vezes sem outro algum motivo, que o de huma vaidade mais, ou menos satisfeita. Os homens não são todos igualmente sensiveis ao bem, e ao mal; a huns penetra mais vivamente a dor, a outrós só faz huma impressão ligeira; o bem não acha em todos o mesmo grão de contentamento. N'as almas deve de haver a mesma differença, que ha n'os corpos; humas mais debeis, e outras mais robustas; por isto em humas obra mais o sentimento, e acha mais resistencia em outras; em humas domina a vaidade com império, e com furor, em outras só assiste como cousa natural; n'aquellas a vaidade he huma paixão com impeto, n'estas he hum vicio socego-do, e sem desordem.

O entendimento n'os homens , he come a formosura n'as mulheres ; não ha desgraça de que hum espelho as não console , nem tristeza de que se não esqueçaõ , vendosse em estado de inspirar amor : a hum homem infeliz serve de alivio , o considerar-se sabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a differença he grande , a mulher formosa , com o tempo conhece que já o não he , o homem entendido nunca alcança que só o foi : a mulher não póde deixar de ver o estrago , que os annos fazem n'a belleza , o homem não penetra a ruina que o tempo causa ao entendimento ; mas não importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvaneca sempre , e que tenha fim n'a mulher a vaidade : ninguem adora ao homem por entendido , e a mulher todos a idolatraõ por formosa. Acabe pois a vaidade n'a mulher , porque foi taõ excessiva , e n'o homem dure , porque foi mais moderada.

Olhamos para o tempo passado com saudade , para o presente com desprezo , e para o futuro com esperança : do passado nunca  
se

se diz mal ; do presente continuamente nos queixamos , e sempre appetecemos que o futuro chegue : o passado parece-nos que não foi mais do que hum instante ; o presente apenas o sentimos ; e julgamos que o futuro está mui distante. Para dizermos bem do tempo , he necessário que elle tenha passado , e para que o desejamos he preciso considerallo longe. A vaidade faz-nos olhar para o tempo , que passou , com indifferença , porque já n'elle fica sem acção ; faz-nos ver o presente com desprezo ; porque nunca vive satisfeita ; e faz-nos contemplar o futuro com esperança , porque sempre se funda n'o que ha de vir , e assim só estimamos o que já não temos ; fazemos pouco caso do que possuímos ; e cuidamos n'o que não sabemos se teremos.

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras ; não porque queiramos mudar de vaidade , mas porque algumas ha , que em certos annos são incompatíveis , e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade , que a natureza nos inspira ; vaidade simples , innocente ainda quando he mentirosa : a natureza quer que nos amemos , por isso faz que nos



vejamos dotados de huma fórma , ou figura encantadora ; fomos Narcisos logo no berço : a nossa imagem a penas acabada de formar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisonjeia , ainda quando ignoramos o artificio do cristal , e d'esta sorte himos passando successivamente a vida , entretidos em hum labyrintho de vaidades , até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial , historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo não dá juizo a todos , antes o tira , porque o tempo insensivelmente vai destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o não sentimos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce ; até outro se conserva , e depois sempre vai diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razão , e perdemos a razão assim que tornamos ao estado da innocencia : huma , e outra cousa são virtudes puras , e excellentes , mas infociaveis. Primeiramente adquerimos a razão á custa da innocencia , e depois alcançamos a innocencia á custa da razão ; não sei quando he que perdemos ,  
ou

ou ganhamos. Indiscretamente fazemos vaidade de sermos entendidos : o entendimento parece que nos foi dado por castigo , pois com elle ficamos sem desculpa para nada. Que maior mal!

He rara a cousa , em que não tenha parte a vaidade. A mesma ingratidão , de quem recebe hum beneficio , he effeito da vaidade ; porque sendo o beneficio huma especie de soccorro , sempre indica superioridade em quem o faz , e necessidade n'aquelle que o recebe ; por isso a lembrança de hum beneficio , humilha , e mortifica a nossa vaidade , e se alguma vez nos lembra , he porque a natureza se accusa de sentir-se ingrata. Muitos por vaidade confessão beneficios , que nunca receberão ; he confissão , que os não afflige , porque assenta em huma divida supposta : outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros , e isto porque fazem vaidade de huma divida , que já julgaõ satisfeita pela confissão.

Quando pretendemos hum favor , parece-nos que sempre havemos conservar a memoria d'elle ; mas he erro , porque apenas o alcançamos , quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o ef-

E

que-

quecer: a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia; por isso ha ingratitude sem odio; aborrecemos a quem remio a nossa vexação, só porque a ficou conhecendo. Não se paga hum beneficio, senão com outro maior, e quem o não póde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratitude não consiste só n'ó esquecimento do favor, mas tambem em huma averção occulta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sempre he com nosso pezar, e desagrado. Insensivelmente se fórma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; este por vaidade affecta o não lembrar-se do beneficio feito, aquelle tem pejo de haver-se esquecido d'elle, hum, e outro se retira: a ausencia, ou a ruina d'aquelle a quem somos obrigados, nunca nos he desagradavel; porque então parece que respira a vaidade, como livre de hum peso insupportavel: naturalmente não podemos amar a quem devemos: a di-  
vi-

vida leva consigo hum desejo da extinção do seu objecto.

Naõ succede assim nos beneficios , que os Soberanos fazem ; quem os recebe , sempre os reconhece ; porque a mesma vaidade , que nos faz ser ingratos para com os mais homens , he a que nos faz ser agradecidos para com os Principes ; e com razão , porque n'estes o favor sempre he puro , e generoso , em lugar que n'os mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse : n'os Principes os beneficios nascem de liberalidade , n'os mais homens procedem de premeditação , e esta fundada communmente n'a satisfação do que já devem , ou esperaõ dever ; de sorte que n'os Principes os beneficios he grandeza , n'os mais homens he commercio. O maior favor he aquelle que se faz sem condição : quando os Soberanos favorecem , he sem a expectativa de retribuição alguma , porque esta naõ pôde ter lugar de nós para elles ; daõ , e naõ esperaõ , por isso as mercês de hum Rei mostram a sua inclinação , e naõ a sua intenção : as graças dos Reis , e as de Deos , só se pagão com amor. Como os Principes saõ os melhores avaliadores dos homens , por isso



suppomos , que o favor , que fazem , sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver n'a lembrança dos Reis , ainda que seja por meio da desgraça : o mesmo decreto , que impõe a pena , suavisa o effeito d'ella , porque ha hum instante , em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós : o castigo , immediatamente vem do Throno , parece que de algum modo nos illustra.

Tudo são producções da vaidade , esta até nos faz achar consolação n'as mesmas razões do nosso damno ; até nos faz descobrir utilidade n'a nossa mesma perda ; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna n'a nossa mesma ruina. Huma circumstancia leve , e incerta , em que a vaidade se entretinha basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal , e para desviar do nosso pensamento a maior parte d'elle. A virtude maltratada encontra alivio n'a mesma perseguição , porque a vaidade lhe suggerere em si a imagem de hum martyrio : a innocencia opprimida sente menos a afflicção , porque se desvanece em considerar-se victima , de que he propriedade o ser innocente ; e com effeito a constancia n'o soffrimento



to he hum juſto motivo de vaidade , porque ainda n'a fama de hum heróe não ha tanta grandeza , como n'o ſilencio de hum homem afflicto ; por iſſo a paciencia nunca faz rogos inuteis : hum homem mudo n'a deſgraça parece que força a providencia a o conſolar. O merecimento deſprezado entra n'a vangloria de crer , que todos reparaõ n'o deſcuido do premio : hum facinoroſo arraſta com arrogancia os ferros ; e vai com reſolução para o ſupplicio ; a vaidade que lhe anima os paſſos , conſiſte n'a meſma atrocidade do delicto : a meſma pobreza coſtuma fazer oſtentação da miſeria. A vaidade he de todo o mundo , de todo o tempo , de todas as proſiſões , e de todos os eſtados.

Muitas vezes obramos bem por vaidade , e tambem por vaidade obramos mal : o objecto da vaidade he que huma acção ſe faça attender , e admirar , ſeja pelo motivo , ou razão que for. Não ſó o que he digno de louvor , he grande : porque tambem ha couſas grandes pela ſua execração ; he o que baſta para a vaidade as ſeguir , e approvar. A maior parte das emprezas memoraveis , não tiveraõ a virtude por origem , o vicio ſim ; e nem por iſſo deixaraõ de attra-

trahir o espanto , e admiração dos homens. A fama não só se compõe do que he justo, e o raio não só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetitece o estrepido , sem entrar n'a discução da qualidade do estrondo : faz-nos obrar mal , se d'este mal póde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos n'elle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circumstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma d'ellas he , que a singularidade não só se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , não só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; não só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.

A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro , e feroz : muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considere-se o punhal cravado em hum coração , que ainda palpita , e d'onde o sangue que sahe , e vai regando a terra , alli se congela em parte , aqui ainda corre fumando , e cheio de espirito , e calor : finalmente  
con-

confidere-se hum cadaver agonizante, e convulsivo, e d'onde as feridas huma sobre as outras, apenas mostraõ lugar livre de golpe; tudo fôrma hum espectaculo horroroso: o tyranno que he o mesmo executor da crueldade, por mais que n'õ semblante inculque hum aspecto duro, interiormente se estremece, e se não mostra que se afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder: que mais he necessario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso, e proporção da tyrannia? Até nos devanecemos da mesma barbaridade, chamamos á compaixão fraqueza, e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios, a que a vaidade nos incita, mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós, tem duas vontades sempre oppostas entre si: ao mesmo tempo queremos, e não queremos; ao mesmo tempo condenamos, e approvamos; ao mesmo tempo buscamos, e fugimos; amamos, e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e detestar o vicio; mas tambem temos outra

tra prompta para o abraçar : huma vontade nos inclina , a outra arrasta-nos : a vontade dominante , he a que segue o partido da vaidade ; por mais que queiramos ser humildes , e que tenhamos vontade de desprezar o fausto , a vontade contraria sempre vence, e se acaso se conforma , a violencia com que o faz , he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia , não se lhe resiste com as forças do corpo , com as do espirito fim ; a carne não he fragil só por hum principio , mas por muitos , e a vaidade não he o menor d'elles.

O applauso he o idolo da vaidade , por isso as acções heroicas não se fazem em segredo , e por meio d'ellas procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito , que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos , só pela generosidade , nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propõe , que o mundo todo se applica em registar os nossos passos ; para este mundo he que obramos ; por isso ha muita differença de hum homem , a elle mesmo : posto no retiro he hum homem commum , e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens : porém posto em parte

te d'onde o vejaõ, todo he acção, movimento, esforço. Nunca mostramos o que somos, fenaõ quando entendemos que ninguem nos vê, e isto porque não exercitamos as virtudes pela excellencia d'ellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de fer mãos por averfaõ ao mal, mas pelo que se segue de o fer. O vicio pratica-se occultamente, porque cremos que a ignominia só consiste em se saber; de sôrte que se somos bons, he por causa dos mais homens, e não por nossa causa: haja quem nos affegure, que não ha de saber-se hum desacerto, e logo nos tem certo, e disposto para elle; a difficuldade não está em persuadir a nossa vontade, mas o nosso receio. Os aggravos occultos callaõ-se, não só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de aggravos; mas tambem porque a queixa não publique o atrevimento da offensa; a vaidade não sente as coufas pelo que saõ, mas que se ha de dizer d'ellas: mil vinganças ha que se supprimem só pelo perigo de que se não perceba o desacato, pela vingança. Quem dissera, que sendo a vaidade, de si mesma huma cousa arrebatada, haja occasiões, em que nos pacifique, e ensine a fer prudentes: ha huma espe-



pecie de arte em se disfarçar a injuria, de que não ha próva : a mesma vingança leva consigo huma sôrte de injuria, porque a confissão : a satisfação pública suppõe pública a offensa, que muitas vezes não o he, ao menos não he tanto como a satisfação a faz. A paciencia he huma virtude com nota, mas raramente se arrepende quem a tem ; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo ; em hum instante nos precipita a vaidade n'aquillo que nos vem a servir de tormento toda a vida ; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego, errou ; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a formosura, e quem nunca a vio como a ha de amar ? N'o amor ha huma escolha, ou eleição, e quem não vê, não distingue, nem elege, o amor vem por natureza, a vaidade por contagio, o amor busca huma felicidade física, e por consequencia material, e visível ; a vaidade busca hum bem de idéa, e fantasia, e por consequencia cégo : a estimação dos homens he o objecto maior da vaidade ; objecto vago, e que não tem figura propria em que possa ver-se. Ha porém  
n'a

n'a vaidade a differença, que tudo o que se faz por vaidade, queremos que se veja, que se diga, e que se saiba; então he fortuna a publicidade, se he que nos não parece, que o mundo inteiro não basta para testemunha: d'aqui vem que hum furor heroico até chegar a invocar o Ceo, e a terra, para estarem attentos a huma acção: como tudo se faz pelo estímulo da vaidade, por isso se julga perdida huma façanha, que não tem quem a divulgue; como se hum acto generoso consistisse mais em se saber, do que em se obrar. A vaidade, que nos move não he pela substancia da virtude, mas pela gloria d'ella.

N'o desprezo da vida, he d'onde a vaidade se mostra altiva, e arrogante. Os clairs, que incitaõ ao combate, não são vozes, que a natureza entenda, a vaidade sim, aquella sempre vai com passo vacilante, e tremulo; esta conduz o peito ardente, e furioso: por mais que se encontrem precipicios, e que os olhos só vejaõ fogo, e sangue, nem por isso desmaia o coração que a vaidade anima. Aquelle a quem o escudo da fortuna cobre, e que marcha resolutos, já cuida que está vendo os faustos do triumpho: aquel-

aquelle que prostrado , já fica agonizando ; parece-lhe que expira ou n'os braços da victoria , ou n'os da fama. Que felicidade de morrer ! A vaidade tira da morte o semblante pallido , e horroroso , e só a deixa ver ornada de palmas , e troféos.

O valor não he igual em toda a parte ; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha empresas de mais , e de menos vaidade , por isso as ha de menos , e mais valor. A vaidade augmenta , e diminue , á proporção do seu motivo ; e da mesma sorte o valor diminue , e augmenta á proporção da sua vaidade. A razão do esforço regula-se pela razão da vaidade ; d'aqui vem , que em hum conflicto grande , os animos se elevão , e arrebatão ; porque algumas vezes he questão do destino de hum Imperio ; em lugar que o ardor he lento , quando só se disputa hum posto vantajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco n'a fortuna militar ; então quer o soldado distinguir-se com maior excessso , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rei : aquella he a occasião , em que acaba hum dos combatentes vaticinando que o seu nome ha de escrever-se nos annaes da historia ; por  
isso

isso corre a affinalar-se em hum dia , que ha de servir de época aos seculos vindouros: nenhum entra n'a peleja indifferente , todos fazem a causa sua ; huns combatem pela gloria do successo , outros pela honra da assistencia ; e todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coração , inflamma a vaidade , e esta , que communmente move , então accende.

Naõ he isto assim na solidão de hum ermo. O mesmo homem , que fez a admiracão da guerra , posto em hum bosque he outro. O sussurro de huma fonte , que se despenha , o sobressalta ; o movimento de huma folha , que cahe o atemorisa ; o ruido , que o vento faz , o altera ; tudo lhe parece huma emboscada ; n'a mesma sombra de hum carvalho , se lhe figura hum esquadrão armado : esta he a differença , que vai de hum homem com vaidade , ao mesmo homem quando está sem ella ; n'a campanha domina o espirito de vaidade , n'o bosque naõ ; por isso o valor sobra n'a campanha , e n'o bosque falta ; e com effeito n'aquella parte adquire-se a fama , e n'esta só se salva a vida ; n'aquella consegue-se o applauso , n'esta só se busca a liberdade do cam-

mi-



minho : n'aquella ha muitos que vejaõ , que digaõ , e que escrevaõ , n'esta naõ ha mais do que troncos mudos ; n'aquella fazem Corte os Soberanos , n'esta só se alvergaõ foragidos ; n'aquella todos se mostraõ , n'esta todos se escondem ; aquella he hum theatro de acções illustres , esta he hum reducto de acções abominaveis : finalmente alli nasce a nobreza , aqui extingue-se ; alli perde-se a vida com honra , aqui conserva-se a mesma vida com ignominia. Que notaveis differenças ! Em hum lugar tantos motivos de vaidade , e nenhuns em outro : por isso o valor he proprio n'a campanha , e n'o ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma , se lhe falta a vaidade , o braço logo fica sem vigor , e sem alento o peito : n'o perigo em que naõ ha vaidade , a natureza só se lembra do horror da sua ruina.

A fugida traz consigo o vituperio , por isso muitos naõ fogem , porque os vêem ; e fugiriaõ , se os naõ vissem ; muitos se retiraõ em quanto os naõ conhecem , mas naõ depois de conhecidos ; como se a deshonra naõ estivesse n'a retirada , mas n'a noticia d'ella : ninguem se quer expor , se a vaidade o naõ expõe ; e ainda que a vaidade  
naõ



naõ tira o medo , com tudo esconde-o ; e assim vimos a ser destemidos , naõ só porque a vaidade nos obriga , mas tambem porque nos engana : n'õ meio do precipicio , naõ deixa ver toda a extensãõ d'elle , e por mais que seja certo o nosso estrago , sempre a vaidade para animar-nos , o mostra como duvidoso ; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade naõ nos deixa , senãõ depois que nos entrega á morte , e só a morte que nos acaba , he o que acaba tambem a nossa vaidade.

O facinoroso he tímido , porque o crime que envilece , acobarda. A vaidade , que tambem interiormente accusa , assim como augmenta as forças d'onde vê alguma occasiãõ de brio , tambem as debilita , d'onde encontraõ huma apparencia de desdouro : n'õ crime o animo se abate , menos pelo medo do castigo , que pela qualidade d'elle ; d'aqui vem que ha mais resoluçãõ n'õ delicto , que naõ irroga infamia ; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa ; a mesma vaidade lhe serve de tormento , e o obriga a confessar. As Leis conhecêraõ bem este principio , por isso imagináraõ penas vis ; pozeraõ distincãõ n'õ modo de as  
ex-

executar ; e sabiamente introduziráo nobreza, até n'õ modo de morrer.

Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda maior ; isto he huma pena permanente , successiva , indelebil : que comprehenda culpados, e innocentes ; que induza infecção fatal , naõ só n'õ sangue dos que eslaõ , mas tambem n'õ sangue dos que haõ de vir ; e que faça detestavel , naõ só o author do crime , e a sua descendencia ; mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que naõ temem o castigo , pelo que este tem de insupportavel , mas pelo que tem de infame ; e que o naõ receaõ pelo que toca a si , senaõ pelo que ha de tocar aos seus ? A corrupção da natureza , chega n'elles a desprezar a sua propria conservação , mas naõ a sua reputação ; desatendem ao seu opprobrio pessoal , mas naõ á aquelle que ha de ficar , e continuar nos que haõ de vir depois : este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina , que o perder a vida naõ he grande pena ; porque esta verdadeiramente naõ assenta em se perder a vida mas em a perder anticipadamente ; e com effeito naõ he grande o mal , que sempre he infallivel por

por outra parte, e que por ora só consiste n'a circumstancia do tempo ; isto he, em ser com antecedencia, e ser já, aquillo que certamente ha de vir a ser d'aqui a pouco : por isso o prezo, que se mata, he como hum prezo que foge ; hum, e outro, illudío o castigo, porque este devia consistir n'a duraçãõ, e naõ n'a extincçaõ. D'aquella sorte ficou impunido o crime? Naõ, porque supposto se auzentasse o delinquente, cá deixou o nome, e a memoria, e n'esta ainda tem lugar a pena ; contra ella se fulmina a condemnaçãõ de hum labéo perpetuo : o que acabou com a fugida, ou com a morte, foi a pena temporal, e por consequencia pena curta, porque acabava com a vida ; mas fica subsistindo a pena da ignominia, pena quasi sem fim, porque a tradiçãõ, e a historia a fazem renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito, e a estimaçãõ dos homens ; por isso o desprezo afflige, ainda só considerado em hum cadaver, em huma posteridade, em hum nome ; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor ; naõ pelo que he, mas pelo que representa ; o criminoso, que de longe a considera, se estremece ; por via do

penfamento se lhe communica de alguma forte a dor, e assim nem por fugir ao castigo, fica livre d'elle. A vaidade entende que tudo quanto he noffo, he susceptivel de afflicção, e de prazer, de respeito, e de vituperio; e assim nos persuade, que para as razões da inagoa, e do contentamento, a noffa semelhança tem fer, a noffa sombra vida, e a noffa estatua sentimento.

A falta de Religião, e de bons costumes, faz cahir o homem n'o estado total de perversidade; a falta de Religião consiste em senão temer a Deos, a falta de costumes resulta de senão temer os homens: e verdadeiramente quem não temer a Lei de Deos, nem as leis dos homens, que principio lhe fica por onde haja de obrar bem? A noffa natureza propende para o mal, por isso foi preciso prescrever-lhe hum certo modo de viver; vivemos por regras. N'o exercicio do mal achamos huma especie de doçura, e de naturalidade, as virtudes praticão-se por ensino, o vicio sabe-se, a virtude aprende-se. Miseravel condição do homem! O que devia saber, ignora, e o que devia ignorar, sabe: para o que nos he util necessitamos de estudo, e para o que nos he

he pernicioso não ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento. He necessário que nos esqueçamos do mal , que já sabemos , e que nos lembremos do bem , que devemos saber ; huma cousa custa-nos a lembrar , a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte , sem tempo , sem mestre , e sem trabalho ; a virtude não vem communmente , senão como fruto da experiencia , da meditação , dos preceitos , e dos annos : para o vicio não necessitamos de conhecer , nem saber nada , para a virtude he nos preciso conhecer , e saber tudo. Difficultosa empreza ! Exercitamos o vicio , ficando da mesma sorte que somos ; em lugar que as virtudes , não as praticamos , sem que nos mudemos ; toda a vida levamos n'esta emenda : feliz o que a consegue ! Hum homem ás aveffas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem , não temos mais do que consultar a natureza , e fazer o contrario ; se este documento fosse universal , e não tivesse alguma , ou muitas limitações , estava achado o meio de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante , então cada hum de nós tinha em si o caso , e a lei ; só com



a differença , de que por obrigação da mesma lei , se havia de seguir a disposição que lhe fosse mais contraria ; a sua observancia devia consistir n'a inobservancia , e a obediencia n'a desobediencia : e com effeito ha muitas cousas , que as não vê quem está n'o mesmo lugar , mas sim quem está em lugar opposto ; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconforme : e outras , para serem vistas como são , não se haõ de ver directamente. Ha muitas partes d'onde senão póde chegar , se logo n'o principio senão toma humra derrota falsa ; e ainda n'as verdades ha algumas , que senão podem alcançar , se não pelo caminho do erro ; para acertar tambem he necessario ver primeiro o desacerto ; a qualidade da luz distingue-se melhor pelos effeitos da sombra : quem olha para os montes do Occidente , vê primeiro nascer o Sol , do que quem inclina a vista n'o Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós , isto he das nossas paixões , e entre ellas das nossas vaidades , d'estas porém não devemos fugir sempre , porque a vaidade ás vezes he hum vicio , que serve de moderar , ou impedir os outros ; e com effeito quem não  
tem

tem vaidade alguma despreza a reputação , e por consequencia a honra ; esta constitue huma Religião humana , que senão póde desprezar sem crime ; por isso o homem de iniquidade he a quem desempareou não só a virtude da razão , mas tambem o vicio da vaidade. D'aqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade , a substancia não ; não ha de ser o corpo ; mas a superficie.

N'os contratos tem pouca parte a boa fé ; as obrigações não bastaõ , e as clausulas , por mais que sejaõ fortes , todas se controvertem , e pervertem : as condições , por mais que sejaõ claras , escurecem-se ; nunca faltaõ pretextos para duvidar , nem meios para se fazer questão d'aquillo , em que a não póde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida , da duvida nasce o argumento , do argumento a desunião , e d'esta a dissolução do contrario , ou a acção para o desfazer. N'o principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa n'ellas entrar a controversia , depois de celebradas em cada ponto se achaõ mil motivos de disputa ; huma virgula de menos , ou de mais , he bastante fundamento para huma larga discussão. Quando senão póde negar o ajuste ,  
ne-

nega-se-lhe o sentido ; e este quando senão pôde mudar , interpreta-se , e vem a ser o mesmo : o que não tem interesse em cumprir o ajuste he , o que descobre n'elle as implicancias , e defeitos , que os outros lhe não vem : não ha cousa mais subtil do que a malicia ; a sinceridade he simples , grosseira , e innocente : o engano todo se compõe de arte ; por isso a perspicacia n'os homens he qualidade suspeitosa , e que tem menos valor , que o que communmente se lhe dá ; porque senão he final de hum animo dobrado , e infiel , ao menos he prova de que o pode ser. Quem sabe o como o mal se faz , está mui perto de o fazer ; e quem sabe o como o engano se pratica , tambem não está longe de enganar. A sciencia do engano he já hum principio d'elle ; que lhe falta a occasião , e a vontade ? A occasião pôde offerecer-se , e a vontade poucas vezes resiste a occasião. Por isso n'os contratos he mais perigosa a fé n'os que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou não ha conveniencia , ou esta já passou ; queremos afastar-nos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta

ta

ta o modo, a resolução não. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente, e isto em ordem a mostrar, que se mudamos, he por vicio do contrato, e não por nosso vicio. A repugnancia voluntaria, queremos fazer passar por necessaria: o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço, com tanto que a violação se attribua a outrem; e o ser a culpa nossa não importa, com tanto que pareça alheia; aquillo em que hontem não havia nada de impossivel, porque era questão de receber, hoje he todo impraticavel, porque he questão de dar; hontem parece que os montes se reduziao a planicies, hoje as planicies se reduzem a montes. Qualquer cousa he hum obstaculo intratavel: assim devia ser, porque o prometter he facil, o cumprir difficuloso: para prometter basta a intenção. Quem promete, exercita hum acto de liberdade, por isso póde haver gosto n'a promessa; quem cumpre, já he por força da obrigação, por isso em cumprir ha huma especie de violencia: a ninguem se obriga a que prometta, a que cumpra sim; n'o prometter fazemos nós, n'o cumprir fazem-nos fazer; em huma cousa nós somos o que obramos, n'a outra não; pa-

para aquella vamos , para esta levaõ-nos ; n'õ tempo de prometter o que vemos , saõ agradõs , n'õ tempo de cumprir o que achamos , saõ durezas : huma cousa nos inclina , a outra offende-nos ; quando promettemos , ficamos bem comnosco , porque nunca faltaõ agradecimento , e lisonjas , e por consequencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal comnosco , porque com mumente nos arrependemos. Que cousa he o arrependimento , senaõ huma ira contra si proprio ? Estes saõ os motivos de que nasce a deslealdade n'õs contratos ; e que poucos se haviaõ de observar , se a vaidade que em tudo nos governa , naõ nos obrigasse a guardar a fé n'as nossas convenções ! Estas , quando se cumprem , naõ he por vontade , mas por vaidade ; como o nosso empenho he conservar a estimaçaõ , e opiniaõ dos homens , por isso tememos que alguem diga , que mudamos , que faltamos ao ajuste , e á palavra , ou que enganamos : todas estas expressões infamaõ , porque contêm hum caracter de reprovaçaõ universal , trazem o desprezo em consequencia , e se se justificaõ , fazem perder o nome , e o respeito , á maneira de huma profri-



cripção , ou anathema civil ; por isso a vaidade se estremece , e nos obriga a ser leaes , por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa: de sorte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos se revolta , e se dirige : e assim são poucas as cousas , que fazemos só pela obrigação , que temos de as fazer ; he necessario que outro maior motivo nos incite ; o que não fazemos pela verdade , fazemos pela vaidade , e d'esta sorte tudo quanto obramos , he por hum principio vicioso : o bem muitas vezes desce de huma origem má ; a razão n'o homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro ; o licor sempre se contamina com a infecção do vaso ; esse em nós he a vaidade.

São raras as acções , que sejam illustres por si mesmas ; apenas haverá algumas , que não deixem conhecer que vem do homem. As mais das cousas admiraõ-se , porque se não conhecem ; e juntamente porque n'ellas ha hum rico véo , que as cobre : vemos hum exterior brilhante , que muitas vezes serve de esconder hum abyssmo horrendo ; a mesma luz arma-se de raios , para que não possa examinar-se d'onde lhe vem os resplan-

plandores : a formosura em tudo nos attrahe ; a nossa admiração não póde passar além ; d'onde a encontra ,ahi fica suspensa , e cega. Isto succede n'as acções dos homens ; as mais sublimes , parece que nos cegaõ , e suspendem ; e talvez seriaõ detestaveis , se lhes não ignorassemos as causas. Tudo o que tem ar de grande prende a nossa imaginação de sôrte , que não fica livre para discorrer n'a cousa senaõ n'o estado de grandeza em que a vê , e não para indagar de d'onde veio , nem como veio. As aguas que saltaõ de hum rochedo , e que correm velozmente para o mar , antes que lá cheguem , vaõ passando por lugares diferentes ; em huns alargaõ-se , em outros cabem mal ; em huns achaõ fundo , e caminhaõ docemente , em outros só vaõ lavando a branca arêa ; em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-se ; em huns não encontraõ embaraço , correm facilmente , e com socego , em outros detem-se , porque passaõ por penedos desiguaes , em huns parece que fogem , em outros tambem parece que descansaõ ; em huns vaõ sem rodeio , em outros retrocedem , e se quebraõ em mil giros ; aqui vaõ regando a flor do campo , alli vaõ banhan-

nhando o junco humilde ; aqui correm transparentes , e alli vão turvas , e limosas. Estas são todas as mudanças por onde passam as aguas de huma fonte , desde que deixam o rochedo d'onde nascem , até que entram n'o mar a d'onde morrem : confundidas hoje as suas aguas , já não são aguas de huma fonte ; já não são aquellas , que vieram de hum rochedo sombrio , e cavernoso , mudado o nome , e o theatro , agora estão formando a immensidade do Oceano : já não servem de animar o prado , nem de triste companhia a hum amante solitario ; já não servem de espelho ás verdes ramas , nem o seu sussurro serve já de liquido instrumento ao canto singular das aves ; finalmente já não são cristaes as suas aguas , são ondas. D'esta mesma sorte são os homens : assim sabem , assim buscam , e assim chegam ao estado da grandeza ; a vaidade , que os leva , e acompanha , logo lhes tira da memoria o lugar de que vieram , e os que andaram , e só lhes mostra aquelle a d'onde estão : ha muitas cousas que não queremos , ou não podemos ver nem n'a sua origem , nem n'o seu progresso ; a excellencia do fim nos occupa inteiramente , e impede , que vejamos a fatalidade , ou indignidade dos  
seus

seus meios; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de attenção, de respeito, a fortuna não escolhe os homens, favorece ao primeiro que encontra, porque todos para a fortuna são iguaes, valem o mesmo; por isso o imperio do destino he absoluto, sem regras, preceitos; a vaidade nos infinúa, que todos os meios, e caminhos são bons, quando se alcança: a gloria do successo regula-se pela qualidade da victoria, e não pela qualidade do vencedor; importa menos saber, quem he o que vence, ou como vence, do que saber sómente quem vence: os homens só n'a razão de homens tem igual direito huns para subirem, e outros para descerem; o merecimento só se peza n'aquelles que cahem, e não n'os que sobem. Os caminos examinaõ-se aquelles por onde se não chegou, e os meios são desapprovados, quando por elles se não conseguio; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados; a desgraça não he assim, porque os deixa duvidosos, e sujeitos ao exame: as acções, que conduzirão a algum fim grande, ainda que injusto, são menos aborrecidas; e isto á imitação da luz, que introduz a claridade n'a mesma escuridade



daõ das trévas. N'a parte em que domina algum usurpador , para elle he que se olha , e naõ para a usurpação ; vê-se a altura do throno , e naõ se vem os degrãos por onde se subio a elle ; os meios por mais que se-jaõ horrorosos , naõ se consideraõ , porque saõ como degrãos , que se pisaõ ; o ponto he que o fim seja feliz. Se a vaidade fosse huma virtude , só nos havia de inspirar meios virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , naõ faz horror a quem necessita da traição , da tyrannia , e da crueldade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a fortuna parece que se irrita de que a naõ busquem por todos , e quaesquer modos : naõ ha cousa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.

A ambição dos homens por huma parte , e pela outra a vaidade , tem feito da terra hum espectáculo de sangue ; a mesma terra , que foi feita para todos , quizeraõ alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres , os Cesaes , e outros mais conquistadores ; heróes naõ por principio de virtude , ou de justiça , mas por hum excessõ de fortuna , de ambição , e de vaidade. Esses mes-



mesmos , que tomados por si sós cabiaõ em hum breve espaço , medidos pelas suas vaidades , apenas cabiaõ em todo o mundo ; que mais podia excogitar a vaidade , do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito , e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder ; que tudo estava já sujeito , e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra , e toda a valtidaõ do mar. Aquella vaidosa infelicidade de que se lamentavaõ , consistia em naõ haver mais mundos que pudessem invadir , devastar , vencer ; era desgraça n'elles o naõ poderem fazer mais desgraçados. Huma conquista injusta sempre começa pela oppressaõ dos homens conquistados , e pelo destroço de huma terra alheia , por isso as façanhas que só tem por principio a vaidade do valor , reputaõ-se grandes á proporçaõ da impiedade , com que o mesmo valor as executa ; fazem-se famosas pela mesma impiedade : d'aqui vem que nos annaes da Historia , a parte que se admira mais , e que mais se imprime n'a lembrança , he aquella em que a narraçaõ se compõe de successos mais crueis ; e em que os campos , que foram de batalha , cobertos ainda hoje de esque-

queletos informes , e partidos conservaõ certo horror ; effes campos fataes , em que se observaõ espectros , de baixo da visãõ de humas luzes volateis , e em que se ouvem ainda hoje , entre o rouco som de caixas , e trombetas , vozes mal articuladas , alaridos confusos , e lamentos tristes ; effes campos , que depois de muitos seculos ainda trazem á memoria representações funestas , e em que as plantas , parece nascem com medo , e que o humor , que recebem da terra , he sensitivo ; effes campos finalmente foraõ os mesmos , em que a vaidade vencedora , arrancou os louvores para coroar as suas empresas. Que monstro inspiraria a regra de medir-se a gloria dos combates , menos pela consequencia d'elles , que pelo estrago : menos pela utilidade , que pela ruina , menos pela fortuna de huns , que pela desgraça de outros ? Quantos maiores saõ os ais , os gemidos , e os clamores , tanto maior he a acção , e a vaidade de quem os move. Que imaginação barbara , e feroz , seria a que ideou n'õ vencimento o ser superior aquelle de que resulta humas desolação universal ? O ser cousa de que o mundo tome outra figura , outra ordem , outro mo-

vimento; o ver perturbadas as gentes, cheias de afflicções, e espanto; o achar todos os caminhos humedecidos com lagrimas; rubricados com sangue, e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonisantes; o ouvir n'o ar em eccos entercadentes huma multidão de soluços, e suspiros: o abater imperios, e fazer d'elles desertos solitarios; tudo fórma hum objecto agradável, pomposo, e illustre, em que a vaidade se inflamma, se estende, e ensoberbece. A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força, que a Providencia repartio por muitos; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana.

Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organisados pela mesma fórma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silencio da noite, annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribue em annos, mezes, e horas, para todos se compõe  
do

do mesmo numero de instantes. Esta transparente região a todos abraça ; todos achão n'os elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se communicaõ. O mundo não foi feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso d'elles todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituição ; todos achamos n'o mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades ; e hum giro successivo entre o gosto , a dor , a alegria , a tristeza , a aversaõ , e o amor ? Ainda ninguem nasceo com a propriedade de insensivel ; a vida não pôde subsistir , sem estar subordinada ás impressões do gosto , e do sentimento. Todos nascemos para chorar , e para rir ; a circumstancia de chorar mais , ou menos , resulta de cada hum de nós. A violencia , e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer ; e quem appetece , já se expõe aos delirios do riso , e ás amarguras das lagrimas ; esse mesmo appetecer ainda só por si , he huma es-

G

pe-



pecie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chega primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, já nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem, não he necessario que estejaõ em nós; basta que os vejamos de longe: a nossa sensibilidade tem maior força n'a nossa mesma apprehensão; d'aqui vem que n'o mal, que se espera, ou se receia, não póde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão maior; em lugar, que o mal que já se sente, póde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritalizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia d'ellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e d'este modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido os effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta n'aquillo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegaõ, já nos achaõ saciados; porque o de-

se-



sejo he huma especie de gozar mais activa , e mais duravel , mais forte , e mais continua ; d'aqui procede o ser taõ delectavel a esperança , porque he huma especie de possessão d'aquillo que se espera. Quem imagina o que deseja , tudo pinta com cores lisonjeiras , e mais vivas ; por isso a verdade he grosseira , e mal polida , tudo o que descobre , he sem adorno , antes faz desvanecer aquella apparencia feliz , com que os objectos primeiro se deixaõ ver n'a idéa , do que se mostrem n'a realidade. Todas estas propensões , e inclinações se encontraõ em cada hum de nós ; e assim devia ser , porque as variações do tempo , da idade , da fortuna , e dos successos , a todos comprehende , e a todos iguala ; só a vaidade a todos distingue , e em todos põe hum final de differença , e hum caracter de desigualdade , e por mais que a terra fosse feita para todos , nem por isso a vaidde crê , que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer ; por isso nos inspira , que ha desigualdade n'o que he igual ; que ha differença n'o que he o mesmo ; e que ha diversidade d'onde á naõ póde haver : mas que importa que

a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de differente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso tímido, e cobarde. Os homens mudam-se todas as vezes que se vestem; como se o habito infundisse huma nova natureza: verdadeiramente não he o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habito. De baixo de hum aprestito militar, concebemos hum guerreiro valeroso; de baixo de huma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, he hum Jurisconsulto rigido, e inflexivel; de baixo de hum semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem, vem ser hum homem graduado,

do, illustrado, inspirado de sorte que os attributos, com que a vaidade veste ao homem, são substituidos n'ò lugar do mesmo homem; e este fica sendo como hum accidente superficial, e estranho: a mascara, que encobre, fica identificada, e consubstancial á cousa encoberta; o véo que esconde, fica unido intimamente á cousa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarnição he a que faz o homem, e este homem de fóra he a quem se dirigem os respeitos, e attensões; ao de dentro não: este despreza-se como huma cousa commua, vulgar, e unifórme em todos. A vaidade, e a fortuna são as que governão a força d'esta vida; cada hum se põe n'ò theatro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade o poem; ninguem escolhe o papel; cada hum recebe o que lhe dão. Aquelle que sahe sem fausto, nem cortejo, e que logo n'ò rosto indica, que he sujeito á dor, á afflicção, e á miseria, esse he o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella, em huma mão tem o relógio do tempo, n'a outra tem a foice fatal, e com esta de hum golpe certo, e inc-

vi-

vitavel, dá fim á tragedia, corre a cortina, e desapparece: a fortuna, e a vaidade, que vem desbaratada a scena, cahidas por terra as apparencias, prostrados os actores, emmudecido o coro, trocados os clarins em flautas tristes, os hymnos em trenos, os canticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos, os girasoes em desmaiadas affucenas, entrelaçados os louros n'ó cipreste, os cajados confundidos com os sceptros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum instante viraõ desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixaõ hum lugar cheio de horror, e sombras, e d'onde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.

A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gosar das cousas n'a sua simplicidade natural. Os elementos naõ saõ em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser propor-

cio-

cionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio ; n'ó vicio tambem se pôdem encontrár alguns raios de virtude; incapazes de hum ser constante , e solido , apenas se pôde dar em nós virtude sem mancha , ou perfeito vicio: a justiça tambem se compõe de iniquidade semelhante á harmonia , que não pôde subsistir sem dissonancia , antes com correspondencia certa ; a dissonancia hé huma parte da harmonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver , isto he , confusamente , e por isso quasi sempre as vemos como ellas não são. As paixões formão dentro de nós hum intrincado labirinto , e n'este se perde o verdadeiro ser das cousas , porque cada huma d'ellas se apropria á natureza das paixões por onde passa. Tomamos por substancia , e entidade , o que não he mais do que hum costume de ver , de ouvir , e de entender ; a vaidade , que de todas as paixões he a mais forte , a todas arrasta , e dá ao nosso conceito a fórma , que lhe parece : o entendimento he como huma estampa , que se deixa figurar , e que facilmente recebe a figura , que se lhe imprime. A vaidade propõe , e decide logo,  
de



de forte que quando as cousas chegaõ ad'entendimento , já este está vencido ; o que faz he approvar a preocupação anterior , que a vaidade lhe introduz , e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade , e só para a defender , e authorisar , e não para aconselhar. O discorrer com liberdade , suppõe huma exclusão de todas as paixões ; que os homens se possaõ isentar de algumas , póde ser , mas que de todas fique isento ao mesmo tempo , he mui difficil. Tudo quanto vemos , he como por huma interposta nuvem ; o que imaginamos , tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes , incertos , e duvidosos ; e quando nos parece que a nossa vista rompeo a nuvem , e que o nosso discurso desfez o embaraço , entaõ he que estamos cegos , e entaõ he que erramos mais. A vaidade nos tem em hum continuo movimento , e como he paixão dominante em nós , a todas as mais sujeita , e prevalece a todas : semelhante ao impulso das ondas , a que não resiste o fragil de huma não , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque não se oppõe

põe á corrente das aguas , antes as segue , e só assim escapa o naufragio. Quantas vezes o buscar o precipicio he o unico meio de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempestuoso que nos move : o deixar de a seguir , nem sempre póde ser , nem he acertado sempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o não participar de hum contagio universal ; he crime o conservar-se puro n'ó meio da impureza : essas mesmas aguas nos ensinão ; todas se movem ; o furor , com que se quebraõ , as conserva ; o seu repouso seria o mesmo que a sua corrupção.

Em nada podemos estar firmes , pois vivemos n'ó meio de mil revoluções diversas : as idades , e a fortuna continuamente combatem a nossa constancia : tudo consiste em representação que começa , não para existir , mas para acabar ; menos para ser , que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrar-nos , e a fazer parte da diversidade d'elle ; as cousas parece que nos vão fugindo , até que nós vimos a desapparecer tambem. Somos formados de inclinações oppostas entre si , e temos em nós huma propensão occulta

ta, que sobre a apparencia de buscar os objectos, só procura n'elles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio, e desopprime, porque a firmeza he como hum pezo, que não podemos supportar sempre, por mais que seja leve: e com effeito como podem as nossas idéas serem fixas, e sempre as mesmas; se nós sempre vamos sendo outros? Tudo nos he dado por hum certo tempo; em breves dias, e em breves horas se desvanece a razão da novidade, que nos fazia appetecer; fica invisivel aquelle agrado, que nos tinha induzido para desejar. Quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia; não por vicio do desejo, mas porque não temos forças para supportar o bem, nem para conservar o mal? Tudo nos cansa; não só nos he preciso constancia para soffrer; tambem necessitamos paciencia para gozar; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas, primeiro pela nossa indifferença, que pelo fim d'ellas; primeiro porque se acaba em nós o gosto, do que n'ellas a duração; unicamente sensiveis quando começamos a ver, ou a alcançar; então gozamos, depois só possuímos. Os objectos depois de vistos mui-  
tas

tas vezes, ficam como differentes da primeira vez que os vimos; perdem todo o nosso reparo, e attenção: os olhos facilmente se esquecem do que sempre vem; não porque o costume nos tire a admiração, mas porque a fraqueza dos nossos sentidos a não pôde conservar. Oh quão diversos são em si os principios de que se compoem o homem; primeiramente terra, e ultimamente racional! Começa a melhorar-se desde a sua primeira origem até que vem a tornar á aquillo de que procedeo. Infeliz methamorfosis! Tudo o que nasce he para não ser firme, nem constante: a terra apenas alenta as suas producções, quando logo as deixa, e desanima; o mesmo firmamento, com giro rapido, esconde pela tarde os Astros que amanhecerao com a Aurora. Só a vaidade he constante em nós; em tudo o mais a firmeza nos molesta: com o tempo, e a razão vimos a perder huma grande parte da sensibilidade n'ó exercicio das paixões; porém o exercicio da vaidade não se perde com a razão, nem com o tempo. O nosso gosto debilita-se, altera-se, muda-se, e tambem se acaba; a vaidade sempre persiste, e dura: isto deve ser, porque os nossos sentidos



dos usaõ-se ; a vaidade não : n'aquelles o costume os enfraquece, n'esta o costume a augmenta, e aviva. A jurisdicção dos sentidos he muito limitada, porque os olhos só vem, os ouvidos só ouvem, e o tacto só sente ; e para haver ainda menos firmeza n'os sentidos, estes quasi sempre estão enfermos ; e não póde haver constancia, d'onde póde haver enfermidade, de sorte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acções dependem mais da constituição do nosso corpo, que da estabilidade da nossa vontade ; o estado do nosso animo depende da nossa disposição ; por isso a inconstancia he natural, porque logo que nascemos, entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos, mas sim pelos instantes, e cada instante de mais tambem he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com pressa, e com gosto para o fim ; semelhantes aos rios, que apressadamente correm para o mar, d'onde perdem a doçura, e acabaõ. Não ha imagem mais própria da vaidade humana, do que esses mesmos rios ; nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem  
to-



todos trazem do monte Olimpo a origem ;  
 nem todos correm por entre flores , por  
 entre platanos , e cedros ; nem todos tra-  
 zem ouro n'as arêas , porque nem todos vem  
 de d'onde vem o Tejo ; huns assim que nas-  
 cem , logo formão hum diluvio de agua ,  
 innundaõ a campanha , e com violencia , e  
 pezo , tudo abatem , forçaõ , levaõ ; o lei-  
 to que os sustenta , em partes se abre , se  
 rompe , e se desfaz. Outros rios mais pe-  
 quenos n'õ principio , depois se fazem cau-  
 dalosos , n'õ caminho engrossaõ com em-  
 prestadas aguas , que recebem : huns cor-  
 rem por cima de esmeraldas , outros naõ  
 tem n'õ fundo mais do que humildes con-  
 chas , pardos seixos , verdes limos ; huns  
 nascem entre cristaes claros : outros entre  
 rocha escura , huns passaõ escumando , e  
 com estrondo , outros só murmuraõ ; huns  
 achaõ campo largo , em que as aguas se di-  
 lataõ , e em que o Sol se vê , outros correm  
 prezos , e opprimidos por entre serras agres-  
 tes , e sombrias ; huns tem alto o nascimen-  
 to , porque este he n'õ cume de altos mon-  
 tes , por isso ainda quando descem passaõ  
 com estrepito , e furor ; outros tem o mes-  
 mo nascimento baixo , porque este he n'a  
 par-

parte mais remota de hum valle inferior , por iſſo correm manſamente , e ſem ruido , ſó ſe deſejaõ ver , e naõ ſe ouvem ; finalmente huns ſaõ frios com exceſſo , outros tem calor ; huns ſervem de remedio , outros de mal ; de huns ſabe-ſe o principio , de outros naõ ; huns tem nome faſoſo n'os annaes da hiſtoria , outros apenas ſe conhecem. Todas eſtas differenças , encontraõ-ſe n'os rios ; huns pequenos , outros grandes ; huns elevados , outros abatidos. Parece que tambem n'as aguas ha fortuna , e vaidade. Mas que importa , a differença dos lugares , naõ faz que as aguas ſejaõ diferentes : que humas naſçaõ n'os montes , e outras n'os valles ; que humas venhaõ das nuvens , e outras da terra : que humas corraõ claras , e outras turvas , nada d'iſſo faz n'as aguas diverſidade alguma ; todas ſaõ as meſmas n'a razaõ de aguas ; o que ſuccede he paſſarem por lugares diferentes ; a natureza , o principio , e o fim he o meſmo ; todas vem do mar , e tornaõ para o mar ; o ſerem as aguas muitas , de forte que cheguem a formar hum rio , ou ſerem poucas , de forte que ſó fórmeim huma fonte , naõ introduz n'ellas differença. Quem ha de dizer,

zer, que muitos homens, juntos n'a razaõ de homens, sejaõ differentes d'aquelles que estaõ sós? Omar he o centro de d'onde as aguas sahem, e para d'onde tornaõ; os meatos da terra em humas partes saõ estreitos, e em outras largos, d'aqui vem que quando as aguas chegaõ á superficie do globo, succede sahirem com mais, ou menos abundancia, e assim naõ differem os rios das fontes, senaõ n'o diametro do canal, e em este se terminar em algum monte, ou algum valle; e n'esta fórma de que se desvanecem esses rios? Será de passarem por caminhos mais, ou menos largos? De se juntarem huns com outros, e fazerem mais volume? De encontrarem diamantes? Ou de acharem hum campo mais, ou menos dilatado? Nada d'isso he seu. Que lustre póde resultar do encontro de huma coula alheia, distincta, separada, e estranha? As aguas passaõ como saõ, e por passarem por rubins, naõ se convertem n'elles, nem se dignificaõ pela qualidade do caminho: o correrem mais juntas, naõ lhes muda a natureza; a substancia de huma pinga de agua, he a mesma que a de hum rio inteiro; o tamanho he circumstancia ex-

te-

terior , e independente. N'a creação do mundo não houve n'as aguas differença , só houve divisaõ ; a diversidade só foi n'o nome , e n'o lugar ; mas não n'a materia original : o Elpirito vivificante , e eterno , em todas infundio hum movimento proprio , circular , fecundo , e sujeito ás leis do pezo , e do equilibrio. Ha pois n'as aguas o mesmo nascimento em todas , a mesma propriedade , e o mesmo fim. Assim são os homens ; n'o seu genero , tem com as aguas hum paralelo , ou figura igual. Nem todos nascem n'a abundancia : nem a todos a fortuna lisonjea ; huns parece que nascem para o descanso , outros para o trabalho , huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulencia , outros para a miseria ; huns para o respeito , outros para o desprezo ; huns para a memoria , outros para o esquecimento , huns para a bonança , outros para a tormenta ; huns para venturas , outros para desgraças ; huns para as attensões , outros para os descuidos ; a huns vemos subir , a outros descer. Mas que importa que n'o exterior do homem haja tanta differença , se n'o seu interior não ha nenhuma ? Que importa que se-

sejaõ diversos os lugares, se n'os sujeitos não ha diversidade? Quem ha de haver que diga, que o homem que está posto n'ó elevado de huma torre, seja mais homem, que aquelle que está posto em campo razo? O homem muda de lugar, mas não muda o ser de homem; em toda a parte he o mesmo, e em nenhuma he mais, nem menos; póde parecer maior, mas ser, não. O Sol n'ó meio dia brilha mais, não porque deixe de ser o mesmo, nem porque entãõ tenha mais luz, mas porque esta faz mais effeito em hum lugar, que em outro; n'ó Occaso, e n'ó Oriente he o mesmo Sol, e a mesma luz; mas não parece o mesmo. Assim são os homens; em qualquer parte que os ponhaõ, todos são iguaes, e uniformes; a differença, que ha entre elles, não tem outro fundamento, que o que vem da preocupação, e do conceito; são duas cousas, e ambas vãs, porque nenhuma tem realidade. A fortuna póde armar o homem com jeroglificos, e adornos figurados, mas não o póde armar senão por fóra; quem levantar as roupas, ha de ver o engano, e a supposiçaõ, e não ha de achar mais do que hum homem como os outros, cujo

H

or-



ornato he de pura fantasia , arbitraria , artificial , e separavel ; a fortuna póde vestir , não póde formar ; sabe fingir , mas não sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compõe de hum ceremonial imaginario , mudavel , de instituição nacional , e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade , e da lisonja , primeiro que exhale o seu perfume , arde , e n'ó ar se extingue , e se consome. Tudo o que nos recreia , e nos attrahe , he exalação , e fumo ; por isso o emprego da vaidade todo consiste em dar substancia ás vozes , entidade ao modo , e corpo ao vento.

A vaidade satisfeita , ou offendida , he a que nos faz buscar a solidaõ , e o retiro ; como temerosos de perder a tristeza , em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males , em que a vaidade parece se deleita ; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes n'os soçobra ; não só o excesso , mas ainda a mediocridade d'ella ; porque nunca a gozamos sem alguma perturbação : hum receio insensivel de a perdermos , basta para opprimir-nos , e por mais que o contentamento nos extasie , nunca nos deixa em estado de não sentir. A vaidade  
fa-

fatisfeita não nos entrega á alegria, sem primeiro a temperar, com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza. A uniaõ do gosto com o pezar não he incomparavel, por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humanidade muitas vezes se encontraõ, se unem, e se conservaõ.

A mais pura alegria he aquella que gozamos n'õ tempo da innocencia; estado venturoso, em que nada distinguimos por discurso, mas por instincto; em que nada considera a razaõ, mas sim a natureza. Entaõ circula veloz o nosso sangue, e os humores que em hum mundo novo, e resumido, apenas tem tomado os seus primeiros movimentos, os humores saõ os que produzem as nossas alegrias; e com effeito não ha alegria sem grande movimento; por isso vemos, que a tristeza nos abate, e a alegria nos move: o socego ainda que indica contentamento, com tudo mais he representaçã da morte que da vida, e a tranquillidade póde dar descanso, porém alegria não a dá sempre. Mas como póde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos, se ainda entaõ a vaidade não domina em nós? Entaõ só

sentimos o bem , e o mal , que resulta da dor , ou do prazer ; depois tambem sentimos o mal , e o bem da opiniaõ ; isto he da vaidade : por isso muitas cousas nos alegraõ , que tomadas em si mesmas , naõ tem mais bem , que aquelle com que a vaidade as considera ; e outras tambem nos entristecem , que tomadas só por si , naõ tem outro mal , que aquelle que a mesma vaidade lhes suppõe. A vaidade naturaliza em nós as opinioes do mundo ; e de tal sorte , que o conceito , que formamos das cousas , por mais que nos seja indifferente , ou incerto , sempre faz em nós huma verdadeira impressaõ de alegria , ou de tristeza. Tudo o que sabemos , he como por tradicçaõ : porque successivamente himos deixando huns aos outros as intelligencias , em que se fundaõ as nossas vaidades , e as himos passando como de maõ em maõ ; as que recebemos dos que já vieraõ , essas mesmas havemos de deixar aos que haõ de vir ; he huma herança , que se distribue igualmente a todos , e que todos largaõ , e entregaõ n'a mesma fórma que recebem ; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos , e suppostos , porque lhes falta a authoridade do tempo , que

as

as devia authenticar. Tudo envelhece n'ó mundo ; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel : a antiguidade ennobrece as vaidades , e opiniões , e d'estas as modernas são menos singulares , por que tem a desgraça de começar : d'aqui vem que não temos alegria , senão em quanto não temos vaidade , e não temos vaidade , senão em quanto não temos sciencia d'ella. A entrada da vida he innocente , por isso então he pura a alegria ; a continuação da mesma vida he vaidosa , por isso a alegria então he imperfeita. N'os primeiros annos vemos as cousas como ellas são , depois vemo-las , como os homens querem , que ellas sejaõ ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; n'aquelle a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade : depois procede de huma natureza já instruida , e por consequencia vaidosa. Que cousa he a sciencia humana , sem huma humana vaidade ? Quem nos dera , que assim como ha arte para saber , a houvesse tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.

Somos compostos de huma infinidade de paixões diversas, e entre ellas a alegria, e a tristeza saõ as que se manifestaõ mais, e as que saõ mais difficeis de occultar: o semblante reveste-se do estado do nosso animo, e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima, ou se mostra prostrada, e sem acção, ou cheia de huma justa desordem, e de alento; se se vê afflicta, nos desempara, e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos; contente, procura apparecer, e se faz visível debaixo da fórma do nosso riso. Isto mesmo succede á vaidade; não se póde esconder, por mais que tome a figura de humildade, de submissaõ, e reverencia; a mesma vaidade quando está contente, logo se descobre, e se deixa ver debaixo de hum ar altivo, e arrogante; se está menos satisfeita, entaõ he que toma hum ar de devoção, e desengano: com tudo a hipocrisia da vaidade póde durar muito; porque como os homens de tudo se intumecem, em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial; por isso não só ha vaidade n'a alegria, mas tambem n'a tristeza: o homem não só se desvanece da fortuna, mas tambem da desgraça; de sorte que a  
vai-



vaidade he o mesmo que huma consolação universal.

A fortuna nos dispõe para a alegria , mas não he só o que a causa ; a desgraça conduz para a tristeza , porém não he só , o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porção de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgraça não a produz , só a desperta. Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixões , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá. Estamos n'o mundo para ser alvos do tempo ; e d'este todas as mudanças não se dirigem a nós , dirigem-se á nossa vaidade : os successos fazem effeito em nós , porque primeiro o fazem n'a nossa vaidade ; de sorte que hum homem sem vaidade seria o mesmo que hum homem insensível ; o prazer , e o desgosto , que não vem das primeiras Leis da Natureza , saõ vãos em si mesmos , de instituição politica , e unicamente creaturas da vaidade.

As virtudes humanas muitas vezes se com-

compõem de melancolia, e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão; he temperamento o que chamamos desengano; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo são effeitos da tristeza; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos, e mais duros, raras vezes nos faz reflectir sobre o passado; quasi sempre nos occupa em considerar futuros; por isso nos infunde temor, e cobardia, n'a incerteza de acontecimentos felices, ou infastos; e verdadeiramente a alegria nos governa em fórma, que seguimos como por força os movimentos d'ella; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso; hum coração triste encobre mal o seu desgosto: como ha de chorar quem está contente? E como ha de rir quem está triste? Se alguma vez se chora d'onde só se deve rir, ou se ri por aquillo porque se deve chorar, a alma então penetrada de dor, ou de prazer, desmente aquelle exterior fingido, e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor; e esta em prazer, a alegria em tristeza, e esta em contentamento; por isso as feridas não se sentem, antes lisonjeão, quando forão

raõ alcançadas n'ò ardor de huma peleja ,  
esclarecida pelas circumstancias da victoria ;  
as cicatrizes por mais que causem deformi-  
dade enorme , naõ entristecem , antes ale-  
graõ , porque servem de prova , e instru-  
mento visível , por onde a cada instante ,  
e sem palavras , o valor se justifica ; saõ co-  
mo huma prova muda , que todos entendem ,  
e que todos vem com admiração , e com res-  
peito ; a tristeza , que devia resultar da feal-  
dade , confunde-se , perde-se , e se muda em  
alegria , por meio das acclamações do ap-  
plauso , a dor do golpe tambem se converte  
em gosto , por meio do remedio , e simpa-  
thia do louvor ; este attrahe a si toda a nossa  
sensibilidade , e deixa a natureza como in-  
sensível , absorta , e indolente : assim se vê  
que a vaidade nos livra de huma dor como  
por encanto ; por isso nos he util , pois ser-  
ve de acalmar os nossos males ; e se os agra-  
va alguma vez , he como a maõ do artista ,  
que faz doer para curar : e com effeito a  
vaidade naõ persiste muito em fazer sensi-  
vel a razaõ que nos molesta ; na mesma in-  
juria do desprezo sabe descobrir algum mo-  
tivo , que ou diminue a pena , ou totalmen-  
te a tira ; lá vai buscar a Religiaõ para fa-  
zer

zer da paciencia o maior merecimento; outras vezes faz que achemos n'os exemplos hum alivio constante; e que o mesmo vituperio, visto em sujeitos grandes, não só disfarça o nosso pela imitação, mas que tambem o authorize, e illustre pela razão da semelhança. A vaidade não consente, que a nossa presumpção fique abatida, antes para a conservar, lembra mil interpretações, e applicações forçadas; d'aqui vem o excogitar a vaidade a regra, de que hum dos privilegios da grandeza, he ser superior ás máximas do vulgo, e que n'ella o descredito não desacredita, a deshonra não deshonra, e a infamia não infama. A vaidade da grandeza parece que he mais subtil, e mais vã do que as outras vaidades, pois introduz o poder, e a authoridade, até no modo de pensar. Mas que importa que a vaidade estabeleça regras, se estas sempre ficam dependentes da approvação dos homens; e se estes não sabem sujeitar os seus conceitos, senão á aquillo que he commum, que toca a todos, e que a todos comprehende? Por isso assim como em todos póde ter lugar a causa da ignominia, tambem em todos póde ter lugar o effeito d'ella. A vaidade póde en-

ga-



ganar a cada hum , pelo que respeita a si, mas não póde enganar a todos , pelo que respeita a cada hum. Contra a imaginação não ha poder , contra as acções , sim ; o pensamento em quanto não sahe da sua esfera , tem huma liberdade inteira , impenetravel , e muitas vezes insensível. Creia pois a grandeza o que quizer de si , porque tambem nós havemos de crer d'ella o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe , ou fingir-lhe varias isenções , porém fundallas , não ; poderá querer introduzir , mas fazer reconhecer , de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo , e se ha n'elle differença , he que n'as pessoas eminentes fica sendo mais reparavel , e maior. Em huma pedra vil não ha imperfeição a que se atenda muito ; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimação : as manchas de hum Planeta são imperceptíveis ; n'o Sol qualquer vapor o offusca ; o menor eclipse he de todos conhecido ; todos o calculaõ , todos o vem , e o medem ! N'as sombras não ha que distinguir , n'a luz qualquer alteração he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste ; a nossa alegria tudo  
nos



nos mostra alegre ; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado : os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compõe , por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos d'ellas n'ò estado, em que as achamos, mas sim n'aquelle em que ellas nos achão. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficacia, o mesmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque está com desafocgo ; e tudo porque não somos hoje, o que honte fomos : o mesmo que hoje nos agrada, a menhá nos desgosta, e os objectos, por serem os mesmos, não causão sempre em nós as mesmas impressões ; por motivos differentes recebemos alterações iguaes. O pouco que basta para affligir-nos, ou para contentar-nos, bem mostra o pouco constantes, que são em nós a afflicção, e o contentamento ; por isso huma, e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das cousas, que sentimos, he sem razão, tam-  
bem

bem nos não he necessario razaõ para deixarmos de as sentir; espaços de tempo, em que nos esquecemos de sorte, que ficamos indifferentes para tudo; e que tudo nos fica indifferente. A mesma natureza a cada passo equivoca, com ais denota o contentamento, e explica com gemidos o alvoroço; as ancias, e suspiros, que acompanhaõ o tormento, tambem saõ do gosto a imagem, e a expressaõ mais viva. A vaidade, que communmente produz as nossas alegrias, e tristezas, humas vezes tudo nos representa alegre, outras tudo nos offerece triste. Tambem n'a vaidade ha horas; em humas occupa-se em objectos de grandeza, em outras toda se entretém em idéas de opulencia; humas vezes realiza a nossa fantasia, em fórma, que tudo nos propõe já conseguido; entaõ he que a vaidade nos enche de alegria; e he tambem quando a alegria he vã, porque o seu motivo não tem corpo, e só se compõe de huma visãõ, ou sonho: outras vezes a vaidade nos enfeita com adornos taõ ricos, e sublimes, que não podendo sopportar, nem o esplendor, nem o pezo da figura, ella mesma se desvanece; entaõ he que a tristeza nos com-  
ba-

bate , porque entãõ nos vemos como somos. O homem em si , he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que sãõ materiaes ; a mesma grandeza , e fausto , só consta de hum apparatus superficial , risivel , e que naõ tem mais valor , que o que a vaidade , e o costume lhe tem dado : o costume he tudo ; as cousas naõ sãõ nada ; o de que fazemos tanto caso ; naõ he mais , do que o modo com que os homens significaõ , ou explicaõ o respeito ; o mesmo costume faz , que buscamos humas cousas , e fugimos de outras , e que humas nos entristecem , e outras nos alegraõ ; e como hum mesmo objecto pôde ser considerado por modos mui diversos , por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegraõ , e entristecem ; ao mesmo tempo nos fazem chorar , e rir ; amar , e aborrecer ; por isso os nossos affectos mudaõ , encontraõ-se , e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade ; ella nos tempera , e põe n'õ tom , que lhe parece ; humas vezes nos levanta , outras nos abaixa ; huma vez he hum tom subtil , delicado , e agradavel , outra he hum tom aspero , duro , e pouco armonioso. A sociedade dos homens fórma hum concer-

certo de infinitas vozes , e de infinita diversidade. Todos choraõ , e todos cantaõ ; a vaidade a todos dá porque cantem , e porque chorem ; todos entraõ como partes principaes ; ninguem fica destinado , sómente para ouvir , e ver ; em quanto dura a acçaõ , (isto he a vida) todos fallaõ , depois todos emmudecem ; a estatua , que a vaidade enchia de ardor , e movimento ; depois fica immovel , e insensivel o mesmo homem , que attrahia tudo a si , depois tudo faz fugir de si , que notavel differença ! O mesmo que se via com gosto , e com respeito , depois se se vê , he com horror ; e isto porque finalmente veio a desfazer-se o edificio mais nobre , mais regular , e mais soberbo , a melhor architectura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro , as colunas sem força , os porticos sem ordem , os ornatos sem graça : já senaõ vem senaõ torres abatidas , muros arrancados , frizos rotos , bases despedaçadas : não ha parte , por mais minima que seja , em que a ruina não seja universal ; he ruina , em que não pôde haver reparo ; he templo , cuja destruição não se pôde reedificar por arte : os materiaes confusos , inuteis já , perdida

a proporção, a medida, a correspondência, o polimento, e ainda a mesma substancia da materia, tendem desordenadamente a huma transformação fatal, impura, fetida, verminosa, e horrenda; a terra piedosamente se abre, como para recolher, ou esconder em seu seio, o mesmo que tinha sahido d'elle; com a differença lastimosa de receber em hum cadaver, symbolo do espirito, e da tristeza, aquillo mesmo que havia entregue em hum homem, symbolo da alegria, e da vaidade.

Os tempos, e as occasiões, tiraõ, ou daõ valor á vaidade dos homens; e ainda que n'elles se vejaõ as mesmas vaidades, com tudo ha vaidades predominantes, que se mostraõ mais em certos tempos, e que em certas occasiões se encontraõ mais. Assim como n'as outras cousas, tambem n'a vaidade algumas ha, que saõ como filhas de hum lugar, e que em hum paiz tem mais reputação que em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna; porque as illusões que os homens idolatraõ, não tem igual estimação em toda a parte. Assim como mudamos de destino, tambem mudamos de vaidades, não porque deixamos totalmen-



mente humas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidade , que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetação , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lirio ; alli d'onde o jasmim se cria , dá-se mal a affucena ; lá d'onde o urmo reverdece , não póde tomar alento a hera : a mesma terra , base de todo o sensitivo , só n'a Africa he patria do Leão , n'a America do Leopardo , n'a Asia do Elefante ; o Cisne só canta n'as ribeiras do Meandro ; a Feniz só n'a Arabia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Aguia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê n'a vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes , outras resultaõ das opiniões , que são proprias , e particulares a cada huma das nações ; essas são vaidades locaes , e territoriaes : e n'esta fórma governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma região a vaidade dominante consiste n'o valor , em outra n'o luxo , em outra n'a origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de al-

guns vícios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade do terreno ; de sorte que aquillo mesmo , que em hum lugar se faz por vaidade , em outro por vaidade não se faz ; aquillo , que em huma parte se estima por vaidade , em outra por vaidade se despreza : como a vaidade depende da opiniaõ das gentes , por isso he tão mudavel como a mesma opiniaõ ; e com effeito a vaidade he cousa essencial n' o homem ; a especie d'ella não. Vivemos continuamente em esperanças , e quando alguma nos deixa , e nos engana , logo nos deixamos enganar por outra ; não podemos viver sem aquelle engano. A vaidade que nos anima primeiro , anima todas as paixões , só com a differença de que esta nossa terra , ou esta terra do homem , naturalmente produz esperança , e vaidade , e tudo o mais vem por força da cultura , e do artificio. O mesmo amor está sujeito ás leis da vaidade. Quem dissera , que o amor , que he como a alma de toda a natureza , tenha n'a vaidade o seu principio , e algumas vezes o seu fim. Nascer o amor da vaidade , e morrer por ella , isto he amar por vaidade ; e tambem por vaidade não amar ,  
ou

ou deixar de amar, parece difficil de entender; com tudo a proposição he certa; mas como havemos de mostralla, sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor, a respeito da formosura, e por consequencia a respeito das mulheres? Sim faremos alguma digressão: mas que importa, em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só; não sejaõ tudo reflexões sobre o fim do homem, sejaõ algumas sobre o seu principio; não o busquemos n'aquelle estado, em que elle acaba, mas sim n'aquelle, em que começa; larguemos hum instante aquelle assumpto triste, e busquemos n'o amor hum mais alegre; façamos da mesma digressão, divertimento, depois sempre acharemos vaidade n'a formosura, n'o amor, e n'as mulheres.

O amor não se póde definir; e talvez que esta seja a sua melhor definição. Sendo em nós limitado o modo de explicar, he infinito o modo de sentir; por isso nem tudo o que se sabe sentir, se sabe dizer: o gosto, e a dor, não se podem reduzir a palavras. O amor não só tem occupado, e ha de occupar o coração dos homens, mas

tambem os seus discursos ; porém por mais que a imaginação se esforce , tudo o que produzir a respeito do amor , são atomos. Os que amão não tem livre o espirito para dizerem o que sentem ; e sempre achão que o que sentem he muito mais do que o que dizem ; o mesmo amor entorpece a idéa , e lhes serve de embaraço : os que não amão , mal podem discorrer sobre huma impressão , que ignorão , ; os que amãrão , são como a cinza fria , d'onde só se reconhece o effeito da chamma , e não a sua natureza ; ou tambem como o cometa , que depois de girar a esfêra , sem deixar vestigio algum , desaparece.

Conhecemos as cousas , não pelo que ellas são em si , mas pela differença , que entre ellas ha , e esta differença consiste em não serem humas o mesmo que outras são ; a essencia das cousas nos he totalmente occulta ; e assim conhecemos os objectos , pela diversidade das figuras , e não pela substancia d'elles ; a nossa noticia , toda se compõe de comparações ; por isso aquillo que não tem cousa , que lhe seja em alguma parte semelhante , fica sendo inexplicavel : isto succede ao amor ; ninguem o pôde

de explicar verdadeiramente , porque não ha cousa , a que seja verdadeiramente comparavel ; o mais a que o conceito chega , he a servir-se de expressões oppostas entre si , como quando se diz , que o amor he fogo , que he neve , que he alivio , que he pena , que he luz , que he sombra.

O amor distingue-se das mais paixões , em ter por objecto hum fim corporal , sujeito á sociedade ; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo , suscitou o amor , não só n'os homens , mas em toda a natureza : ainda os insensiveis , parece que amão , e que sentem ; a differença deve de estar n'o modo de amar , e de sentir. As creaturas são mais perfeitas , á proporção que são capazes de mais amor : e assim o amor não só he o principio da vida , mas tambem he hum final de perfeição.

Dizer que o amor procede de hum certa conformidade de humores , e de genio , mais he subtiliza , que verdade ; a philosophia n'esta parte não foi mais feliz que em outras , d'onde a sciencia consiste em saber mais termos , e palavras , e não em saber mais cousas. Digamos antes , que o amor pro-



procede da formosura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre ? A razão mais facil costuma ser ás vezes a mais certa ; duvide-se embora da origem da formosura , porém não se duvide d'a do amor.

Cada cousa tem hum limite certo , entre cuja extremidade se deve conter , e regular ; porém esse tal limite não he facil de se achar , e n'ó amor he quasi impraticavel , porque he huma paixão que não tem limite , e que só n'ó excesso se mostra , e se acredita. Não ha delirio , que os homens não desculpem , quando vem de hum grande amor ; ha delictos em que o perdaõ se alcança em favor do mesmo crime ; entãõ aborrece-se o effeito , mas a causa admira-se ; ninguem quizera o successo em si , mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre , e vulgar só se occupa n'ó deleite dos sentidos , e d'elle faz a maior felicidade ; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama ; este he o amor humano , de quem se diz tem semelhança com o amor divino. Ha vicios , que de alguma sorte , parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza ; o amor subido

do he como huma emanação da alma; aquelle he sujeito á faciedade, e por consequencia á dor; porque a faciedade he huma especie de dor, e de tormento, porém este não he susceptivel de algum desalocego; aquelle busca fóra de si o alivio; este acha em si mesmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de outrem; o outro he isento do arbitrio alheio. O nosso bem só deve depender de nós; por isso nos fazemos infelices, á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como póde deixar de ser assim? O nosso desejo não se póde conter dentro de nós, porque os seus objectos todos são exteriores, a cada instante envelhecemos, porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ, e renascem: vivemos n'õ mundo rodeados de huma immensidade de cousas differentes, e estas successivamente vaõ sendo o emprego do nosso cuidado, e das nossas atenções; todas achaõ em nós huma certa disposição, que faz, que a humas queremos, e a outras não; as nossas paixões são as que escolhem, ou reprovão; as cousas já vem configuradas em tal fórma, que assim que nos encontraõ, logo achaõ, ou hum lugar proporcionado,

ou

ou incompativel , tudo aquillo em que ha grandeza , e pompa , a vaidade o recebe , e guarda ; tudo o em que se mostra formosura , o amor o abraça , e se suspende. Tudo entra em nós , ou por força de amor , ou por força de vaidade : a quem a vaidade não vence , vence o amor.

Naõ temos liberdade para deixar de amar a formosura do mundo , e das suas partes ; naõ temos livre o alvedrio para resistir ao encanto , que a natureza esconde n'as suas producções. A variedade das cores , o movimento dos brutos , o canto das aves , o elevado dos montes , o ameno dos valles , a verdura dos campos , a suavidade das flores , e o cristallino das aguas , tudo atrahе a nossa admiracão , e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia ; a grandeza do effeito indica a magestade da causa ; por isso o amor , ou o louvor da obra , cede em honra do artifice.

Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos , e de pasmo ao nosso entendimento , toda se compõe de partes agradaveis , como se inteiramente fosse tirada de hum fundo , ou principio immenso

fo de formosura. A mesma desordem das cousas nos recrea; o furor dos elementos fôrma hum espectáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. N'o vento admiramos hum ar, ou espirito invisível, cuja força se emprega n'a ruina de muitas cousas solidas; os terremotos já reduzirão em montes as planicies, e fizeraõ planicies dos montes, como se o mundo não tivera o seu assento firme; as aguas entre si se quebrão, e despedação, e quanto mais horri-veis, e agitadas, tanto mais nos mostrão em liquido theatro mil vistosas apparencias; o fogo ainda quando parece raio nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a formosura até se sabe introduzir n'a fealdade, n'o horror, n'o espanto.

Vemos a perfeição dos objectos, mas ignoramos a qualidade d'elles, por isso os amamos, porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os antigos pintaraõ ao amor cego, talvez para mostrar, que o amor para ser constante, he preciso que seja incapaz de ver, e que a falta de luz lhe sirva de pri-  
zaõ.

zaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as naõ conhecemos, e outras porque as naõ conhecemos, as naõ estimamos, tanto he certo que naõ ha nada certo n'õ mundo; n'os mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias, e oppostas entre si.

A primeira cousa, que a natureza nos ensina, he amar; e assim o primeiro affecto, que sabemos, he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos n'õ mundo porém naõ n'õ amor, esse se manifesta em nós logo n'õ berço; alli mostramos para alguns objectos desagrado, e inclinação para outros; a huns buscamos com riso, e de outros fugimos com medo; huns nos servem de espanto, outros de divertimento, choramos por alcançar huns, e tambem choramos por evitar outros; como se o odio, e o amor n'aquella idade naõ tivessem outro modo de explicar-se, nem foubessem mais idioma que o das lagrimas: tambem naõ he novo o chorar-se de gosto, do mesmo modo com que se chora de pena.

N'os primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe; entramos n'este grande theatro cheios de gosto, e contentamento, sem experiencia das impressões dador, e  
igno-



ignorando os effeitos da vaidade ; por isso não temos então , nem pensamentos que afflijão , nem cuidados que mortifiquem ; não nos combatem as lembranças da morte, e se vemos os seus triunfos , ou já n'os epitafios , ou já n'as pompas funebres , parecem-nos que está tão longe de nós aquelle estrago , que n'a mesma distancia , em que a nossa idéa o considera , se confunde , e desvanece o horror. Que feliz ignorancia , e que venturoso descuido ? Em continua travessura passamos aquelles annos , em que os nossos espiritos , ou por mais vivos , ou por mais alegres , apenas cabem em nós. Os campos , as flores , as aves , os rios , tudo nos serve de jogo innocente , e de festiva occupação : estes são os ensaios , e preludios , com que o tempo dispõe a nossa docil innocencia , e com que hum amor universal a tudo quanto vemos , depois só se reduz a aquelle amor , que tem por objecto a duração do mundo , ou a nossa mesma reprodução ; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso ; aquelle agrado commum , com que viamos as cousas , já se distingue , olhando com especialidade para algumas , e com indifferença para as  
mais ;

mais ; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attentões , sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.

Esses primeiros annos todos se compoem de amor , e de esperanza : estes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós , ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida ; n'õ seu principio , e n'õ seu progresso he o amor huma paixãõ cheia de enthusiasmo , e de furor , depois perde totalmente a violencia ; por isso amamos mais , quando sabemos amar menos , isto he quando amamos quasi por instincto ; e com effeito o amor naõ se introduz por discurso , e se alguma vez discorre , he final que está perto de acabar ; porque o amor só he prudente quando acaba , naõ porque entãõ o seja em si , mas porque entãõ amamos como nós queremos , e naõ como o amor quer.

Culpa-se ao amor da vário , e de inconstante , sendo que as mais das vezes sería maior a sua culpa , se fosse constante , e firme : o amor só quando deixa de amar se emenda , só quando he vário se justifica , e só quando he inconstante se desculpa : quando

do começa , parece que não he erro o amor ; porque mal se póde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe ; aquella primeira luz que nos affombra ; aquelle primeiro agrado que nos engana : o nosso arbitrio , ou a nossa reflexão , vem depois , como remedio que sempre suppõe succedido o mal : não se póde fugir do raio despedido de huma nuvem ; o amor , ainda nos alcança com mais pressa , e mais vigor , porque he raio , que se fórma dentro de nós mesmos : o valor consiste em arrancar a setta , por mais que fique despedaçado o peito.

Naõ somos firmes n'ó amor , porque em nada podemos ser constantes : continuamente nos vai mudando o tempo ; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos n'ó decurso da vida , himos nascendo de novo , porque a cada passo himos deixando o que fomos , e começamos a ser outros : cada dia nascemos , porque cada dia mudamos , e quanto mais nascemos d'esta fórte , tanto mais nos fica perto o fim , que nos espera. A inconstancia , que he hum acto da alma , ou da vontade , não se faz sem movimento ; a natureza não se conserva , e dura , senão porque

que se muda , e move. O mundo teve o seu principio n'ò primeiro impulso , que lhe deo o Supremo Artifice ; a mesma luz , que he huma bella imagem da Omnipotencia , toda-se compõe de huma materia tremula , inconstante , e vária. Tudo vive em fim do movimento ; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida , e de existencia , e assim a firmeza he como hum attributo effencial da morte.

Se em nada pois ha permanencia , e se o estado da firmeza he contrario ás leis da vida , como póde ser que haja amor constante ? Isso he hum impossivel desejado. Não ha nada isento das revoluções , e alterações do mundo ; tudo n'elle se muda , porque tudo se move ; por isso a firmeza he violenta , ao mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes , he-nos necessario força , porque temos que vencer a economia , e ordem que não permite repouso em cousa alguma ; para mudarmos , a mesma natureza nos inclina , e guia ; semelhante a qualquer pezo , que sóbe com violencia , e desce por si mesmo. O movimento , e a mudança , de que depende o ser das cousas , tambem he principio do fim d'ellas ; sem mudança,



ça, e movimento, nem se pôde existir, nem acabar; a mesma origem da vida também he da morte a causa; por isso he tão certa a morte, e tão curta a vida; porque hum, e outro extremo, nascem do mesmo modo, e se criaõ n'ò mesmo berço.

O amor he hum influxo da belleza, por isso esta raras vezes anda solitaria, e quasi sempre a acompanha o amor: agradável, mas louca companhia; appetecida, mas traidora felicidade! Compõe-se a formosura de huma certa modulação das partes; obra mais do acaso, que de hum cuidado especial da natureza: mas porém deve admirar-se hum instrumento, cujas cordas só produzem harmonia: assim he a fortuna; e he pouco de estimar aquelle, d'onde só resulta dissonancia; assim he a fealdade. A formosura reside em huma fórma exterior; o amor parece que he hum effeito da vontade, ou do desejo; aquella mostra-se, porém este esconde-se; este he invisivel, porém aquella vê-se: a formosura pôde dizer-se o como he, porém o amor não; porque quem o tem, sente sem saber o que, e quem o não tem, ainda o conhece menos.

O amor nasce da formosura, e com ella



la morre; e assim como póde haver amor constante, se he taõ pouco constante a formosura? E se esta muda tanto, como póde ser que o amor naõ mude? Ha tres progressos em tudo quanto a natureza abraça; o primeiro he de crescer, o segundo de estar, e o terceiro de diminuir: n'esta lei tambem entra a formosura; cresce, está, e diminue. O amor fielmente segue a formosura; naõ muda quando a formosura cresce; naõ foge quando ella está, mas com ella diminue, e acaba. O tempo com hum passo subtil, e disfarçado lentamente imprime n'a belleza o seu character; já começa a ser tibias a luz dos olhos; já se mostra sem sabor o agrado, e já fica sem alma a mesma graça; acabou-se pois a formosura, e apenas póde descobrir-se a sua ruina entre os mesmos sinaes do seu estrago: tudo saõ riscos d'onde se vê como em padrões fataes escrita a impressaõ dos dias; tudo saõ concavidades, d'onde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor do tempo: essa imagem desvélo que foi da idolatria, cuidado de attencões, e finalmente emprego que foi de tantos votos, já se vê sem altar, e sem veneraçãõ; e trocado o culto em vituperio, só ficou  
pa-

para objecto do desprezo ; como se a idade fosse algum delicto, ou fosse culpa o numero dos annos ; assim acaba a formosura, assim acaba o seu imperio, e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente, vem cheio de belleza, e resplendor ; por isso tudo saõ attributos, tudo admirações, e tudo amores : as fontes o festejaõ murmurando ; as aves o annunciaõ com requiebrros, e as flores com o riso o lisongeaõ ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso ; è depois que os resplandores se mudaõ n'ò acaço em pallido semblante, logo acabaõ os amores, as admirações, e todos os tributos ; n'a mesma tumba, em que se apaga a luz, tambem se extingue o applauso ; n'a mesma sombra, em que se encobre o dia, tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba n'as mesmas ondas, em que faz naufragio o Sol.

Succede muitas vezes mudar o amor, primeiro que a formosura mude, isto dizem que faz o amor ingrato ; porèm a mudança quasi sempre he culpa da belleza, e não do amor. Naturalmente a formosura he soberba, vaidosa, impia, e arrogante ; não

só recusa, mas despreza, não só desdenha, mas injuria. Hum objecto amavel basta para produzir amor, mas não basta para o conservar; o amor nasce facilmente, mas dura com difficuldade; porque o imperio da belleza sempre foi tyranno, e sem brandura, não ha dominio permanente. O amor he acto de hum movimento repentino; a conservação d'elle vem por discurso, por isso a primeira cousa he facil, e difficulosa a outra. Não ha encanto perpetuo, o do amor tambem tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor seja prompto, e arrebatado em conquistar, por isso mesmo nada tem seguro; porque o que se toma precipitadamente, precipitadamente se larga; d'aqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas não sei se póde haver moderação n'o amor. Ha muitas cousas, em que a moderação he contraria á natureza d'ellas; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada; porque com effeito o abster he menos difficuloso, que

o conter ; por isso a prisaõ de algum modo molesta menos , que huma liberdade restricta : o usar das cousas com regra , traz comsigo huma especie de afflicçaõ , o naõ usar de nenhuma sôrte , o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de naõ ter , ou de naõ amar , porém naõ podemos fazer de amar , ou ter debaixo de algum preceito : tudo o que recebemos , ou se nos dá com condiçaõ , parece-nos violento : olhamos menos para a parte , em que a cousa he livre , que para aquella , em que o naõ he ; a prohibiçaõ sempre nos deixa suspensos , e como magoados ; porque o nosso desejo naõ tem actividade n'aquillo que he já nosso , mas sim n'aquillo que o naõ he , e que naõ póde , ou naõ deve ser ; o que se permite naõ parece taõ bem como o que se nega ; o muito que se concede , naõ consola do pouco que se prohibe ; por isso o alheio nos agrada , porque n'elle achamos huma negaçãõ , ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo , que passou ; esperamos o que ha de vir com ansia , e para o presente olhamos com desgosto : assim devia ser , porque o tempo , que passou , já naõ he nosso ; o que ha de



vir não sabemos se será ; e só o presente ; porque he nosso , nos aborrece. O amor está seguro , em quanto dura a pertença ; o que o perde , he a propriedade ; sustenta-se mais n'a dúvida , que n'a certeza ; qualquer cousa , que procure , o anima ; e desfalece , se lhe não falta nada. Isto não he só n'o amor ; em tudo succede o mesmo : todas as paixões se acabaõ , assim que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma , logo ficaõ sem vigor , e amortecidas : ninguém espera o que possui , ninguém deseja o que já tem , e ninguém se desvanecer muito d'aquillo que logra ha muito tempo ; e d'esta sorte o amor , o desejo , a esperança , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e d'este modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperança. D'aqui vem , que para reprimir as paixões , nem sempre he bom meio o reprimillas ; n'a resistencia parece que se formaõ , e se fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e não podem existir sem ella. Da difficuldade das cousas inferimos a excellencia d'ellas ; o fazellas faceis , e sem opposiçaõ ,



ção, he o mesmo que tirar-lhes a graça; que as fazia appeteciveis. Em todas as paixões se encontra a vaidade de querer vencer; não ha victoria sem combate, e se a ha, he sem gloria, e sem merecimento. Contra hum campo aberto não ha desejo, nem ardor; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente, armada sim; a muralha incita, porque impede.

A vaidade, ou a soberba de huma mulher formosa, he quasi insupportavel; ainda o amor mais fino se revolta, porque o amor ainda que jure escravidões, nem por isso consente n'ellas; e quando he bem entendido, não costuma ser vil, reverente sim; a submissão por degenerar em baixeza não faz ao amor menos inconstante; a firmeza não se fez para obstinação. Não he suave o jugo da belleza; apenas se lhe póde sustentar o pezo; a arrogancia, que a acompanha sempre, exige condições tão fortes, que o mesmo affecto, que por força as aceita n'o principio, depois as desvanece; porque o amor se busca a formosura, tambem foge da aspereza; hum genio severo, e duro, não póde inspirar constancia, retiro sim: por mais que estejam preoccupados os senti-

dos,

dos, nem por isso estão sempre dispostos para soffrer; e com effeito o amor fez-se para delicia, e não para castigo; fez-se para alivio, e não para tormento, para gosto, e não para martyrio. Não ha encanto, que não possa desfazer-se; por mais fortes que sejam os laços com que o amor nos prende, muitas vezes hum discurso os rompe; hum pensamento os desfaz; huma reflexão os desfata; e pela maior parte esse discurso de que nasce a inconstancia, procede da aspreza, da vaidade, e da condição da formosura.

A natureza que n'a producção da formosura se empenha em formar hum encanto, d'este não quer que seja invencivel o poder; por isso n'a mesma formosura inclue logo a tyrannia, o engano, e a vaidade, para que estes feios attributos, expostos á nossa vista, ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto, ou ao menos possam limitar-lhe o effeito; e assim temos o remedio n'a propria origem da ruina, e n'o mesmo mal achamos o defensivo d'elle: se a belleza nos attrahe, a imperfeicção do genio nos desvia; se nos enleva huma imagem viva, d'onde em justas proporções, a natureza  
mos-

mostrou os seus primores , tambem hum  
condição aspera , e desabrida nos affasta ,  
e finalmente se a nossa propria inclinação  
nos tira a liberdade , o nosso entendimento  
nos resgata. E assim não se queixe a formo-  
sura , nem do amor , nem da inconstancia :  
veja primeiro se acha a culpa em si ; quanto  
mais que o amor , ainda que cego , nem  
por isso se obriga a estar sempre em hum  
lugar ; a inconstancia ainda que odiosa , nem  
por isso lhe faltaõ os motivos , que a fazem  
justamente ser precisa. Quantas vezes a vir-  
tude depende unicamente da mudança ! Nem  
sempre he traição a falta de firmeza ; nem  
sempre o ser vário he ser infiel ; e nem sem-  
pre o ser inconstante he ser ingrato. As sem-  
razões da formosura authorizaõ o nosso es-  
quecimento , o ser sensível he o que faz ser  
amante ; e quem tem sensibilidade para  
amar , tambem a tem para sentir ; porque  
se a formosura nos recreia , tambem a in-  
juria nos irrita ; se o agrado nos convida ,  
o desprezo nos magoa ; e se o amor em fim  
nos chama , tambem a offensa nos retira.

Sim he soberba a formosura , mas não  
he para admirar , pois he grande o seu impe-  
rio , he vaidosa , mas como póde não o ser ?

He

He presumida , mas que muito se em se vendo , a sua mesma vista a lisonjea ? He tyranna , que importa , se he virtude esse defeito , e se n'ella a bondade he culpa ? N'a formosura acha-se a circumstancia mais effencial da luz; esta illustra , e faz claros os objectos , que estaõ perto dos seus raios ; assim a belleza , pois parece faz formosos aquelles vicios que a acompanhaõ ; essa fe-reza , essa arrogancia , e essa mesma condiçãõ altiva , sãõ imperfeições grandes n'a belleza , mas sãõ como as sombras , que hum delicado pincel debuxa , e representa , naõ para desluzir o primor da arte , mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrel-la brilha mais n'õ espantoso silencio de huma noite escura ; a mais perfeita luz he a do Sol , com tudo a sua actividade nos molesta , e escandaliza : as cousas nem por mais perfectas nos agradaõ mais ; antes alguma imperfeição as modifica em fórma que ficaõ proporcionadas ao nosso gosto ; aquillo que he perfeito em hum certo grão , excede a nossa esfêra , e por isso nem o podemos gozar , nem entender , porque o desejo naõ se estende adonde a comprehensãõ naõ chega. O entendimento , ou a alma he



o que primeiro move, e assim tudo o que excede a nossa intelligencia, fica sendo impenetravel ao nosso affecto. Mil cousas ha perfeitas n'õ seu genero, por onde continuamente passamos sem reparo; a mesma perfeição nos cega, e nos faz incapazes de admirar; tudo o que distinguimos, ou sabemos, he por comparação; de sorte que não podendo comparar, tambem não podemos conhecer: a differença das cousas entre si he a que desperta a nossa attenção, e dá lugar ao nosso conhecimento, por isso tudo o que he formado como de hum só rasgo, de huma só linha, ou como de hum só alento, logo nos fica sendo incomprehensivel; o discurso não póde entrar n'aquillo em que tudo he hum, igual, ou uniforme; porque a unidade não admite combinação, e o pensamento não póde introduzir-se facilmente d'onde tudo he o mesmo, e d'onde não ha nem diversidade de substancia, nem desigualdade de materia. Podemos dizer, que a nossa capacidade só tem por objecto aquillo que he composto: porém tudo o que he simples absolutamente, fica sendo mysterio para nós, e por isso sempre occulto, e escondido; e assim a divi-  
saõ,



faõ , e variedade de partes , ao mesmo tempo que indica hum ser imperfecto , tambem serve de meio , que nos facilita a intelligencia das cousas , e nos conduz ao conhecimento d'ellas ; e d'esta sorte alguma imperfeição n'a formosura , faz-nos ver melhor o que ella tem de raro , e de admiravel ; algum defeito , mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular ; e finalmente algum vicio , faz-nos reparar o que se encontra n'ella de virtude ; e assim serve-nos de guia essa imperfeição , esse vicio , e esse defeito.

Mas que poucas vezes se encontra n'a belleza aquelle certo gráo de imperfeição , que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz ! A repartição do vicio sempre he larga , e abundante , e o defeito não se communica escassamente , com profuzaõ sim : o que vemos de imperfecto n'a belleza raras vezes he como hum sinal , ou mancha breve , de que o alinho se adorna por arte , e por estudo ; antes essa imperfeição se estende , e cresce tanto , que abraça o objecto inteiro , e o escurece : qualquer mistura em pouca quantidade contamina a pureza de hum licor ; huma grande  
por-

porção o absorbe, e comprehende todo. Esse caudaloso Tejo não o turva hum só regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura fazem-lhe perder o nome, e semelhança de cristal: huma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite escura: assim a belleza: o vicio n'ella não costuma ser como hum regato, mas como torrente: o que tem de imperfeito, não he como hum final (effeito em fim da meditação) mas como humma mancha verdadeira; o seu defeito raramente he leve; antes quasi sempre peza mais do que a mesma formosura. Infeliz concórdia, cruel sociedade! Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor, e aborrecimento! Taõ pouca distancia ha entre o mal, e o bem? Entre a averção, e o affecto, entre o perfeito, e o defectuoso, que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar, e unir.

A vaidade da formosura he a mais natural de todas as vaidades, he vaidade innocente; a natureza em nada se receia tanto, como em contemplar-se a si n'a sua obra, e em rever-se n'a sua mesma perfeição: por  
is-

isso a formosura he hum encanto, a que não resiste, nem ainda quem o tem; ella a si mesma se namora, a si se busca, ama-se a si, e de si se rende; he como hum effeito, que vem a retorquir-se contra a sua causa, ou contra o seu principio, e como hum movimento, que retrocede, e se dirige contra o seu mesmo impulso; a formosura, pelo que sente sabe que faz sentir; e pelo que ama, conhece que se faz amar; d'aqui vem que a vaidade, e a altivez, são partes de que a formosura se compõe; a mesma tyrannia, e rigor attrahe: e que haverá n'a formosura, que não sirva de laço, de prizaõ, de amor?

He propriedade do amor o ser violento; e he propriedade da violencia o não durar. O amor acaba-se em nós, não por nossa vontade, mas porque tem por natureza o acabar; e ainda que tudo ha de acabar conosco, nem tudo espera por nós. Quando amamos, he por força, porque a formosura que nos inclina, nos vence; e tambem he por força quando não amamos: porque huma vez rotos os laços, ficamos de tal sorte livres, que ainda que queiramos; não podemos tornar a elles, e assim  
não

naõ está n'a nossa mão o naõ amar, nem  
tambem o amar: o coração por si mesmo  
se accende, e entibiece; nós, naõ o pode-  
mos inflamar, nem extinguir-lhe o ardor:  
alleguem os amantes esses mesmos ardores  
indiscretos; fação d'elles merecimento para  
o favor; imaginem embora, que os soluços,  
e gemidos, fazem ser devida a recompensa,  
exagerem penas, e martyrios, e finalmen-  
te tenhaõ a ventura de que huma belleza ti-  
mida, innocente, e incauta, creia que  
verdadeiramente está obrigada, e que deve  
attender, e corresponder: ambos se enga-  
naõ, o amante em suppor que por amar,  
merece; e a belleza em crer, que o amor  
he merecimento: naõ he tal; porque o  
amor vem da formosura, e naõ do amante;  
este naõ faz mais que receber huma impres-  
saõ a que naõ póde resistir: nada merece  
hum bronze, por receber em si a figura de  
huma Venus; a maravilha naõ está n'o bron-  
ze, que recebe, mas n'o braço que imprime,  
a arte naõ se mostra n'o metal, mas  
n'a mão que conduz o buril, e abre; o bron-  
ze naõ póde deixar de consentir a estampa,  
porque naõ tem mais do que hum modo  
passivo, e material; só o braço obra acti-

va-



vamente: d'aqui vem que quando amamos, he porque a formosura nos obriga a amar; e assim que merecimento póde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitavel? Por isso o amar, ou não amar por razão, por discurso, ou ainda por interesse, não póde ser; porque os sentidos, não se deixaõ cativar por argumento: d'aqui vem que muitas vezes se ama, o que senão deve amar; isto será porque o coração não póde resistir á formosura; o mais que póde fazer, he calar, dissimular, esconder: podemos não confessar, mas deixar de cahir, he mui difficuloso; podemos soffrer, mas deixar de sentir, tambem não; pudemos não seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o soffrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda. O mesmo he não querer, ou não dever amar, que amar. Não temos dominio n'õ nosso gosto; as cousas agradaõ-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir as cousas nos pareçaõ o que são, e ainda o que não são? Se os sentidos nos enganaõ, quem nos ha de desenga-

ga-



ganar, ou como havemos de emendar effes mesmos sentidos enganados? A razão, e o discurso não valem, ou não sabem tanto como se diz; porque o que julgaõ, he por meio de algum sentido enganador: se os olhos, e os ouvidos se distrahem, e allucinão, que outros sentidos temos nós, que os haja de conter, ou os faça retractar? Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: estes sentidos são em nós, como dous relatores injustos, falsos, infieis: d'aqui resulta, que quando o querer he culpa, essa culpa não he nossa, mas sim da formosura que nos move, e nos prende. Que culpa póde ter a cera, por receber em si o caracter de huma imagem? O marmore que culpa tem, por conservar a fórma que o artifice lhe deo? Que culpa tem o pano por servir de campo, ou de theatro as obscenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ser instrumento dos golpes, e da morte? As cousas em si, são innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que não nasce, nem se cria em nós, communica-se a nós. Infelizmente o nosso coração, não he firme como o ferro, nem duro como a pedra; antes

tes he mais tratavel do que o panno, e mais brando do que a cera; he como huma lamina original impolida, informe, e ainda sem configuraçãõ; e d'onde não ha nem amor, nem odio, nem culpa, nem merecimento, nem virtude, nem vicio: mas he o d'onde tudo aquillo se põe, se faz, se introduz, se esconde.

Em todo o tempo prevaleceo n'os homens o poder; elles arrogaraõ a si toda a jurisdicçãõ legislativa: a sujeiçãõ em que ficaram as mulheres, foi a pena da sua primeira culpa. Aquella sujeiçãõ, que não devia exceder as regras da equidade, veio a degenerar em tyrannia, e a introduzir n'ellas huma especie de escravidãõ. O ciuime dos homens fabricou os ferros, e a formosura das mulheres foi o crime original, que nunca puderaõ expiar, nem remir: a mesma formosura com que as dotou a natureza, lhes tirou a liberdade; alcançaraõ n'a belleza o maior favor, mas comprado por hum custo immenso, isto he á custa da liberdade; ficáraõ sujeitos aos homens por força, e os homens a ellas por vontade. Infeliz, e estudadada consolaçãõ! O cativoiro costuma ser á medida da formosura; quanto mais bellas, mais

mais prezas : para terem alguma liberdade he preciso que não tenhaõ nenhuma formosura. Cruel situação ! Quem ha de trocar humma cousa pela outra , ou quem sabe qual das duas he melhor ? Ter liberdade , e formosura juntamente , he muito ; ter humma cousa , e perder a outra , he pouco. Quem ha de resolver-se a perder a liberdade , e tambem que mulher senaõ ha de affligir n'a falta de formosura ? As differenças são , que a liberdade em quem a tem , dura sempre , a formosura não ; n'aquella não tem dominio o tempo ; n'este até se conhecem os instantes ; semelhante á gala de humma flor , que não tem mais duração que hum dia ; e assim se vê que n'as mulheres , a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem , e pouco depois lhes tira a formosura o tempo , de tal sorte , que nem restos lhe ficaõ do que foraõ , para se consolarem do que são : nem póde deixar de ser ; porque o tempo não só desconcerta , mas destroe , e arruina , cada hora deixa o seu final ; e os instantes que diminuem a vida a porporção que passaõ , tambem diminuem a formosura , até que a gastaõ , e desfazem ; semelhante a humma exalação , que em bre-

ve espaço se dissipa. Os annos fim deixaõ a regularidade das feições: mas de que serve huma regularidade usada? O que n'ella se vê he como hum debuxo, que não foi feito para imagem, mas para semelhança. Huma representação do que foi sempre he triste; por mais, que a consideração se forme huma idéa agradável de hum monumento destruido, e antigo, sempre o que se admira he com lastima: a imaginação fervorosa, e forte, póde de algum modo fazer presente o que não he, mas não póde fingir tanto, que senão percebaõ as ruínas; os vestigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede n'a belleza, acaba-se em se lhe acabando a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica, he huma estatua, huma sombra, huma figura.

Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella formosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Não foi inspiração celeste a que a fez buscar a solidão de hum Claustro; tal vez foi hum infeliz amor, a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino! Havemos de amar á vontade da vaidade, e não á von-



vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando não nasce do amor! Não ha maior combate, que o que se dá entre a vaidade, e o amor: se este fica vencido, a mesma vaidade chora, e se arrepende; he victoria, que se fórma do estrago do vencedor. Hum amor desconfolado, em nada póde achar compensaçã; porque esta só cabe, quando ha outra cousa, que valha o mesmo; ao amor não ha cousa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella mesma formosura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, fim vive retirada n'ò limitado espaço de huma prizaõ santa: mas que importa que essa prizaõ lhe tira a liberdade das acções, se lhe não ha de tirar a liberdade do desejo? assim como não ha ferros para o entendimento, tambem os não ha para o coração, este ainda n'ò meio da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento, e livre. Hum véo preto sempre esconde, mas não muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo augmenta mais, e tudo mostra ainda maior, e mais claro do que he. Huma Communidade Religiosa coberta de véos, o que faz



imaginar he que cada véo encobre huma be-  
leza , e muitas vezes o que encobre , he hu-  
ma fealdade enorme ; o pensamento n'esta  
parte he sempre favoravel , porque debaixo  
d'aquellas sombras nunca suppõe outras  
sombras , luzes fim : ha cousas , que de se  
occultarem , resulta o verem-se melhor ;  
em vingança de hum manto escuro , tudo  
o que está debaixo d'elle , se nos represen-  
ta perfeito , e singular ; aquella especie de  
rebuço o de que serve he de avivar a imagi-  
nação , de a desanimar não : tudo o que se  
esconde , parece-nos admiravel , só porque  
se esconde ; de sorte , que o occultar , he o  
meio de acreditar as cousas , e de dar-lhes  
mais valor. O mesmo he pôr-se aos olhos  
hum obstaculo , que fazellos penetrantes ,  
e pollos em huma actividade , que elles não  
tem naturalmente : a vista , que se embara-  
ça , adquire maior força , á maneira de hu-  
ma corda , cujo vigor augmenta á propor-  
ção , que a fazem fugir do arco ; a mesma  
distançia em que algumas cousas se poem ,  
as fazem estar mais perto , e por este prin-  
cipio , tudo o que se esconde , se mostra.  
Quem dissera , que o recato , e a modestia ,  
mais chamaõ do que desviaõ , mais servem  
de

de convidar que de afastar! Quem foge, parece que quer que o sigaõ; quem deixa, parece que quer que o busquem: o mesmo he cobrir o rosto, que incitar mil vontades de o descobrir; a desconfiança faz nascer a instancia, e o cuidado; o engano muitas vezes se evita só com não o presumir; e com effeito o retirar-se, e pôr-se em defeza, he o mesmo que dar hum final de guerra; o que se guarda, e se esconde, he a primeira cousa, que se assalta; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invasão.

O estimarem-se as cousas, que não tem valor, he o mesmo que fazellas estimaveis: o que se busca com ancia, não he o que se dá, mas o que se nega; o que se permite desgosta, o que se recusa, attrahe: o amor não tem setta mais aguda, que aquella que se armou de prohibição; n'ó tomar, parece que ha mais gentileza, que n'ó aceitar, a difficuldade incita: muitas cousas não tem outro algum merecimento, que o serem difficultosas; a resistencia he o que move a vontade; tudo o que se concede, he sem sabor: a impugnação faz a cousa consideravel, porque lhe dá hum ar de empreza, e  
de

de vencimento : os mais altos montes são os que se admirão , só porque custão a subir ; a facilidade he aborrecida em tudo ; o lustre do argumento vem da contradição. Isto succede á formosura , a quem a vaidade prende só por livralla do amor : mas que pouco conseguiu a vaidade. Contra o amor não ha poder , apenas se póde impedir algum dos seus effeitos : a causa , isto he , o amor , sempre permanece constante ; a difficuldade , o retiro , e a prizaõ fazem , que a formosura seja mais bella , e mais amante ; a natureza por achar desvio , não se despersuade ; a nossa industria não a póde vencer ; antes o mesmo he impedilla , que enchella de estímulo , e de alento ; quanto mais a abatemos ; mais a fortificamos ; he engano parecer-nos , que podemos tirar-lhe os meios ; por hum que lhe tirarmos , ella se ha de formar mil ; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embaraçar , que n'ella o modo de conseguir ; quanto mais a queremos ter adormecida , mais a despertamos ; o buscar artificios para a socegar , he o mesmo que chamalla para o conflito ; o mesmo he reprimilla , que irritalla. As aguas de hum fonte correm mansamente , e sem ruído,

do, apenas humedecem as flores, que lhe bordão o caminho; mas se n'este encontraõ embaraço, ou se algum penedo, que o tempo arrojou do monte se foi atravessar, e impedio o passo; entã se vê que aquellas aguas, vaõ crescendo sobre si, e juntas se accumulaõ tanto, que ou rompem, e arrastaõ tudo o que as comprime, ou subindo se elevaõ de tal sorte, que chegaõ ao lugar, d'onde por mil partes se lançaõ, e precipitaõ. Isto vemos n'as aguas de huma fonte, d'onde naõ concorrem mais motivos, que aquelles que em hum corpo fluido procedem do pezo, e do equilibrio. Só n'as mulheres naõ queremos achar naturalidades; prendem-se porque saõ mulheres, como se quando vem ao mundo, troucessẽ n'a razã do sexo escrita a condemnação; e que a formosura só lhes fosse dada para regular-lhes os grãos de desventura. Quem diria aos homens, que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil, e propensa, pode espiritalizar-se em fórma, que todas se convertaõ em discurso racional? Trabalhe embora o ciume, juntamente a vaidade; o ciume em procurar que a mulher senaõ incline, e a vaidade em prescrever documentos



tos á belleza , para que não ame sem certas proporções , e identidades ; nem o ciu-me , nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento ; o amor não admite força , nem imperio ; ninguém ama , nem desama por preceito. Quem ha de tirar o gosto , que a alma sente , quando os olhos , ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro , e agradável ? Como se ha de fazer , que a boca seja insensivel ao sabor de hum man-jar delicioso ; e os ouvidos como podem deixar de suspender-se ao som de huma voz sonora , e cheia de harmonia ? As primeiras qualidades não se podem mudar. Não podemos dar leis ás cousas , ao exterior d'ellas , sim ; as palavras , e as acções admittem composição , e fingimento , a substancia d'ellas , não ; por isso não he facil desaprov-ar , o que os sentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a formosura a crer , que deve fugir de quem a busca , e que deve querer mal a quem lhe quizer bem ?

Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses ! As cousas mais santas sabem os homens applicar a fins os mais injustos : qualquer semrazaõ para ser permittida , basta que seja necessaria ;



ria ; o ponto he , que haja quem faiba introduzir a necessidade d'ella : os principios mais inalteraveis se alteraõ ; o ponto he que o interesse , ou a vaidade sejaõ partes. As regras naõ governaõ os homens , estes he que governaõ as regras. As leis naõ comprehendem ao legislador , nem aos que estaõ junto d'elle ; as prerogativas do poder parece , que saõ communicaveis até huma certa distancia ; d'ahi para baixo ficaõ sendo como huma luz , de que se acabou a esfêra. Só n'os effeitos visiveis da Omnipotencia naõ vemos , que nenhum se mude , nem altere ; o movimento dos astros , o progresso do tempo , a regularidade das aguas , tudo guarda huma ordem certa , e infallivel : o Artifice Supremo naõ communica o seu poder , mais do que a si mesmo , isto he , á sua providencia , por isso as leis , que elle ideou n'o principio , e antes dos seculos , saõ as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda , que houvesse dia em que as aguas naõ crescessem , e baixassem ? Que o Sol se apartasse do Zodiaco , que a Lua deixasse as suas phases , que as Estrellas fixas variaassem , e que o firmamento naõ circumvolvesse em vinte e quatro horas o Universo ? Quem  
ha

ha que não admire as succsões do tempo n'as estações do anno , a vegetação da terra , a producção dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracção , do repouso , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observaõ o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foi de instituição divina , e que não depende da execução dos homens , permanece sem alteração ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relação , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leis primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foraõ , e estaõ escritas n'os corações , essas saõ as primeiras , que segundo as contingencias , para se não guardarem , se interpretaõ. D'aqui vem que nascendo todos livres , a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras , que foraõ santamente instituidas , e praticadas prudentemente , depois não sei se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-

rar-se a liberdade aos homens, e ás mulhe-  
res, e n'estas veio a cahir o rigor do ex-  
cesso: não fallo das que por desengano, e  
conhecimento proprio, buscão aquelle esta-  
do de virtude, mas sim d'aquellas a quem  
se fez tomar aquelle estado, ou por casti-  
go do que fizeraõ, ou por castigo do que  
poderiaõ fazer, e com effeito o poderem  
algum tempo delinquir, já lhes serve de de-  
licto; n'ellas o mal futuro, e incerto, já se  
suppõe presente; o poder algum dia succe-  
der, val o mesmo que o successo; a disposi-  
ção para ser, he o mesmo que ter sido; a  
possibilidade he o mesmo que realidade; e  
d'esta sorte, aquelle castigo chega primei-  
ro que o peccado, e aquella pena vem pri-  
meiro do que a culpa; o supplicio antece-  
de o crime. Cruel cautella, vingança pre-  
meditada! A vaidade, e ciume dos homens,  
parece que accusaõ as mulheres, ainda an-  
tes de nascerem; as mesmas partes saõ jui-  
zes; por isso logo vaõ prevenindo os carce-  
res, para d'onde destinaõ aquellas infelices,  
e para d'onde as conduzem, antes que el-  
las se conheçaõ, e poucos annos depois  
que nascem: assim devia ser, porque sempre  
foi propriedade da victima o ser innocente;  
alli

alli se vão costumando aos ferros , á maneira de huma fêra presa , que já não sente o pezo da cadea , antes com ella joga , e se diverte , á proporção que a arrasta , e move. Prendem-se as fêras , e tambem se prendem as mulheres ; aquellas por causa da braveza , estas por causa da mansidão ; aquellas porque se enfurecem , estas porque se enternecem ; aquellas porque assustaõ , estas porque agradaõ ; humas porque he necessario fugir d'ellas , outras porque he necessario que ellas fujaõ ; e finalmente humas porque mataõ , e outras porque daõ vida. A prizão , com pouca differença he a mesma , os motivos são contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vão desentranhar as fêras ; prendem-se para que não fação mal ; este he o pretexto , porém a verdade he que se prendem as fêras , para que sirvaõ de recreio , e tambem de lisonja á vaidade em ver sujeito por industria , e arte , aquillo que se não sujeita por força , nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Claustros , he para que sigaõ n'elles o exercicio das virtudes ; este he o pretexto , porém a verdade communmente he para que as mulheres não se inclinem , nem amem desigualmente. O

in-



interesse he da vaidade; por isso as mulheres, que se offerecem a Deos por aquelle modo, não se offerecem mais do que á vaidade. São, como oblações de engano, que sendo a apparencia huma, o objecto he outro; e são como o incenso, que se faz arder em huma parte, para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginaõ os homens, que haõ de enganar a Deos, e para isso, entraõ primeiro a enganar-se a si; começaõ a querer persuadir-se que obraõ bem, e se a consciencia os contradiz, e inquieta para a suffocar não faltaõ opiniões, doutrinas, e conselhos; tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circumstancias, fique parecendo licita a impiedade, e a transgressaõ, e a violencia. A regra de que hum mal he permittido para evitar-se outro maior, tem os homens estendido, e subtilizado tanto, que de illaçaõ em illaçaõ vem a chegar ao ponto, que não ha mal por maior que seja, que não seja toleravel; e da mesma sorte, de consequencia em consequencia vem a concluir, que não ha iniquidade que não seja ás vezes necessaria, nem injustiça, que não seja justa. Prendaõ-se pois as mulheres para que se evite o mal  
de



de que ellas amem ; sejaõ conduzidas por força para os Claustros , para que não succeda que ás amemos nós ; saiaõ do berço para aquellas sepulturas , porque póde haver perigo n'a demóra , e assim conheçaõ a morte , antes de conhecerem a vida ; e saibaõ como he a prisaõ , antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva tal, que vistas de hum certo modo, fiquem parecendo o que nós queremos , que ellas sejaõ , e não o que ellas saõ. O discurso he como hum instrumento lisonjeiro , por meio do qual vemos as cousas , grandes , ou pequenas , falsas , ou verdadeiras. O nosso pensamento não se accommoda ás cousas , accommoda-se ao nosso gosto. O amor , a vaidade , e o interesse saõ os moldes em que as cousas se formaõ , e configuraõ para se appresentarem a nós ; e com effeito nenhuma cousa se nos mostra como he , contra nossa vontade. Nunca estamos taõ indifferentes , como nos parece ; as paixões não consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que não importa , costuma levar consigo hum interesse occulto , por isso nos importa mais.

O amor, e a vaidade ás vezes se concentram, e disfarçam tanto, que nós mesmos dentro de nós, os não podemos descobrir, apenas se fazem visiveis pelas obras, semelhantes ao fogo escondido n'a pederneira, que se não deixa ver, se não he incitado pelo impulso do fuzil: d'aqui vem que tudo o que fazemos, he sem perceber o principio por que fazemos; por isso o que se faz por amor, ou vaidade, parece-nos que he feito por zelo, ou por virtude. Qual he o hypocrita, que conhece a sua hipocrisia? Qual he o vanglorioso, que conhece a sua vaidade? Qual he o amante, que conhece o seu delirio? Que facil cousa he o distinguir tudo n'os outros, e que difficuloso o distinguir alguma cousa em si! Qual he o pai, a quem o filho parece enorme? Não só ha geração de filhos; tambem ha geração de acções: as nossas maldades não nos parecem mal, porque são nossas, nós fomos os que as produzimos: a natureza não só he mãe do que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoso; he piedosa ainda com hum monstro, não por ser monstro, mas porque ella o fez: a terra não só cria a rosa, mas tambem os seus espinhos; não  
se

se empenha em produzir o bom , mas em produzir : a perfeição de alguma sorte não se comprehende n'a ordem da maternidade, mas he cousa como adventicia , estrangeira , e accidental. N'as acções dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as acções , contenta-se com ser progenitora ; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada ; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar ; a qualidade da obra , he eleição do amor , do interesse , e da vaidade. Origem depravada , pessimos consultores ! Que póde obrar o amor , senão desvarios ? Que se póde esperar do interesse , senão injustiças ; e a vaidade que póde fazer senão tyrannias ? Estas são as que guião para os Claustros tantas formosuras desgraçadas : não são desgraçadas por hirem para os Claustros , mas pelo modo com que vão. Que maior desgraça do que deixar o mundo por força , e ficar n'elle por gosto ? Como ha de chegar á terra de promissão , quem leva o Egypto n'a memoria ? Quantas estatuas de sal se haviaõ de ver , se as mulheres se convertessem n'ellas por olharem para o seculo que deixaõ ! As galas

las com que vão ornadas , he o encanto que lhes vai suspendendo , e enganando a dor ; semelhantes ao cordeiro manso , que primeiro o cobrem de flores , para o hirem entregar ás chammas : ornatos alegres , e luzidos , mas funeraes ! Quaes são as mulheres que não choraõ ao proferir das palavras fataes , porque se obrigaõ até a morte ? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas são as que cantando em altas vozes a publicação ; mas que pouco póde encobrir o fingimento do canto , a verdade da lamentação ! Que doçura póde haver em huma voz agonizante ? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto ; aquillo não são vozes , são ecos do coração ; o ecco he o fim da voz que acaba ; por isso todo o ecco he triste , porque he fim ; e com effeito o que se vê n'aquella hora , he o fim de huma mulher que acaba : o mesmo véo que a cobre , he luto ; tudo n'ella são sinaes de afflicção , e de tormento , por isso leva os olhos abatidos , errantes , e confusos ; os passos mal seguros , o aspecto vacilante , e timido , e assim mais parece , que caminha para o tumulto , que para o tálamo : as lagrimas fieis interpretes da alma , são as primeiras que reclamaõ



tudo quanto alli se diz , e se promette ; ellas negaõ o que as palavras affirmaõ : a quem havemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que não queremos , nem sentimos , mas não se póde sentir , nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos não ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coração , e a vontade não promettêraõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tenção não formaõ Sacramento , o que se faz por temor , não obriga : hum sacrificio involuntario , he sacrificio de sangue , e Deos não se agrada já dos holocaustos.

Mas que grande differença vai de humma mulher , que professou por força , a humma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou n'elle de lugar : ambas entraraõ n'o Templo , porém humma só entrou para



o profanar ; huma foi chamada por Deos, a outra foi mandada pelos homens ; huma foi para achar hum Esposo divino, a outra foi porque não achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religião , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professã- raõ , porém cousas contrarias , porque o que huma professou , não quiz professar a outra ; ambas disserãõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra também disse do coração ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a cerimonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mos- trava que fazia , a outra só fez a forma , ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres votos, porém huma foi com tenção de os observar, e a outra foi sem tenção nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus pensamentos fóra , e a outra nem os deixou, nem os levou : ambas hiaõ para ju- rar guerra ao amor , e á vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idolos in- teiros , e a outra , ou os não tinha , ou os tinha já quebrados : finalmente ambas es- taõ n'õ caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo

caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma estrellla serve de guia , para os que navegavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; n'õ mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte : as cousas que saõ contrarias n'õ fim , ás vezes saõ as mesmas n'õ pñcípio ; de hum mesmo tronco nasce ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiaõ he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a ninguem se ha de fazer subir por força ; porque entaõ ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ n'as clausuras , porém humas vaõ ser pedras de escandalo , e outras vaõ ser imagens de huma alma santa ; humas vaõ perverter , e outras edificar ; estas saõ as que estando ainda n'a terra , já estavaõ vendo os Ceos abertos : almas ditosas , pois que do instante em que foraõ buscar a Deos , logo começaraõ a ser bemaventuradas ! E que bem vieraõ a saber , que para achar a Deos , basta o buscallo : uidas em espirito a hum Esposo eterno , cujo amor he divino , cujo poder he supremo , e cuja misericordia he infinita , já parece que vivem transformadas n'elle. Feliz se-

semelhança de huma transubstanciação prodigiosa! É quem duvida que he celestial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? por isso n'ella póde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta, e fortifica: a mortificação não lhe serve de tormento, de alivio sim, o seu martyrio he a sua gloria. Que meio admiravel de converter em gosto as penalidades da vida; e que remedio infallivel para que a dor sirva de delicia!

Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens chovão rayos, nada atemorisa a huma consciencia justa: a virtude leva consigo a tranquillidade; esta he semelhante a hum dia sereno, e claro em que todo o horifonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante, e igual; e em que toda a natureza se alegra, e enche de vigor, e alento: então se vê que os campos variamente matifados mostrão a verdura mais viçosa, e que de mil producções diversas formão hum labyrintho facil, vivo, e agradavel; então o ar puro, e immovel, faz que as fontes corraõ, e não murmurem; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura; e que as flores  
cres-

cresçaõ livremente : assim devia ser , por-  
que em hum bello dia , não ha vento que  
encrespe as aguas , que perturbe as aves ,  
e que desfolhe as flores : só entãõ he que  
os montes são amphitheatros que servem de  
decoração aos valles ; e estes pelo seu silen-  
cio , são os que despertaõ n'a memoria ,  
humã contemplação activa , cheia de fervor ,  
e saudade : finalmente em humã alma vir-  
tuosa tudo he descanso , e paz. N'este es-  
tado vive aquella que foi ser Religiosa ver-  
dadeira ; a outra que só o foi n'o modo da  
ceremonia , vive afflicta , arrependida , e  
embaraçada : tudo parece que lhe foge ;  
nada alcança , sempre traz opprimida a von-  
tade , o desejo ancioso , a esperança can-  
çada , os passos irresolutos , e o pensamen-  
to occupado em ambições , amores , e vai-  
dades. Não póde haver maior desasocgo  
porque a ambição , por mais que consiga ,  
nunca se contenta , e a inveja que a acom-  
panha , só lhe faz notar com averção os  
bens dos outros ; a vaidade em presun-  
ções , e altivez , se consome ; a arrogan-  
cia que lhe assiste , para confusão , faz acor-  
dar n'as gentes a noticia de humã origem  
miseravel , e por consequencia de hum in-  
jus-



justo, e mal fundado orgulho : o amor tudo se compõe de ancias , e suspiros , hum amante , só em quanto chora , he firme ; ama em quanto tem de que se queixe ; o que faz acabar o amor he a ventura : rigorosa felicidade , pois que para existir , he necessario que não chegue , e para durar , he necessario que a não haja ! Sempre o amor dependeo de contradicções , e de implicancias : e assim se vê que a vaidade , o amor , e ambição , são os verdugos de huma alma peccadora ; por isso vive em sobressaltos , e vive cuidadosa sem saber de que , e inquieta sem saber porque. O encanto da culpa , por mais que lhe tire a lembrança dos motivos , não lhe póde tirar a angustia d'elles ; a cada passo lhe parece que a terra se subverte , ou que se abre o abysmo ; o ruido de huma folha que cabe , a suspende ; em cada voz cuida que ouve a fatal sentença , que sendo dada condicionalmente n'ó principio do mundo , só se publica n'ó fim d'elle. O sabio que comparou o ciúme ao Inferno , talvez que melhor fizera , se ao Inferno comparasse a fealdade do peccado , e com effeito se ha cousa que se pareça ao Inferno , certamente he o peccado , e a ef-

te



te só o Inferno póde ser de algum modo comparavel : assim devia ser , porque huma cousa foi feita para a outra. Entre tudo o que causa espanto , só o horror de huma noite escura he semelhante á culpa ; e n'a verdade que maior horror do que ver a terra coberta de sombras , e combatida de huma tormenta furiosa ? As pedras parece que se quebraõ , as torres que se precipitaõ , os edificios que se abatem , e as arvores que se arrancaõ : a força da tempestade , tudo o que encontra desfaz , e despedaça tudo o que resiste ; o que he solido , e seguro , está mais exposto , e arriscado ; n'a fortaleza consiste o maior perigo : já naõ he hum , mas muitos ventos que entre si pelejaõ ; as gentes humas assombradas , buscaõ n'as planicies hum amparo menos duvidoso ; as mesmas fêras deixaõ as cavernas ; a todos parece que he menor o mal , entregando-se a elle sem abrigo , e sem defenza ; outras com supplicas , com votos , e protestos , recorrem ao favor da Omnipotencia , e procuraõ achar n'os templos hum asilo sagrado ; a luz dos relampagos repentina , e palida , a cada instante se mostra , e os olhos timidos , e assustados , tambem a cada instante se

se fechaõ ; alguma vez havia de fazer pavor a luz : segue-se depois hum diluvio de agua ; abrem-se as cataractas do Ceo ; os elementos se unem , como para destruir a habitaçaõ , e habitadores da terra ; mil inundações conduzem para o mar os finaes lastimosos das ruinas ; alguma vez havia de ser o mar quem recebesse em si os restos do naufragio. Esta pintura que a imaginaçaõ debuxa , e que a experiencia mostra , he o retrato de huma alma em culpa ; esta debaixo de hum semblante alegre , encobre sustos , temores , e agonias ; o peccado tem horas em que dentro de nós mesmos nos accusa , e essas saõ as horas por onde começa a pena do peccado ; o conhecer o crime he por onde começa o castigo d'elle : e quem ha que não conheça a sua culpa ? Esta o que a faz criminosa , he o conhecella ; a innocencia não he mais do que huma falta de saber ; a ignorancia faz os brutos impeccaveis. Todas as mulheres sabem que o buscar a Clausura por vontade , he o meio de evitar o vicio ; mas que importa ? Nem por isso vão por aquelle caminho , se as não levão ; não basta que as guiem , se tambem as não arrastaõ. Cruel condiçaõ da natureza hu-

humana ! Que occulta sympathia terá conosco o mal , que antes o queremos seguir por entre espinhos , do que ao bem por entre rosas ? O caminho , que conduz para as felicidades do Ceo , por mais que seja largo , e alegre , parece-nos estreito , e triste ; e aquelle que conduz para as felicidades da terra , por mais que seja triste , e estreito , parece-nos alegre , e largo ; mas que ha de ser , se somos terra. Compramos o vicio á custa de trabalhos , e afflicções ; a virtude não a queremos de graça ; ao vicio estimamos , porque depende de objectos exteriores , e estes muitas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para sermos máos , necessitamos de occasião. Quantos damnos traz consigo a facilidade ! Os tres votos , que se julgaõ tão pezados quando se professaõ , sãõ os mesmos com que todos vem ao mundo ; todos nascem pobres , castos , e obedientes : a pobreza , e a obediencia quem as conserva he por força ; a castidade só por vontade se póde conservar ; e com effeito quem ha de segurar hum voto , que se quebra só com o

de-

desejo? A castidade do corpo difficulosamente se guarda, a da alma, ainda com mais difficuldade, não sei em qual das duas consiste a castidade verdadeira: se consiste n'a do corpo; essa he material, e está sujeita a mil enfermidades, e accidentes, e talvez póde perder-se sem consentimento de quem a perde; e seria injusto, que huma qualidade tão bella, e em que se funda a virtude mais superior, ficasse dependente da força, do tempo, da opiniaõ, e tambem de algum successo involuntario: he pois n'a alma o d'onde consiste a castidade mais perfeita, e verdadeira; mas sendo assim, d'onde se ha de achar a castidade; pois para corromper-se, basta hum instante de vontade, de inclinaçãõ, de pensamento, de amor?

N'a república das letras não ha menos vaidade que n'a república das armas; sim he huma vaidade metaphysica, espirital, e que n'a sua origem tem huma existencia vaga, e inconstante; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto, são os discursos, e a disputa, objectos sem corpo, vãos por natureza, e por instituto. O campo d'esta vaidade he a imaginaçãõ: campo vasto ainda quan-



quando he infecundo ; e que brota lirios , e violas , quando não produz rosas , e affu-  
cenas. Assim que entramos n'ò mundo , en-  
tramos tambem a defender a nossa opiniaõ ;  
n'este combate se passa inteiramente a vida :  
a guerra do entendimento não tem fim se-  
não conosco ; guerra feliz em que nin-  
guem fica vencido , ou ao menos em que  
ninguem crê que o foi , e em que cada hum  
pela sua parte canta a victoria ! A razã nos  
arma contra a razã mesma ; cada hum  
cuida que a tem por si , que a vê , que a  
toca , e que a conhece ; sendo que quasi  
sempre , o que temos por razã , não he  
mais do que hum sombra d'ella , e ainda  
essa mesma sombra he tão escura , e escon-  
dida , que quando a encontramos , he mais  
por sorte que por experiencia , e mais por  
acaso que por estudo. O ter , ou não ter  
razã , he verdadeiramente a guerra em que  
se passaõ os nossos dias , e os nossos annos.  
O não ter razã argue vicio n'a vontade ,  
ou erro n'ò entendimento : que defeitos es-  
tes para que a vaidade os reconheça ?

Contra o nosso parecer , nunca acha-  
mos dúbida bastante , contra o dos outros  
fim. A vaidade he engenhosa em glorificar  
tu-



tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: n'as produções do engenho ha huma especie de creação; d'aqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia, porque a natureza he inflexivel n'ó intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da invenção; queremos produzir muito, e meditar pouco, por isso erramos; mas depois que o erro se naturalisa em nós, já o não vemos, senão com a figura de razão.

He mais facil sustentar huma opinião má, do que escolher huma boa; porque o erro he como hum edificio, cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos; com algum d'este encontra o discurso facilmente, porque são muitos, em lugar que o acerto he como hum ponto fixo n'ó meio de huma esféra; o discurso que anda vagando á róda, não vê o ponto, porque este he só hum; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre: são innumera-veis as linhas, que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum; alguma linha ha de vêr-se porque são muitas, e o centro não, porque he unico: a superficie do globo impede o poder vêr-se

a

a sua concavidade ; ou se ha de ver huma cousa , ou outra ; ambas ao mesmo tempo não póde ser.

Sobre o mesmo caso , ha muitas opiniões más , e só huma boa ; por isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vão ter a huma má opiniaõ , e só hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma fórma , por isso he difficullosa ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada cousa que vemos , he por entre huma infinidade de outras cousas ; a opiniaõ tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opiniões ; e da mesma sorte a razaõ , que se offerece , he por entre huma infinidade de outras razões ; n'este labirintho nos perdemos. Cada cousa tem tantas partes por onde se considere , que de qualquer modo que a imaginemos , sempre achamos argumentos , que ou nos persuadem o erro , ou nos confirmaõ o acerto : d'aqui vem que ha opiniões para tudo , assim como para tudo ha exemplos. Aquillo , que nos parece que he sem dúvida , he d'onde ás vezes a ha maior. As aguas do Oceano , por mais que sejam crystallinas ,  
nem

nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustenta, que importa que sejaõ claras, se são profundas? Recebemos as idéas, que o entendimento nos propõe, ou certas, ou duvidosas; e assim as conservamos: o emendallas he difficil; porque a emenda depende do mesmo entendimento, que erra. A vaidade faz a obstinação, porque he como hum juiz inexoravel, que nunca muda, nem reforma; se he que o amor da producção não concorre ainda mais.

A vaidade de adquirir nome, he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras; e quanto maior he a vaidade de cada hum, tanto he maior a sua applicação: não estudaõ para saberem, mas para que se saiba que elles sabem; buscaõ a sciencia para a mostrarem; o seu objecto principal he a ostentação, e assim não he a sciencia que buscaõ, mas a reputação; esta he como as outras, em que o adquirir he mais facil que o conservar; e verdadeiramente o conseguir-se hum nome, póde ser obra de hum dia, ou de huma hora; o conservallo he empreza de toda a vida. Do acaso de hum successo póde resultar hum nome grande, mas de hum acaso,

fo, não pode resultar a conservação d'elle. Bem se póde ser feliz por acaso; mas não se póde por acaso ser sempre feliz. A fortuna não só governa as armas, mas tambem as letras; porque a memoria, se hum vez se permite com abundancia, nega-se mil. Em qualquer estado, se tem a reputação por felicidade; porém esta he difficil conservar-se á proporção que he grande. Algumas vezes póde depender de nós o buscar hum occasião favoravel, de que venha a proceder hum grande nome; porém não está n'a nossa mão o fazello durar. Hum merecimento, ou hum saber pequeno, póde fazer adquirir hum grande fama, e o maior merecimento junto ao maior saber, não basta para a conservar. Por mais bem fundada que seja hum grande reputação, nem por isso he possível o ter segura a opinião das gentes. Os homens canção-se de admirar, passados os primeiros movimentos em que as cousas raras, attrahem, como por força, o nosso louvor, e approvação; depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que se desgosta; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos n'os outros, fica-nos sendo como hu-

ma



ma qualidade adversaria, e opposta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz não só se dirige contra a oppulencia alheia, mas tambem contra a alheia sabedoria; a sciencia não tem maior inimigo, que a ignorancia: tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista, e a attenção; só o que está no lugar em que nós estamos, não nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por isso os que se affastão d'esta lei universal, ficam sendo odiosos aos que se conservaõ n'ella. Ha muitos meios para subir; a vaidade he a que guia a todos; e com effeito sem vaidade ninguem sóbe, nem procura subir; estes sim ficam confundidos em huma vulgaridade escura, mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem, são justos, ou injustos; as azas da vaidade tambem se dertetem. Quem não tem vaidade não desperta a dos outros contra si.

Os que crem que sabem mais que os outros, ou se enganaõ, ou se persuadem bem: se se enganaõ, o mesmo engano lhes serve de ludibrio; se se persuadem bem, a vaidade da sciencia os faz tão ferozes, e severos, que ficam sendo insoportaveis. A

N

scien-



sciencia humana communmente se reveſte de hum ar intratavel; imagem toſca, deſagradavel, e impolida. A eſpeculaçãõ traz comſigo hum ſemblante diſtrahido, e deſprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a ſciencia ſe corrompe n'õ homem; porque eſte he como hum vaſo de iniquidade, que tudo o que paſſa por elle, fica inficionado: as couſas trabalhaõ por ſe accommodarem ao lugar d'onde eſtaõ, e por tomarem d'elle as propriedades, ſó com a differença, de que as couſas boas fazem ſe más, porém eſtas não ſe fazem boas. N'as ſociedades, o mal he mais communicavel; a perdiçãõ he mais natural; o que he bom mais depreſſa tende a perder ſe, que a melhorar ſe; os frutos da terra quando chegaõ ao eſtado de madureza, nem perſiſtem n'elles, nem retrocedem para o eſtado da verdura; antes caminhaõ até que totalmente ſe arruinem; por iſſo o ultimo grão de perfeiçãõ, coſtuma ſer o primeiro n'a ordem da corrupçãõ. N'aquillo em que a Providencia não predeſinio hum ſer permanente, e inalteravel, a natureza não cessa de mover ſe em quanto não deſfaz, em quanto não corrompe, e em quanto não acaba.

A sciencia acha n'ó homem propensão para a vingança , para a ira , para a ambição , e para a vaidade ; nenhuma d'estas inclinações lhe tira , antes as conforta ; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo ; assim como o acha , assim mesmo o deixa. As noticias , que alguns foraõ alcançando pela successão dos tempos , e que para as fazerem respeitaveis , e as conservarem em huma magestade primitiva , as foraõ caracterizando com nomes pomposos , e pouco intelligiveis , huns Latinos , outros Gregos , outros Arabicos ; como Filosofia , Geometria , Algebra , essas taes noticias a que chamaõ sciencias , não se adquirem brevemente , nem he trabalho de hum dia , mas de muitos annos , e de toda a vida ; e d'esta sorte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar connosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinações ; e n'esta fórma quando as sciencias chegaõ , não he para nos emendar , porque já vem tarde ; e se entãõ nos emendamos , essa emenda não he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade. Os homens mais facilmente se mudaõ , do que

se emendaõ ; quem muda he o tempo , a sciencia naõ. Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda entaõ o que perdemos , he o uso d'elles , e naõ a vontade , largamos o exercicio , e naõ o affecto ; desistimos da occupaçaõ , e naõ da inclinaçaõ ; e finalmente nós naõ somos os que deixamos os vicios , elles saõ os que nos deixaõ ; nós os seguimos de longe , e por mais que os sigamos cançados , nunca os perdemos de vista ; quando naõ podemos ir , os objectos nos arrebatãõ : a memoria dos nossos vicios passados , nos está servindo de vicio presente ; e quem sabe quaes saõ os que obraõ com mais vigor , e mais activamente ? A imaginaçaõ naõ he cousa taõ sem corpo como nos parece , talvez que naõ tenha de menos que o ser mais subtil , e d'esta qualidade o que pôde resultar , he o ser mais duravel. Naõ sei se houve já quem reparasse , que o gosto dos successos saõ menos attractivos n'a realidade , do que saõ depois lembrados ; a complacencia naõ he taõ forte , quando a primeira vez se mostra n'a verdade , como quando se repete n'a lembrança , e se representa sempre ; o susto do perigo naõ he taõ gran-

grande n'ò instante que succede , como he depois que se recorda ; e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pafmo tal , que fica como aborto , immovel , e insensivel ; só a imaginação não se entorpece facilmente , por isso recebe as impressões do gosto , e dopezar , em toda a sua força , e em toda sua extensão ; o pensamento he o lugar em que a natureza se concentra , e fortifica ; d'aqui vem que tudo quanto se sente , ou se vê com o pensamento , fica sendo mais visivel , e mais sensivel. Não he pois a sciencia a que nos ensina , o tempo sim ; a sciencia he como hum cristal claro , que posto sobre huma má pintura , sim lhe dá lustro , mas não a faz melhor , nem de mais valor ; a luz que he simbolo da perfeição , não faz mais perfeito nada do que alumea : cada cousa guarda o seu defeito original ; e assim devia ser , porque a natureza de cada cousa tambem se compõe do seu defeito , e este quem lho tira , desmancha a mesma cousa , porque a desune , e a separa : em qualquer composto não só he parte principal o que ha n'elle de excellente , mas tambem aquillo que tem de inferior ; o dividillo ou emendallo seria o mesmo que perdello :



lo : em hum medicamento tambem entra o simples amargo, e este se se tira , fica o remedio sem virtude. Tudo he singular n'a sua especie : o verdadeiro ser das cousas naõ depende da approvaçaõ do nosso gozto ; de parecer mal , naõ se segue que o seja ; as cousas menos estimaveis , e ainda as mais aborrecidas , tiveraõ famosos Apologistas ; nós regulamos tudo pela nossa sensibilidade, e n'esta he que costuma haver o engano ; isto vem a ser o mesmo que pezar por hum pezo falso ; medir por huma medida errada ; e calcular por hum compasso incerto : a infidelidade está n'o instrumento que peza , e que mede ; tudo o que julgamos , he segundo a nossa rafaõ , e segundo a nossa sciencia ; miseravel instrumento , mil vezes falso , e enganoso ! A ignorancia tem produzido menos erros que a sciencia ; esta o que tem de mais , he que sabe introduzir , espalhar , e authorisar ; e segundo a nossa vaidade o errar importa pouco ; o ponto he sustentar o erro ; e n'esta fórma o que a sciencia nos traz , he sabermos errar com methodo.

E com effeito em que se acordaõ os sabios ? Qual he a doutrina em que todos concordãõ , qual he o sistema em que todos con-



convem, ou qual he o principio em que todos se fundaõ? Só a vaidade he certa em todos. Naõ ha furor a que hum homem senaõ entregue, só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma, ou de huma opiniaõ. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia, que se diz ser a primeira das sciencias: Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas feitas, ou em duas parcialidades; huma foi a que chamaraõ Nominaes, e outra ados Realistas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas universaes naõ eraõ outra cousa mais do que nomes; os Realistas, seguindo opiniaõ contrária, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ n'a realidade. Occaõ, Frade Inglez, e discipulo de Scoto, foi o cabeça dos Nominaes, e Joaõ Duns o era dos Realistas: estes seguirão a Aristoteles mais literalmente; os outros naõ admittiaõ nenhuma entidade superflua, tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofo, quando diz, que a natureza nada faz em vaõ. Estas duas feitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniaõ, veio a parar em fazer-se d'ella hum ponto de honra;

ja; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excesso a todos, que os argumentos só se decidiaõ pelas armas, os combates particulares vieraõ finalmente a reduzir-se a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo fanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, derterminou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. D'aquella sorte veio a ficar a doutrina de Aristoteles taõ desfigurada, pelas subtilizas com que cada hum queria sustentar a vaidade da sua opiniaõ, que essa foi a causa principal de desprezar-se a Filosofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles foraõ levados a França n'õ seculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios d'aquelle Filosofo, foi condemnado como Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condemnou os seus livros ao fogo: a mesma prohibiçaõ se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fyfica, e Me-  
tha-

thafyfica. Gregorio IX. diminuiu a prohibi-  
 ção do Concilio de Pariz por huma bulla  
 expedida em 1231, prohibindo a leituta das  
 obras de Aristoteles, sómente em quanto  
 senão extirpavaõ os erros, que resultavaõ,  
 ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366  
 os Cardeaes Joaõ de S. Marcos, e Gil de  
 S. Martinho delegados por Urbano V. pa-  
 ra reformarem a Universidade de Pariz,  
 concederaõ, que se pudessem ler varias obras  
 de Aristoteles, exceptuando a sua Physica.  
 O Cardeal de Estoureville em 1452, fazen-  
 do varios regimentos para a mesma Uni-  
 versidade por mandado de Carlos VII., or-  
 denou que os Estudantes, e Bachareis fos-  
 sem examinados pela Metafysica, e Moral  
 de Aristoteles. Em 1601, concedeo á Uni-  
 versidade de Pariz o uso, e lição das obras  
 d'aquelle Filosofo, e juntamente da sua Fy-  
 fica; e á imitação da Universidade começá-  
 raõ todos os estudos publicos a seguirem a  
 Filosofia Peripatetica; esta foi combatida  
 em 1624 por conclusões; porém a faculda-  
 de de Theologia de Pariz, e o Parlamento,  
 tomou a sua defeza: a Sorbona fez hum De-  
 creto, pelo qual censurou aquellas conclu-  
 sões, e o Parlamento por hum Acordão or-  
 de-

denou tres cousas, a primeira que aquellas conclusões fossem laceradas; a segunda, que todos os que as tivessem defendido, fossem riscados dos livros das matriculas; a terceira, que todos os que ensinassem algumas maximas, que fossem contrarias aos Authores antigos, e approvados, incorressem em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento, que senão podiaõ impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles, sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholastica recebida n'a Igreja: porém não obstante todas estas prohibições, e declarações, entrou Gassendo a escrever contra aquelles principios; e Cartesio fez-se cabeça de hum novo sistema, ou nova seita. Depois d'estes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre: hoje as Filosofias todas se compoem de Mathematicas; de sorte que já não ha syllogismo, que conclua, senão he fundado em alguma demonstração Geometrica; n'a Fyfica não se está pelo que se diz, senão pelo que se vê; pouco importa que se affirme que este, ou aquelle Meteoros procede d'esta, ou d'aquella causa; e se isso senão mostra por meio de alguma experiencia,



cia, ou instrumento. A formação das nuvens, do vento, da chuva, dos raios, e terremotos, e de outros muitos effeitos naturaes; a Chimica não só ensina como se produzem, mas tambem os imita; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara*, ou em *Celarent*. Hum lambique, hum Eolipilo, huma machina Pneumatica, e a mistura de varios corpos, explicaõ mais em huma hora, do que hum professor de Filosofia em muito tempo; o entendimento percebe melhor sendo ajudado pelos olhos, do que só por si. N'as mais sciencias tambem tem havido fortunas, e desgraças; todas encontraraõ hum tempo feliz, e outro infausito: a vaidade dos primeiros mestres, continuada em seus successos como herança, foi a fonte, em que nasceraõ as sciencias; d'estas a Monarquia principal, he a Europa; n'a maior parte do mundo, o desprezo das sciencias passou á Religiaõ; assim devia ser porque a vaidade, que resulta das sciencias, he vaidade de homens livres, e estes só os ha n'a Europa: o Despotismo reduzio as outras partes a escravidão. Que vaidade póde haver em hum escravo? Este ou seja valeroso, ou sabio,

na-



nada d'isso he seu: o valor, e sabedoria tambem entraõ n'a escravidão; a vaidade que o escravo póde ter, tambem pertence ao Senhor: o edificio, a carroça triumphal, o alfange, a pendula, são instrumentos incapazes de vaidade em si; da bondade d'elles só o Senhor se desvanece: assim são os escravos; se ha Automatas n'o mundo, são elles.

A vaidade das letras he maior do que a vaidade das armas; estas sim tem occasiões de maior pompa, de maior grandeza, e de maior admiração; mas tudo n'as armas he semelhante ao raio, cuja luz, e estrepito se extingue em hum instante. Os Heroes nunca chegaõ a durar hum seculo; as suas acções não duraõ mais, se a fortuna lhes não dá n'a republica das letras alguma penna illustre, que conserve a vida d'aquellas mesmas acções, já succedidas, já passadas, e já mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica n'a apparencia, não deixa de ser altiva, e arrogante. As aguas, que vão fazendo escumas, e que correm com ruido, não são as que affustaõ mais; aquellas que parecem negras, que passam em silencio, e que apenas se movem, es-

essas são d'onde o perigo he certo : n'as praias he d'onde o mar se levanta mais , e faz estrondo ; d'onde he pego verdadeiro , em que as ondas como em campo largo em si mesmas se abrem , se suspendem , e revolvem , não tem o mar bramidos , nem furor , mas he lá d'onde o risco he grande. O damno não costuma estar tanto d'onde se mostra , como d'onde se esconde : assim são as letras , e assim são as armas ; estas fazem o rumor , aquellas o estrago : as armas fazem o mal , mas acabaõ com elle , as letras o mal que fazem , dura ; as armas canção , as letras não ; a espada nem sempre póde usar de força , e de traição ; a penna sempre póde ser traidora , e aleivosa ; he arma que não póde acautelar-se ; quanto mais leve , e mais subtil , mais perigosa : d'aqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnaveis , e por consequencia vaidosas , porque o ser invencivel precisamente influe vaidade ; o combate das sciencias entre si , são combates invisiveis , em que ninguem se rende ; e o render-se valeria o mesmo , que huma confissão expressa de ignorancia ; e com effeito , de quem cede , nunca se presume haver cedido , porque conheceo a

ra-

razaõ alheia , mas por falta de saber susten-  
tar a sua ; a fraqueza naõ se attribue á pro-  
posiçaõ , mas a quem a defende ; de sorte ,  
que a sciencia naõ consiste em saber conhe-  
cer , mas em saber responder , e arguir ;  
por isso quem mais disse , he quem mais  
soube : as letras naõ se costumao tomar pe-  
lo pezo , mas pelo volume ; fazem-se re-  
commendaveis pela extensaõ ; o ponto he  
que cresçaõ n'a quantidade , a qualidade he  
materia indifferente ; ellas naõ avultaõ pelo  
que saõ , mas pelo que soaõ ; e regulaõ-se  
pelo apparato , e naõ pela substancia ; esti-  
maõ-se pelo que parecem , e naõ pelo que  
valem ; o que importa n'ellas , he ter n'o ex-  
terior hum brilhante falso , cujo resplendor  
furtado escandalize os olhos de quem o qui-  
zer ver de perto ; basta que a attençaõ fique  
assombrada com o aspecto de huma imagem  
nova , ainda que n'a verdade naõ seja mais  
que huma fantasma ; a superficie deve es-  
tar coberta de huma claridade intensa , e  
forte ; o fundo seja embora confusaõ , ce-  
gueira , cahos. Só o que he preciso , he to-  
do o mesmo em si , e o mesmo em todas  
as suas dimensões : o diamante naõ tem par-  
te em que naõ seja diamante ; a roda que

o pule , por mais que lhe multiplique as faces , em todas o acha igualmente duro ; não he mais solido em hum lugar , que em outro ; a porção , que o engaste cobre , não he inferior á aquella que se mostra ; a luz por toda a parte encontra n'elle a mesma resistencia , por isso retrocede reflectida , como em vibrações de varias cores. Não são assim communmente as letras ; o que ha n'ellas de agradavel , he o que fica exposto á vista , e por isso ornado de emblemas , de proporções , de correspondencias , e figuras ; o mais he hum labyrintho informe , rude , e indigesto ; o metal burnido applicado fóra , não deixa ver por dentro o páo sem lustro , nem valor.

São raros os que n'as letras buscão a sciencia ; o que buscão , he utilidade , e applauso ; este he objecto da vaidade , aquelle da ambição : outros ha , que quando buscão as sciencias , n'ellas buscão tudo ; não só interesse , louvor , e approvação dos homens mas tambem hum quasi dominio d'elles ; as letras são armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista : esta idéa , ou esperanza , parece que nasce com elles , e com elles cresce ;



ce; ainda estaõ n'os primeiros elementos das primeiras artes , quando logo se propõe aquelle intento , para este se encaminhaõ todos os seus passos; das virtudes , e dos vicios seguem aquelles , que conduzem para aquelle fim; e assim naõ saõ virtuosos , nem viciosos por natureza , mas por occasiaõ : a natureza naõ os fez maõs , nem bons ; elles he que se fazem a si , por seguirem o que a occasiaõ pede. Sempre estaõ promptos para deixarem a virtude , e abraçarem o vicio , e tambem para deixarem este , e abraçarem a virtude , com tanto que disso dependa a sua elevaçãõ. Deslealdade , fé , religiaõ , hypocrisia , tudo para elles val o mesmo ; olhaõ para os vicios , e virtudes , como para varios instrumentos de que hum artifice perito se sabe servir a tempo , naõ segundo o que a razãõ pede , mas segundo o que pede a obra : para que ninguem os figa , nem conheça , vaõ desfazendo , ou escondendo os degrãos por onde sobem , e só n'o ultimo se mostraõ , mas entãõ já tem n'a maõ o raio , já naõ saõ imagens de pequena consequencia ; saõ constellações formidaveis , e funestas ; á aquella altura nenhum incenso chega ; o  
ref-

respeito mais profundo , he vulgar ; o que exigem , he silencio , e adoração ; e ainda esta ha de ser de longe , porque o chegar a elles de algum modo , he sacrilegio. Os Sabios venturosos , de tudo fazem azas , até das cousas mais improprias para voar ; por isso qualquer crime n'elles fica sendo huma acção justa ; n'os outros huma culpa leve he delicto atroz : para tudo tem huma multidão de applicações , e intelligencias ; estas são as que dão ser a todas as suas cousas ; e todas n'as suas mãos mudão totalmente de figura ; nada lhes parece como parece aos outros ; querem reformar o mundo , pouco reformados em si ; soberba , ambição , grandeza , são os tres pólos , em que se estabelecem , e se fundão ; aquelles são os Idolos , a quem unicamente sacrificão , e de quem elles são ao mesmo tempo , retratos , e originaes , idolos , e idolatras ; Narcisos das suas acções , e sobre tudo das suas letras , elles são os primeiros que se admirão , e se applaudem ; e tudo com tal arte , que aquella admiração sem fé , por ter n'elles mesmos hum principio errado , e suspeito , elles de tal sorte a espalhão , que depois de introduzida , vem a servir-lhes de titulo le-

gitimo ; e se ha por acaso quem duvide ; já he tarde , porque n'a fama tambem cabe prescripção ; he como huma posse , que fica sendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe , he sem exame , e depois , antes quer permanecer n'o erro , do que entrar a examinar ; e com effeito he mais facil ir com os que vão , do que parar para os suspender : por isso os que adquirem opiniaõ de Sabios , ficaõ graduados por acclamação , mas essa opiniaõ devem á fortuna , e não a si , porque as mais das vezes apenas faudáraõ de longe as letras ; e assim se verifica , que a quem tem fortuna , basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber não basta. Tanto he certo que as cousas se implicaõ , e confundem tanto , que n'as mesmas razões , em que se funda a razãõ que affirma , tambem se póde fundar a razãõ que nega : d'aqui vem , que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desfarma outro , para o deixar sem defeza , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discurso fabricamos armas contra nós , e essas são as mais fortes , porque he como hum

hum mal que se fórma dentro em nós , e que he maior á proporção que he nosso : o damno exterior admitte mais reparo.

Naõ são as sciencias as que costumão pacificar o mundo ; desordenallo sim. O exercicio , ou a vaidade das letras , todas se compõe de discussões , objecções , e dúvidas ; a disputa em si he cousa mais principal do que a materia da questãõ : alteraõ-se os animos , maõ naõ se persuadem , porque naõ disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relógio aparta os combates ; estes separaõ-se , porém nenhum vai sabendo mais , porque , como n'õ argumento naõ buscavaõ a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he , que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim naõ se trataõ as cousas , trataõ-se as palavras d'ellas : d'aqui vem , que o ficar vencido n'a fórma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como cousa estrangeira , e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meio de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ es-



teja em hum, e não em outro; isso importa menos; a arte está em subtilisar de sorte, que ambos os textos fiquem conservados, e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral; tire-se embora a fé á vaidade, e á justiça; porém não ao texto; este sempre deve servir de regra, por mais que seja regra errada, e não direita; o empenho da vaidade não está em descobrir a verdade, mas em ostentar v. g. huma erudição Rabinica, e mostrar que na lingua Hebraica, a palavra *alma* nunca significou outra cousa senão *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome, este parece que se adquire á força de vozes, e estas devendo ser de fóra, costumão sahir do mesmo Sabio pretendido; elle he o que entoa o cantico, e sempre acha n'a turba quem o siga: n'a confiança de começar, encontra-se huma especie de valor de que a fortuna se namora; a resolução de pregar n'os louros, e n'as palmas, faz parecer que são suas: ha muito, que as sciencias tem o privilegio de poderem ellas mesmas coroar-se a si, e com effeito o saber n'a realidade mais, ou menos, he segredo, que fica escondido; estamos pelo que indicaõ as insignias:

gnias; e nas letras, huma parte do que vemos, são edificios vãos, compostos sómente de hum soberbo frontispicio, e este por mais que inculque hum fundo grande, quem lho busca, não o acha; por isso tem fechadas as portas; e se algum entra, he d'aquelles, que sabem o defeito, e tem interesse n'elle; os mais todos são profanos. A sabedoria humana he como a cortina do theatro; n'ella se vem pintados primorosamente jero glificos, medalhas, inscripções, e attributos; e n'esta variedade de acções, e de sujeitos, se suspende a vista; e o coração que admira, todo se deixa penetrar de hum respeito, ou medo veneravel; mas se algum impaciente, e indiscreto força a cortina, e entra, o que vê, he hum lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem accio; vê Actores ainda cobertos de roupas miseraveis; alguns, vestida a gala, e empunhando o cetro, (adornos alheios, e suppositos) vê chegados a huma luz desanimada, recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho; outros defronte de hum espelho sombrio, exercitando a cadencia dos passos, das acções, do gesto, e revestindo os semblan-

blantes de hum aspecto alegre, ou triste, e de hum ar de soberania, de valor, e de justiça: vê as Actrices, que não menos cuidadosas, alli mesmo se ajustaõ, e preparaõ, e que algumas a pèzar do tempo, e a milagres do artificio, cuidaõ que repáraõ em brevissimos instantes, a ruina que fizeraõ muitos annos, semelhantes ás serpentes quando se renovaõ, mas não taõ felices; todas em hum espelho portatil estudaõ amor, desdem, severidade, contentamentos, lagrimas; tudo aprendem n'ò cristal, mestre mudo, e fiel, e que mudamente ensina a propriedade, o ar, a graça: mas que importa, o ar he vaõ, a graça he enganosa, e a propriedade he falsa; o representar he mentir; desde que a scena começa, até que acaba não se vê mais do que hum fingimento de acções, e de figuras; quem mais se distingue, he quem melhor exprime o que não sente, e quem parece melhor o que não he: a arte não está em imitar, mas em contrafazer: as sombras substituem o lugar das cousas; e a relação de historia, fica sendo a historia mesma: o mentir por aquelle modo, he hum meio facil para imprimir facilmente n'a memoria os successos passados; he

he huma tradiçãõ, que se communica agradavelmente, não só pelo que se ouve, mas tambem pelo que se vê: alguma vez havia de ser util o engano; e com effeito d'aquella sorte vemos os combates sem perigo; as virtudes vemos com gosto: e se vemos tambem os vicios, he sem entrar n'elles, para os aborrecer, pela fealdade com que se mostraõ, e não para os seguir. Em theatro maior, e em maior scena se passaõ, e representaõ as vaidades do mundo, e entre ellas a vaidade das sciencias; o homem não se entende a si, e cuida que entende a fabrica dos Ceos; ignora a ordem da sua propria composiçãõ, e crê que não ignora o de que se compõe a terra; não sabe a economia dos seus mesmos movimentos, e julga que sabe o como se move o Universo; finalmente não se conhecendo a si, presume que tudo o mais conhece. A vaidade do saber parece que arrebatã o homem, e que em espirito o faz circular os orbes celestes; lá contra o numero dos cristallinos, vê a esfêra do fogo, e mede a distancia, o giro, e grandeza dos Planetas; porém assim que torna a si, nada de que tem em si sabe, nem conhece: vê hum corpo sabiamente

or-



organizado, en'elle acha vontade, intelligencia, ira, averção, vaidade, desejo, esperança, amor; acha hum sangue que se move, e hum calor que o anima; tudo distingue com nomes differentes; paixões, systole, diastole, espiritos vitaes, humido radical; estes são os nomes, a que erradamente chamão das cousas, não sendo senão nomes dos effeitos; o que se conhece, ou sabe, he o effeito das cousas pela distincção dos nomes; mas o conhecer o nome, não he conhecer a cousa. Todos sentimos a impressão do ar-dor, mas ninguem sabe, o como essa impressão se faz; e d'esta sorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e não o frio; vemos a determinação da vontade, mas não sabemos o como a vontade se determina. Quem he que sabe d'onde vem o agrado da armonia, nem o desagrado da dissonancia? Humma voz suave nos encanta, hum som aspero, e agudo nos molesta; mas quem ha de dizer o d'onde procede n'ó som a suavidade ou a aspereza? Os effeitos mais sensiveis, e mais certos, são os da dor, e tambem do gosto; mas quem he o que conhece, de que se origina o gosto, nem de que se fórma a dor? Ainda os effeitos das  
cou-

coſas conhecemos mal, ſó os ſentimos ; parece que ſó temos ſenſibilidade , e não conhecimento ; aquillo que conhecemos , he porque o ſentimos ; do noſſo ſentir reſulta o noſſo modo de conhecer. Os primeiros principios , e os primeiros movimentos reſervou-os para ſi a providencia ; o homem ſó ficou expoſto a elles , para os admirar , e não para os ſaber. A vaidade das ſciencias toda ſe cança em conjecturas , que faz paſſar por demonſtrações ; quando ſuppõe , que encontra a parte , em que póde deſfatar o nó , então o aperta mais : os diſcurſos perdem ſe n'a immenſidade vaga de huma materia impenetravel ; a natureza ſabe eludir todos os noſſos eſtudos , e conceitos ; não he mais facil n'o que moſtra , do que n'o que eſconde ; não he menos reſervada n'o que produz á ſuperficie da terra , do que n'aquillo que fórma n'o ſeu centro ; ſó ella conhece as ſuas leis , e os ſeus ſegredos ; vemos naſcer a flor , cresce á noſſa viſta ; mas nem por iſſo ſabemos o como a flor naſce , nem o como cresce : a difficuldade ſempre fica ſendo a meſma ; o noſſo engenho todo ſe evapora em bellas fantasias , e em razões notaveis ; mas eſtas ſó ſervem de eng-

ganar, ou de entreter a mocidade que começa, e que ainda não sabe por experiencia, que a maior parte das cousas de que o mundo se compõe, nem se podem ensinar, nem apprender. A vaidade da sabedoria humana não se funda n'a certeza da sciencia, mas n'a certeza da cadeira; esta á maneira de huma torre inexpugnavel infunde terror; e o discipulo docil, e innocente, recebe como de hum oraculo as decisões do mestre; os que estão debaixo da disciplina, vem o barrete doutoral, como se fosse hum resplendor, de cuja luz se não duvida, por isso a vaidade do Mestre exige respeito, e credulidade: esta he a primeira lição; a verdade sempre nos parece que está n'o lugar mais alto, e que brilha mais; e se a buscamos em outra parte, he sem ancia, nem cuidado: o apparatus exterior não só nos dispõe, mas tambem nos persuade; os olhos affombrados, não deixão o animo livre para resistir: a singularidade da pompa, não só authorisa, mas authentica; não só leva a si a nossa attenção, mas tambem a nossa submissão; não só nos faz obedecer; mas crer.

Os Sabios da terra não são os mais proprios

prios para o governo d'ella. As Republicas, que se fundaõ, ou se quizerãõ governar por Sabios, perderaõ-se, acabaraõ-se; temos noticia d'ellas pelo que foraõ, e naõ pelo que saõ. Roma, essa illustre capital do mundo, ou ao menos da maior Republica, que o mundo vio; essa universal conquistadora, para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante, e cujo poder se manifesta ainda, ou já referido n'os seus Fastos, ou já representado n'os vestigios preciosos das ruinas, como em obeliscos, arcos triunfantes, columnas, circos, aqueductos, urnas sepulchraes; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir, e abreviar; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo, do tempo em que as sciencias chegaraõ ao maior auge. Julio Cesar, famoso Heroe, e sabio Capitaõ; foi o que n'os campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria, e se fez ao mesmo tempo senhor d'ella. Quem dissera a Roma, que n'o seu proprio seio se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as farchas para a abraçar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de o ser, afim



fim que achou em hum filho ingrato , hum Sabio armado. As maiores crueldades , ou foraõ feitas , ou aconselhadas pelos Sabios ; estes quando persuadem o mal , he com tanta vehemencia , e taõ efficazmente , que as gentes n'a boa fé , buscaõ , e praticaõ esse mal , como por enthusiasmo , e sem advertirem n'elle. A impiedade , he huma das cousas que a sciencia ensina ; naõ porque esse seja o seu objecto , ou instituto , mas porque quando a impiedade he util , á força de a ornar , se lhe tira o horror. A vaidade das sciencias naõ consente , que haja cousa de que ella naõ possa , nem se saiba aproveitar. Os erros communmente saõ partos da sabedoria humana ; o errar propriamente he dos sabios , porque o erro suppõe conselho , e premeditaçaõ ; os ignorantes quasi que obraõ por instituto ; a sciencia sabe legitimar o erro , a ignorancia naõ : por isso n'esta naõ ha perigo de que ninguem o approve ; em lugar que n'aquella ha o perigo de que a multidaõ o siga. O erro n'a maõ de hum Sabio he como huma lança penetrante , e forte : n'a maõ de hum ignorante , he como huma arma quebrada , sem uso , nem consequencia. As cousas parece  
que

que recebem mais da fôrma , que se lhes dá , que da natureza que tem ; não se atende á substancia do marmore , ao pulido fim ; a dureza importa menos que a figura. As sciencias são as que dão o lustre ás cousas , e sempre dão o lustre que lhes parece ; ou duvidoso , ou falso , ou verdadeiro ; a vaidade he o artifice.

Os Heróes são os que combatem , os que vencem , e conquistaõ ; porém os Sabios são os que de algum modo reinaõ , e governaõ. O trabalhos , e o perigo , he dos Heróes ; dos sabios he o fruto : aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento , estes o que querem , he a utilidade da victoria ; huns reservaõ para si a vaidade do nome , outros não querem mais do que servir-se da authoridade d'elle ; o guerreiro semea sangue , para o Sabio colher flores. He certo , que cada Potentado não he mais do que hum só homem ; n'a campanha não pôde commandar a muitos mil : huma voz , hum sinal , hum clarim basta para fazer mover hum corpo formidavel ; porém n'a paz não he assim , porque n'ella o governo he como huma guerra civil , que faz entre os mesmos Cidadãos , e entre os mesmos naturaes ;

raes ; entaõ mandaõ os Sabios ; por ser guerra sem estrondo , naõ he menos arriscada ; n'ella se vem traições , ataques , subtilezas ; aquillo que em guerra viva decide a espada , n'a paz decide a pena ; esta tambem corta , ainda que naõ taõ de pressa , e n'isto mesmo consiste hum dos seus modos de cortar ; a lentidaõ afflige á maneira de hum martyrio , que para ser maior , se faz por arte vagaroso ; e com effeito a morte parece que naõ he morte quando chega , mas sim quando está para chegar ; o ultimo instante he insensivel , porque he como hum tempo , que fenaõ compõe de tempo ; a dor para se fazer sentir , necessita de espaço ; por isso a agonia naõ he quando alguem acaba , mas quando está para acabar. Assim saõ as dilacões , de que n'õ ocio da paz se formaõ os conflictos ; estamos vendo acabar-se a nossa vida , sem que se acabe a nossa dependencia ; esta vai ficando como herança ; e para ser herança infeliz , sem estimação , nem preço , sempre passa com a qualidade de incerta , e duvidosa , porque sempre fica dependente da inclinação , do arbitrio , e do juizo humano : isto he o mesmo que naõ ficar sujeita a cousa nenhuma certa , mas a hu-

humana pura sorte. A fortuna, o tempo, a occasião, o humor, a hora tem mais parte n'as decisões, do que a lei, a verdade, e a justiça; esta, ou a sua imagem symbolica, em humana mão tem a balança, e n'a outra a espada; mas que peza n'a balança? ponderações, discursos, e argumentos são as partes por onde o direito se governa; mas são partes, que se não podem pesar, porque não tem corpo, nem entidade; e assim já temos a justiça impropria, até n'a mesma idéa da sua representação, e se a quizermos defender pela sua antiguidade, convenhamos em que as razões se pezem; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel? N'as dos homens, certamente não; n'as de hum Deosa sim. A espada tem mais exercicio n'a justiça; por isso sempre está em acção, isto he, levantada; e com effeito o ferir he mais facil, porque he mais facil tambem o descarregar o golpe, que o suspenderlo: a força que suspende, he violenta, a que descarrega, he natural: mas como pôde a justiça ter n'a espada hum exercicio justo, se a balança n'a mão dos homens não tem uso, e se o tem he sómente imaginario, e n'a realidade impraticavel? A  
es-



espada depende da justiça da balança, e assim vem a depender de hum instrumento inutil, sim depende de huma balança certa, para saber o como, quando, e em que caso ha de ferir; mas para nosso mal, a balança n'a mão da Justiça pintada, he que se vê; não porque deixem de haver homens justos, mas porque a justiça verdadeiramente não se póde pezar; he hum acto de discursão, e este em cada homem, he sempre incerto, vago, e vacillante. Para dar a cada hum o que lhe toca, não basta ter huma vontade perpetua, e constante; n'essa mesma vontade he d'onde o erro se introduz. Finjamos que o discursão he como hum campo largo em que a verde Primavera faz nascer aquella multidão de bellas flores, mas entre estas, quem impede que não nasça alguma flor com vicio, ou alguma planta agreste, inferior, e errante? As flores nascem n'o campo, os discursos em nós; felices são as flores, pois foraõ produzidas n'a terra humilde, e por isso mesmo incapaz de vaidade, e ainda cheia de simplicidade virginal: infelices os discursos, pois nascendo em nós, nascem de hum limo peccador, e por isso terra ingrata, impura, e adulterada.

Só

Só Deos governa só. Os Potentados não podem governar, sem terem varias jarchias, ou ordens de Magistrados; n'estes delegão o poder; os Magistrados subdelegão aquelle mesmo poder em outros, e estes o tornaõ a subdelegar: assim se fórma hum corpo vasto, composto de muitos membros, e todos animados por hum mesmo, e unico poder: este visto, e tomado n'a sua primeira origem he justo, pio, verdadeiro, generoso, legitimo, protector, paterno; he hum poder, em que parece está depositado, ou delegado o poder de Deos: depois que sahe d'aquelle centro para dividir-se, ou repartir-se, logo se altera: em quanto está n'o throno, he puro; se se affasta d'elle, degenera, he como hum arvore, que se transplanta para hum terreno improprio: as aguas são limpas quando nascem; depois fazem-se immundas, segundo os lugares por onde correm: o espirito não anima as partes, que estão fóra do seu corpo, e a alma que parece, que habita em os membros todos, foge, e se retira dos que foraõ separados: a claridade da luz não se communica bem, se a distancia em que está he excessiva; o fogo

naõ tem calor , fenaõ dentro da esféra da sua mesma actividade ; as cousas postas fóra da sua regiaõ , tomaõ huma natureza contraria , e ficaõ outras. Que cousa póde haver , que pareça estar mais fóra da sua regiaõ , da sua esféra , e do seu centro , do que o exercicio do poder , e da justiça n'a maõ dos Sabios ? Estes saõ prodigos d'aquelles attributos , usaõ d'elles como cousa emprestada , e alheia ; a sciencia que os fez subir , he o que desprezaõ mais : naõ porque totalmente desprezem a sciencia , mas porque esta prescreve certos modos , e limites , que se naõ podem passar , nem deixar de chegar a elles ; esta necessidade serve de angustia ; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito , e determinado ; a vaidade da sciencia naõ se accomoda em seguir , o que quer he que a sigaõ ; naõ quer observar a regra , quer fazella. Os Sabios soffrem mal o serem executores , e naõ legisladores ; e com effeito a execuçaõ , soa huma especie de servidaõ pública ; por isso cada hum se fórma huma sciencia particular ; e esta he a que propriamente he sua , d'aqui vem os diversos pareceres ; nem póde deixar de ser , porque nenhum

Nenhum sabio se governa pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles são communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmação dos seus : mas como póde não ser assim , se he regra , que em certos casos não deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a lei de lei ? Então vem a consistir a observancia da lei , n'a transgressão d'ella , a conformidade com o principio , consiste em se afastar d'elle , e a sujeição á regra , consiste em a violar , d'esta sorte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitraria , e fundada mais n'o conhecimento dos casos , do que n'o conhecimento das leis : estas são as que se applicaõ , e n'a occasião de serem applicadas , he que tem o perigo de se quebrarem , ou torcerem ; ellas se quebrão , e se torcem , ainda sem ser por fraqueza de quem as applica , mas por culpa da mesma cousa. Vemos aquelles Sabios , quasi sempre desunidos ; todos estudaõ as mesmas leis , mas n'o modo de as praticar , nenhum concorda ; não só disputaõ quando aprendem , mas tambem quando sabem ; em disputar passaõ todo o tempo de aprender , de ensinar , e de usar ; o que argumenta , e



duvida mais, he o que dá melhor final de si; o saber embaraçar mais, he o mesmo que saber mais; o applauso não segue a quem tirou a difficuldade mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a ostentação não está em fazer assentar n'ó que a cousa he, mas em arguir, e destruir tudo aquillo em que se assentar: célebre sciencia, em que os ignorantes, parece que estão de melhor partido que os Sabios! Estes vem tanto, que a multidão das cousas que vem, os confunde, e cega; aquelles vem menos, e por isso vem mais: a abundancia de sciencia faz aos Sabios pobres de saber; n'este caso a sabedoria está em poder tornar para o estado de ignorancia; á maneira de alguém que retrocede para buscar o que perdeu: alguma vez succede a quem caminha, o passar além do lugar para d'onde vai; então quando mais caminha, mais se perde; porque busca adiante aquillo, que já lhe fica atraz: tanto erra quem anda menos, como quem anda mais; e tanto se desvia quem não chega ao lugar, como quem o passa. Hum vento muito forte ainda que seja favoravel, he tormento; a luz nem por ser muito intensa, he

he mais clara ; as aguas , que correm precipitadas , para pouco servem ; a grande velocidade as faz inuteis , e incapazes ; o pezo não só fica sendo errado , por ter de menos , como por ter demais ; as cousas não só se arruinão por fraqueza , mas tambem por fortaleza ; a saude demasiada passa a enfermidade ; o preceito não só se quebra pela diminuição da observancia , mas tambem pelo excessão : algumas virtudes ha , que são vicios moderados ; a temperança he como huma raia , que está entre o vicio , e a virtude , e que distingue o bem do mal ; n'as sciencias tambem se pecca , por se saber n'ellas mais do que se deve saber : a nossa comprehensão não he infinita ; depois que recebe huma certa porção de intelligencia , fica sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cança , e fica como imbecil , e enervada. Depois que hum vaso está cheio de licor , o que se se lhe deita mais , perde-se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : d'aqui vem , que os Sabios são confusos commummente , embaraçados , e irresolutos , á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo que sempre vai com me-

medo, e de vagar: a immensidade de regras, de opiniões, e de doutrinas, de tal fórte os occupa, que ficaõ como prezos, e immoveis: a variedade de razões, e de razões contrarias, que hum Sabio acaba em qualquer cousa, o suspende em fórma, que fica sem saber, qual razão ha de seguir; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas, e para o não serem, tambem em todas considera fundamentos grandes: d'aqui vem as dilações, irresoluções, e perplexidades; este he o caso em que aquillo, que não decide a inclinação, decide a hora; a fortuna he a que move a pena, que absolve, ou que condemna. O Sabio que fluctua n'o meio de razões, e opposições iguaes, finalmente lá se deixa levar por alguma razão exterior, e indifferente; as cousas remotas, que não tem relação alguma, nem connexão com a materia, entraõ em concurso, com as que formão o corpo, e substancia d'ella: o litigante a quem o Juiz vio, ou fallou ultimamente; aquelle, que sabe ser mais cortezaõ, cuja voz he mais sonora, e cujo nome he facil de pronunciar, ou de escrever, esse he o que vence, e a quem se julga a palma; esta

ta não foi tirada do campo da peleja, mas de outro lugar estranho, e independente. Assim governaõ os Sabios, por isso ha tanta incerteza, e mudança n'as suas decisões; o que hum disse, outro reprova; o que hum fez, outro emenda; e muitas vezes n'a emenda he que está o erro; semelhante ao mal, que procedeo unicamente do remedio; cada hum defende a sua opiniaõ, e persiste n'ella; e cada hum se persuade, que o erro não esteve n'a decisaõ, mas n'a reformaçaõ; em todos fica constante a vaidade da sciencia; e algum que se retrata, tambem o move a vaidade de não ser, nem parecer-se com outros: huns fazem vaidade de serem infalliveis, outros tambem se desvanecem de mostrarem, que o não são: d'este genero são poucos; porque a vaidade de desprezar a vaidade he muito rara, e em si mesmo he estimavel. A virtude, ainda que venha de hum principio vicioso, sempre he virtude de algum modo ou mais, ou menos qualificada; o obrar bem por qualquer motivo que seja, he bom: as nossas acções, não se determinaõ pela causa que mostraõ, mas por outra que se não vê; e entre todas as causas, aquella que consiste em huma  
vai-



vaidade innocente , he menos má. Que importa , que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor , da constancia , da sciencia , e da justiça? O impulso , que move , fica separado da cousa movida : dous licores contrarios por mais , que se misturem , sempre parece que hum foge do outro , e se sepára ; o artifice , o instrumento , a obra , tudo são partes distinctas : a vaidade pôde incitar a virtude , mas não incorporar-se a ella ; pôde juntar-se , mas não unir-se.

A sciencia de fazer justiça her verdadeiramente sciencia de Deos , e dos seus substitutos n'a terra , que são os Soberanos: he impossivel dar-se injustiça em Deos ; n'os Soberanos , não he impossivel , mas he improprio : n'os mais homens a injustiça he quasi natural. Quaes são aquelles de que se possa dizer exactamente , que não tem interesse , inclinação , ou dependencia? Qualquer d'estas circumstancias serve de impedir o exercicio , e sciencia da justiça. Só os Reis relevaõ immediatamente de Deos , e só de Deos dependem : os mais homens todos dependem huns dos outros , porque ha mil modos de depender : aquelles mesmos , a quem a altura do lugar faz pa-  
re-

recer totalmente independentes , são os que muitas vezes dependem mais : aquelles a quem o merecimento , ou a fortuna , poz em hum certo gráo de authoridade , necessitaõ de adquirir nome , e reputaçãõ ; necessitaõ da opiniaõ , e approvaçãõ dos outros homens. Que maior necessidade de dependencia ! A opiniaõ , e approvaçãõ commua , não se fórma do parecer de hum só , nem ainda do parecer de muitos , mas do parecer de todos ; e d'esta sorte os mesmos de quem todos dependem , são tambem os que dependem de todos. A opiniaõ das gentes não he couisa taõ pouca , que d'ella não dependa a conservaçãõ do lugar , e da authoridade : o receio de que o poder se perca , ou o respeito diminua , he o que occupa cruelmente aos que estão em lugares eminentes ; n'estes ninguem está seguro , nem ainda os mais felices , porque se huma mãõ poderosa os fustem como elevados n'o ar , póde largallos , e quando crem que estão em assento firme , não estão senão suspensos : as azas de huma boa fama são as que os sustentão , se ellas faltaõ , o mesmo braço , que os suspende , os precipita : o favor supremo ,  
ra-

raramente he indiscreto, e se acaso se inclina sem razão, isto he, se alguem por engenho, e arte, se fez injustamente amar de hum Soberano, este n'ò dia do seu furor castiga aquella usurpação, e sobrepação de amor; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinação dos Reis costuma fundar-se em merecimentos, e virtudes; d'estas se compõe o encanto magico, que attrahe a si hum favor prudente; mas se foraõ fingidas as virtudes, e se os merecimentos naõ foraõ verdadeiros, irrita-se aquelle mesmo favor, á proporção que tem pejo da sua preocupação, e credulidade: nenhum engano he mais sensível, que aquelle que se dirige a roubar o affecto; a alma, que amou, naõ só sente o ter amado injustamente, mas sente tambem o naõ dever amar mais, porque a impressão, que o amor fez, naõ se póde tirar sem estrago, e dor da parte adonde está: o que foi gravado profundamente, naõ se desfaz sem ruina, e perda: para aniquilar-se a fórma de huma estampa, he necessario perder-se a estampa toda; naõ só a figura, que ella representa, mas tambem o corpo, em que a representação está. Aquelles pois, que de-  
vem

vem ás letras a sua exaltação, e que entendem, que feitos arbitros do mundo não dependem d'elle, são os que n'a verdade estão mais dependentes, porque a fama da sciencia, que os conserva, tambem he mudavel, e inconstante, e o mesmo favor que os fez subir como Sabios, póde fazellos descer como ignorantes. A sciencia não he qualidade tão certa, e permanente que não possa soffrer alteração. Tudo em nós tem decadencia, e só a sciencia a não ha de ter? Nem he preciso, que concorra alguma causa natural; as paixões bastaõ para perverterem as sciencias; não tomadas universalmente como ellas são em si, mas tomadas como são em cada hum de nós. Huma pequena nuvem basta para escurecer a luz do Sol; as paixões são como muitas nuvens juntas. Aquelle, em quem a ira não póde encobrir a luz do entendimento, e da sciencia, a ambição ha de encobrilla, e se o não fez, poderá fazello a grandeza do respeito, e n'a falta d'este, lá vem o amor, não só armado de setas, mas de lagrimas; não só fiado n'o seu imperio, mas tambem n'a sua submissão; não só com animo de render, mas de render-se; fatal combate, em que a maior fór-



força consiste n'a falta de fortaleza , e em que o ficar vencido , he o meio por onde a victoria se segura ; mas se nem o amor , nem a ambição nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico , lá vem finalmente a vaidade , e esta sempre vem feita invisivel , e acompanhada de todas as paixões , mas disfarçadas : o desejo , a dissimulação , a preguiça , e a inveja , vem cobertas de hum sayal modesto , e trazem n'õ semblante hum ar composto , e humilde , a vingança , a soberba , a rapina , e a altivez , vem cobertas de fumos de varias cores , e de differentes fórmãs. Assim se introduz enganosamente a vaidade , e assim vive em nós sempre escondida , como inimigo occulto , e traidor ; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis , e quando os deixa ver , he por algum interposto meio , por onde elles mostrem o contrario do que saõ. Havendo tantas sciencias , apenas ha alguma que faça , que nos conheçamos a nós , nem aos nossos vicios , nem a nossa vaidade. As sciencias humanas , que aprendemos , communmente saõ aquellas , que importava pouco que soubessemos ; deviamos aprendernos a nós , isto he , a co-  
nhe-

nhecemos; de que serve o saber, ou pretender saber, como o mundo se governa, ao mesmo tempo que ignoramos, o como nos devemos governar? Para tudo somos sabios, só para nós somos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio; não porque nos faltem regras, e preceitos para que possamos conhecernos, mas porque a vaidade se oppõe a huma sciencia, que faz humilde a quem a sabe: he arte mui difficil-tosa de aprender aquella que nos tira a presumpção. Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo, disforme, e macilento! Por isso fica sendo como huma alfaia sem uso, e desprezada: o ser fiel, e verdadeiro, he crime; quando a verdade molesta, e abate; o espelho que não lisonjea he prejudicial.

A sciencia de fazer justiça he d'onde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera, que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum! Não só ha vaidade n'isso, mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes, que a cada hum senão dá, o que he certamente seu. A corrupção das gentes está tão espalhada, que faz parecer virtude, huma obrigação que se cumpre, huma di-

vida que se paga , ou huma verdade que se diz. As cousas não se regulaõ pelo que deviaõ ser , mas pelo que poderiaõ ser ; isto he , o deposito que se entregou , podendo-se negar ; a divida que se podia não pagar , e se pagou ; a verdade que se disse , podendo-se esconder ; e assim a privação do vicio serve de virtude actual , e de alguma sorte , para ser hum homem virtuoso , não he necessario que faça algum acto de virtude , basta que não faça algum de vicio ; e de algum modo tambem , o ser leal não depende do exercicio da lealdade , basta que se não exercite alguma aleivosia. O mundo está tão pervertido , que a bondade dos homens não se tira da razão de serem bons , mas da razão de não serem máos : o nome da virtude , não vem da virtude presente , mas do vicio ausente ; o merecimento das cousas , não se toma pelo que são , nem pela fórma que tem , mas pelo que não são ; e pela fórma contraria que não tem. D'aqui vem que huma acção helouvavel , só porque não he reprehensivel. Aquelle meio de não ser , nem huma cousa , nem outra , parece que o não ha já ; ficaraõ os extremos , e extinguiõ-se o meio. Tudo propen-

de

de para o que não deve ser, por isso não sei se podemos admirarnos, de que as fontes ainda corraõ para o mar; de que o fogo ainda abraze; de que o ar ainda se mova; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos não se mudaõ, mas he, porque estaõ subordinados ás primeiras leis, que lhes deo o author do mundo; temos ouso d'elles, o dominio não; devem servirnos, e não obedecernos: a nossa prevaricação estende-se a tudo quanto foi, ou he obra nossa; por isso a vaidade se communica, e tem jurisdicção em tudo aquillo em que nós a temos. D'aqui procede, o ser a sciencia da justiça humana, huma sciencia mudavel, inconstante, e varia; porque as leis da vaidade sabem confundir-se com as leis verdadeiras da justiça. A vaidade tambem tem regras, e Doutores. Quantas injustiças não terá feito a vaidade de fazer justiça! A mesma vaidade que inspira a rectidão, a embaraça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso, implacavel, adverso, e truculento: faça-se irrisivel totalmente, aspero, severo, e defabrido; mostre hum aspecto sombrio, terrivel, taciturno, e intratavel; falle de hum ar, e  
tom



tem de soberania ; tenha sempre o pensamento distraído , como que o tem todo occupado em Ulpiano, e Bartolo , ou que está combinando n'a memoria algum ponto de grande consequencia , de que talvez depende a economia do Universo ; nada d'isso pertence á natureza do Magistrado , á natureza da vaidade fim. Hum jurisperito incivil quer que até n'a gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo ; e que se veja até n'a sua fórma exterior , huma fórma judicial. Aquelle frontispicio , cujo ornato consiste n'a desordem , he a primeira cousa que a vaidade expõe , como em espectáculo , quando quer alcançar huma acclamação de justo. Mas quantas injustiças não produz o desejo , ou a vaidade de adquirir aquella acclamação ! Não póde haver justiça , quando esta se exercita por algum fim , que não seja por ella só ; nem póde ser justo nunca , quem tem por objecto principal , a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação , busca-se por qualquer meio que for , isto he , ou justo , ou injusto ; quem procura a voz da fama , que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som ; o que o fizer mais ef-

espantoso, e o espalhar mais longe, esse he o que convem; nem importa que a voz seja sonora, e certa, o ponto he que seja forte. Quem he muito sensível á vaidade do nome, e á vaidade da opiniaõ, communmente he insensível á realidade da coufa; esta fica desprezada, se se pôde desprezar com segurança, e sem receio: quando só se quer o effeito, não se procura, nem attende a causa; por isso a quem deseja o applauso da virtude, esta fica sendo indifferente; e a quem deseja o applauso da justiça, tambem esta fica sendo menos importante. D'aqui vem, que a justiça costuma fazer-se para soar: aquella que soa mais, (ou pela grandeza da materia, ou do sujeito) essa he a mais agradavel a quem a faz; porque d'ella se fórma a voz da fama, e juntamente nasce d'ella o nome, e reputação de justo. A vaidade não se contenta, com o que as cousas são, mas com o que parecem, com tanto que pareçam grandes; nem faz caso do que se diz que he: estima o merecimento não segundo a qualidade d'elle, mas segundo o effeito, que faz n'a estimação das gentes: não faz distincção entre o louvor extorquido, e o louvor mere-

cido justamente, basta-lhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade não se formalisa da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem huma exalação por huma estrella, importa pouco: d'aqui vem, que huma acção illustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que não se sabe, a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.

O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidão o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidão cega, e sem experiencia; presume n'ó juiz hum espirito de justiça, firme, e incontestavel, só porque o vio julgar contra a grandeza do poder; mas não vê que n'isso mesmo quiz o juiz astuto, fundar a sua grandeza propria; opprimio injustamente ao grande, (porque nem sempre a razão, e a justiça estão da parte dos humildes) aquelle foi o meio que buscou para fazer-se admiravel entre todos, e adquirir reputação em poucas horas: huma  
só

só injustiça lhe deo a opiniaõ de justo ; huma só iniquidade o fez illustre ; talvez que huma vida longa , e cheia do exercicio da justiça verdadeira , não fizesse tanto ; isso mesmo previo o maligno julgador ; por isso quiz anticipar-se aquella gloria , ou vaidade , por meio de hum crime , que o vulgo communmente não suppõe : d'aquella sorte conseguiu hum alto nome ; mas que importa , elle mesmo o desconhece : todos o tem por justo , e só elle não se tem a si ; o engano produzio o effeito para os mais , para elle não ; todos o estimaõ porque o crem justo , e só elle se reprehende , porque interiormente sabe que o não he ; a todos póde enganar , só a si não ; a consciencia , que não teve para julgar a outrem , tem-na ( a seu pezar ) para julgar-se a si ; em si mesmo tem hum Tribunal , que o accusa , e que conhece claramente o seu delicto ; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena ; a sentença contra hum julgador impio , elle mesmo a pronuncia ; e por mais que a vaidade ( depois que o fez errar ) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro , com tudo lá vem algum tempo em que parece , descança a vaidade ,



e desperta a consciencia ; esta nem sempre vive em hum letargo , ás vezes se levanta como estremecida , e affombrada ; entaõ a ouvimos suspirar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou ecco triste , que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coração se sobressalta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só entaõ podemos ver n'aquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razão ; entaõ se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razão por instituto , n'essa mesma se introduz a vaidade. Quem differa , que a escuridade das trévas póde ter lugar n'a mesma parte em que a luz preside ! Que á vista da formosura , póde ter veneração a fealdade ! Que huma voz irracional , e rouca , póde entrar sem desordem n'o concerto da harmonia ! Que entre as pedras preciosas , póde ter valor a pedra tosca ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao metal brilhante ! E finalmente quem differa , que n'o templo da Divindade póde ter algum culto , o idolo ! Entre extremos taes , a distancia que ha , he infinita ; e  
com

com effeito entre o vicio , e a virtude ; entre o engano , e a verdade ; e entre a injustiça , e a justiça , não ha caminho certo , nem proporção , que se conheça ; o mesmo meio parece que he injusto , e vicioso. Mas que importa : a vaidade faz , que não seja excessiva a distancia dos extremos , porque quando os não pôde chegar , e unir , faz com que ao menos se possam ver de longe ; he o que basta para de algum modo os concordar , e tudo sem mais força , nem trabalho , que o de dar á verdade alguma sombra , algum pretexto ao vicio , e alguma cor á injustiça : e assim em quanto houverem cores , sombras , e pretextos , hão de padecer a verdade , a justiça , e a virtude.

N'a sciencia de julgar , alguma vez he desculpavel o erro do entendimento , o da vontade nunca ; como se o entender mal não fosse crime , erro sim ; ou como se houvesse huma grande differença entre o erro , e o crime : o entendimento pôde errar , porém só a vontade pôde delinquir. Assim se desculpaõ communmente os julgadores , mas he porque não vem , que o que dizem , procedeo do entendimento ; se bem  
se

se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto-supposto, cuja origem, não he aquella que se dá. Querem os Sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de não ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita ao que nós queremos; e que o seu maior empenho, he servir á nossa inclinação; por isso raras vezes se oppõe, e o mais em que se occupa, he em conformar-se de tal sorte ao nosso gosto, que ainda a nós mesmos fique parecendo, que foi resolução do entendimento aquillo que não foi senão acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira: d'aqui vem que nem sempre segue a razão, e a justiça, a inclinação sim; inclinamo-nos por vontade, e não por conselho; por amor, e não por intelligencia; por eleição do gosto, e não por arbitrio do juizo: as paixões que nos movem, nos inclinão; a todas conhecemos, isto he, sabemos que amamos por amor, que aborrecemos por odio, que buscamos por interesse, e que desejamos por ambição: mas não sabemos sempre, que tam-  
bem

bem a vaidade nos faz amar , aborrecer , desejar , buscar ; d'aqui vem que o julgador se engana , quando se presume justo , só porque não acha em si , nem amor , nem odio , nem ambição , nem interesse ; mas não vê , que he vaidoso , e que a vaidade basta para o fazer injusto , cruel , tyranno. Não vê , que senão tem amor a outrem , tem-no a si ; que senão tem odio ao litigante humilde , tem-no ao poderoso , só porque n'a oppressão d'este quer fundar a sua fama ; não vê , que senão tem interesse de alguns bens , tem interesse de algum nome ; e senão tem ambição das honras , tem ambição da gloria de as desprezar ; e finalmente não vê , que se lhe falta o desejo da fortuna , sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessario para perverter hum julgador ? E com effeito que importa , que a corrupção proceda de hum principio conhecido , ou de hum principio occulto , isto he , de huma vaidade , que o mesmo julgador não conhece , nem percebe ? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto , só por passar por justiceiro ? A consequencia da injustiça tambem vem a ser



a mesma ; o mal que se faz por vaidade , não he menor , que aquelle que se faz por interesse , o damno que resulta da injustiça , he igual ; o juiz amante , ou vaidoso , sempre he hum juiz injusto.

Não he assim o magistrado , ou o julgador prudente : este he severo sem injuria , nem dureza ; inflexivel sem arrogancia , recto sem aspereza , nem malevolencia ; modesto sem desprezo , constante sem obstinação ; incontrastavel sem furor , e douto sem ser interpretador , subtilizador , ou legislador , o seu caracter he hum animo candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigação do officio ; he sensivel ao divertimento honesto , mas sem uso d'elle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil , circumspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem he pezada a sua authoridade , e quando foi promovido a ella , todos conheceraõ que foi justa , e acertada a eleição ; todos viraõ que tinhaõ n'elle hum protector seguro da verdade , e hum mediano discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor , clemencia , generosidade ;

de; chegou á aquelle emprego por meio das virtudes, e não por meio da fortuna; hum alto merecimento o fez chamar: e as gentes se admiraraõ, não de que fosse chamado, mas de que o não fosse mais cedo: a elle não affombra nem a grandeza dos sujeitos, nem dos lugares, nem das materias; não attende mais do que á justiça; a esta tem por objecto singular, para esta he que olha; a razão he a sua regra, elle a segue, e a acclama em qualquer lugar que a ache: n'õ seu conceito não valem mais, nem o pobre por humilde, nem o grande por poderoso; distingue as pertenções dos homens, pelo que ellas são, e não por de quem são; não attende á qualidade dos rogos, mas á qualidade das cousas: hum vida sem reparo, nem desordem, foi hum dos requisitos por onde se habilitou; outros ha a quem não he ventajoso, que se vejaõ os passos, que já deraõ, mas sómente aquelles, que vão dando; e a quem não será util, se ponderem as acções antecedentes; e ainda as presentes não passaõ sem murmuraõ, e queixa. O julgador benigno não receia, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu pane-  
gy-

gyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, não; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador fincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e não o que basta para saber embarçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razão huma sciencia immensa, como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, espaçoso, claro, facil, e aprasivel; as flores, que o bordão de huma, e outra parte, todas são perpetuas, porque nunca murchoão; huma Primavera constante as reverdece, e alenta; o caminho porém das injustiças he hum caminho difficil, espantoso, e escuro; humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio; outras vezes he por valles estreitos, sinuosos, e profundos, e d'onde as arvores são todas infecundas, tem palidas as folhas, e nascendo desordenadas, e confusas, fazem o lugar seguro, e proprio para traições, aleivosias, furtos, assassinos; as mesmas sombras infundem pavor, e fingem vultos enormes; hum ar cal-

liginoso, e denso, apenas póde albergar aves nocturnas de presagio infausto; os rios, que alli se vem, são negros, e tem n'ò abyssmo o fundo, apenas póde criar monstros amphibios; o silencio, com que passam, os faz ainda mais funebres, e tristes, como se nascessem do Styge, do Averno, ou do Cocyto. Esta figura representa o caminho da injustiça, caminho, que não se sabe sem estudo, porque tudo se compõe de circuitos, rodeios, e desvios. Mas que infeliz estudo he este, em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vai ao Inferno! Por isso aquelle digno Magistrado, de huma fiel jurisprudencia, só quiz saber, o como se deve julgar; e não o como se póde julgar; e da mesma sorte só quiz saber, o como se devem fazer as cousas, e não o como se podem fazer; d'aqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões, e ser o seu voto acertado sempre; nunca teve por objecto, senão a justiça, e a razão, e estas só consideradas em si mesmas, sem alteraçãõ, e n'ò seu primeiro estado de innocencia, e de pureza; n'as leis nunca vio mais nem menos do que aquillo, que ellas tem, nem as soube ac-

com-



commodar a algum sentido exquisito, e raro, por onde viesse a ter lugar a inveja, a ambição, e a vingança. Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade; he justo só por amor da justiça; elle conhece os seus proprios movimentos, e entre estes segue unicamente aquelles, que tem por principio a justiça, e a verdade. Não se desvanecer das virtudes, que conhece em si; o applauso só quer, que seja da virtude, e não seu; o louvor quer, que se dê á razão, e não a elle; parece-lhe, quem em obrar como deve, não merece nada; não se admira da justiça, que exercita por força da obrigação das acções memoraveis, em que tem parte, elle se suppõe hum instrumento necessario; sendo assim, não o póde vencer a vaidade. Esta, que em todos os homens he como hum affecto, ou paixão inevitavel, só n'aquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor; desconhecido, e estranho; mas por isso mesmo, e sem cuidado, conseguiu, e tem hum nome veneravel, e com circumstancia tão feliz, que esse mesmo nome, que conserva, contém em si huma illustre, e saudosa recordação.

A vaidade da origem, he huma feita, que se fundou n'a Europa da decadencia de outras da mesma especie, ou semelhantes: aquella parte por onde o mundo se começou a polir, foi o d'onde os homens descobríraõ a invenção maravilhosa da nobreza. A successão dos seculos tinha feito perder a intelligencia, e uso de muitos artificios uteis, e admiraveis; mas em recompensa fez achar n'o sangue muitas differenças, que ainda se não tinhaõ advertido. Os homens barbaros não puderaõ ver n'o sangue outras cousas mais, do que aquellas de que consta hum corpo fysico; e n'aquelle humor o mais que víraõ, foi a razão de mais, ou menos liquido, e a razão de mais, ou menos cor; d'estes dous principios fizeraõ resultar todas as mudanças de que o sangue he susceptivel, e por causa d'elle, o homem. Averroes, Avicena, Hippocrates, e Galeno; huns famosos Medicos, e Philosophos Arabios; os outros, tambem famosos, e Medicos Gregos, não conhecêraõ (segundo se diz) a circulaçãõ do sangue. Os que lhes succedêraõ depois, não só fizeraõ aquella grande descoberta, mas tambem entrãraõ a seguir a idéa de applicar, ou consi-

siderar n'ò sangue muitas razões, e substancias importantes, de que a natureza, que o faz, e cria, não tinha, nem ainda tem, noticia alguma, de fórte, que n'esta parte póde dizer-se, que a natureza não sabe o que faz; e com effeito o que sabe he, que o sangue he huma entidade material, sujeita a todas as leis da hydrostatica, e do equilibrio, e que fórma hum liquido espirituoso, vital, universal, e igual em tudo quanto respira, e he sensitivo; o mesmo modo, a mesma arte, os mesmos ingredientes, de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão, de hum Elefante, ou de huma Aguia, são os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica, ou de hum Cordeiro manso: as producções são diversas, a fabrica he a mesma; não ha differença n'os principios, n'as figuras sim. Sé o Leão se desvaneece, he porque tem a força, e não porque tem o sangue de Leão: e ainda se se desvaneece pela força, he quando se compára ao Cordeiro debil, e não se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido, sería por ter a corpulencia, e não por ter o sangue de Elefante: e  
ain-

ainda n'ó que toca á corpulencia, a presumpção seria o respeito de outros animaes de menos estatura, e não a respeito de outros Elefantes. Se huma Aguia se jactasse, havia de ser de subir mais alto, e não de ter o sangue de Aguia; e ainda a jactancia do subir, só seria a respeito do Cisne humido, e pezado, e não a respeito de outras Aguias. Não he assim o homem; porque o seu desvanecimento, a sua presumpção, e a sua vaidade he dirigida sempre a respeito dos mais homens. O sangue he o lugar em que fazem consistir a singularidade, ou superioridade de huns a outros; n'aquelle licor he o d'onde consideraõ como occultas, e invisiveis todas as razões de differenças; alli puzeraõ o assento da Nobreza, e d'alli a fazem sahir, como de huma fonte original, e composta de infinitas distincções, qualidades, grãos, quilates. Os homens das outras regiões não distinguem os sangues, senão pelas suas proporções elementares; isto he pela proporção dos elementos; ou partes, de que os mesmos sangues se compoem; a diversidade que notavaõ, consistia em ser hum sangue mais, ou menos calido; mais ou menos denso; mais ou menos subtil:

não



naõ víraõ aquellas Nações remotas, o que com mais engenho, e estudo chegarão a ver as Nações da Europa; isto he, que ha hum sangue humilde, vil, abjecto, e baixo; e que ha outro, nobre, illustre, preclaro, esclarecido: mas se se pergunta a hum sangue, quem o fez humilde, e a outro, quem o fez nobre; o primeiro ha de dizer, que huma nobreza cruel, e dilatada, o envileceo; e o segundo dirá, que huma pomposidade, e dilatada riqueza o illustrou. Quem disse, que a fortuna faz o sangue! Naõ bastava, que essa mesma fortuna tivesse poder n'as cousas, que nos rodeaõ, sem o ter tambem n'aquillo, que está dentro de nós? Parecia-nos, que só a natureza dava o sangue, e que este só da natureza dependia; mas agora vemos, que a fortuna o muda.

Muda a fortuna o sangue, ou ao menos parece, que o muda; e com tal variedade, e força, que aquelle sangue, que algum dia foi humilde, hoje he generoso; aquelle que foi esclarecido, he humilde; o que agora he abatido, tempo ha de vir em que o naõ seja; e o que está sendo illustre já, tambem algum dia deixará de o ser. D'este modo vem a depender o sangue, naõ só

só da fortuna presente, mas da passada, e da futura: não só lhe prejudica a miséria actual, mas também aquella que passou; faz-lhe mal o mal que sente, e também aquelle que não póde sentir; costuma vir-lhe de longe o abatimento, ou a grandeza; por isso depende menos do estado presente em que se acha, que do estado passado em que outros se achárao; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes, e a fortuna d'estes faz a Nobreza dos futuros; assim se faz a Nobreza, e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns; isto he, começa-a; em outros a aperfeçoa; até que finalmente vem a acaballa em outros; o acaballa, he desfazella; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural, ou mais certa que a abundancia; esta que illustra o sangue, he menos permanente do que a pobreza, que o abate; a decadencia he mais commua, e menos inconstante; a prosperidade he a que faz a Nobreza, em quanto dura; e também he a que a ~~de~~z, quando se aparta. A Nobreza segue os passos da fortuna, se esta he dilatada, e grande, en-

taõ se fórma huma Nobreza esclarecida ; porque os seculos lhe escondem a sua primeira , e limitada origem. A luz , quando nasce , he debil ; porém insensivelmente se fortifica ; nenhum rio se mostra logo como mar ; e dos que saõ mais celebrados , ainda se ignora o d'onde vem ; talvez que seja de alguma fonte humilde , e desprezada ; mas como vem de longe , a distancia os ennobrece , só porque occulta a tosca rocha , ou a brenha sem nome d'onde nascem. As cousas vãs necessitaõ de huma certa escuridade ; que as esconda , porque como se estimaõ , só porque se imaginaõ estimaveis , se se deixaõ conhecer , perdem-se ; a ignorancia do que ellas saõ , he o que as conserva , e atrahhe a si hum respeito religioso. Saõ poucas as vozes , que naõ sejaõ imprudentes ; e pelo contrario , todo o silencio he discreto , e sabio ; as cousas que naõ se estimaõ por naõ serem conhecidas saõ raras : o merecimento transpira por toda a parte , e por mais que se queira esconder , naõ póde ; he como a claridade , que sempre busca , e acha caminheiros invisiveis por onde passa : huma chamma activa naõ se póde conter : ella se descobre , o mesmo fumo lhe serve de

de indício. Não he isto assim n'a vaidade da Nobreza, porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel, e que esteja envolvido em sombras taes, que o exame as não possa romper; e que esse mesmo exame, já confuso, e embaraçado, não chegue senão até áquella parte, d'onde a Nobreza está mais brilhante, e clara; e se lhe fosse facil andar mais, de successão em successão, lá havia encontrar os sinais, os vestigios da miseria, e junto a esta inseparavel a vileza; assim, bem podemos assentar, que a vaidade da Nobreza he humma introduccão supersticiosa, a qual nasce da vaidade do luxo, da vaidade da arrogancia, e da vaidade da fortuna.

Era preciso com effeito, que muitas vaidades concorressem, para poderem formar a vaidade da Nobreza; era preciso, que muitas vaidades se juntassem, (todas subteis, e especulativas) para fazer que os homens cressem, que os accidentes do tempo, da fortuna, e da desgraça, se podiaõ de tal sorte infundir n'o sangue, que a hum constituissem sangue nobre, e a outro fizessem sangue vil. A Nobreza, e a vileza, são substancias incorporaes, porque são vãs;



e se he verdade, que podemos estar n'ò sangue, será talvez por algum modo intellectivo, immaterial, e ethereo; mas parece que nem assim podia ser, porque aquillo que he vaõ, de nenhuma fórte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos, que a inexistencia de huia sombra, porque esta ao menos he hum nada que se vê; a imaginação póde fugir huma chiméra, porém dar-lhe corpo, não; póde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla n'as veas nunca póde ser. Os homens enganaõ-se com o que imaginaõ; parece-lhes que o mesmo he imaginar, que formar, e que he o mesmo idear, que ser. O engano, ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar, se os homens assim como a quizerão pôr interiormente em si, se contentassem com a pôr de fóra, isto he; se a fizessem consistir n'as acções exteriores; perderaõ-se em buscar o sangue para assento da Nobreza: aquelle engano ficou visivel, e facil de perceber. Todos sabem, que a imaginação não póde dar, nem tomar corpo: a illusão do pensamento nunca póde ser mais do que illusão. O sangue não está sujeito á opiniaõ, só depende das leis do movimento, e da  
ma-

materia; as distincções, que o pensamento considera, não passam do pensamento, n'elles ficam, só n'elle podem existir, n'ó sangue não. A Nobreza, e a vileza, são nomes diferentes, mas não fazem diferentes sangues; estes são iguaes em todos; e por mais que a vaidade finja, invente, e dissimule, tudo são imagens suppostas, e fingidas, tudo são opiniões, que todos sabem que são falsas; tudo são sonhos de homens acordados. A verdade se ri de ver a gravidade, o gesto, e circumspecção com que as gentes tratam a materia da Nobreza; e de ver que saibam como o sangue se ennobrece, ao mesmo tempo que não sabem o como elle se faz; de sorte que ainda não conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica d'aquelle liquido admiravel, e presumem conhecer-lhe as qualidades; ignoram as qualidades certas, e visiveis, e cuidam que não ignoram as que são de huma fantasia irregular; e que não constam mais que de huma ficção civil. D'aqui veio o reduzir-se a arte áquelle mesmo conhecimento, arte rara, e vasta, e que tem por objecto, não só o estado da successão dos homens, mas tambem o estado, ou situação da Nobreza d'elle.

Em

Em hum breve mappa se vê facilmente , e sem trabalho , o que produzirão muitos seculos ; alli se achão collocados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana ; e tudo com tal ordem , e repartição tão clara , que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : n'õ mefmo mappa , ou globo racional , se encontraõ descriptas muitas linhas , e distinctos lados ; e n'elles introduzidos subtilmente outros lados errantes , desconhecidos , vagos , e duvidosos : as regiões , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo consumio : as arvores , os troncos , e os ramos , são de d'onde estaõ pendentes Varões illustres , armas , escudos , titulos , troféos , mas tudo sem acção , nem movimento , tudo alli se poz , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para incitar o desejo de merecer , que para servir de lisonja a ociosidade da memoria ; menos para estimulo da imitação , que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço tão pequeno , maior contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio , em que a Nobreza se mostra vestiti-

tida de pompa, e de aparelho : alli he finalmente d'onde a vaidade como em hum labyrintho famoso, e agradavel intenta medir o ar ; pezar o vento, apalpar as sombras.

Mas por que razao poriaõ os homens n'o sangue a qualidade da Nobreza ? Seria por ser aquella a parte de que a vida está mais dependente ? Naõ, porque a vida naõ depende mais do sangue, que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem n'a cor mais elegancia, move-se, e existe em porcao maior : mas d'isso naõ se segue, que a vida depende mais do sangue, ou tenha d'elle maior necessidade. A cor he effeito da transposicao da luz ; a porcao muitas vezes faz o nosso mal ; e n'a formaçaõ dos mixtos he menos importante aquillo, que entra n'elles em mais larga quantidade. Move-se finalmente o sangue ; mas que parte haverá n'o corpo, que naõ tenha hum movimento proprio ? O que o sangue parece tem de mais, he que naõ necessita da nossa intenzaõ para mover-se ; mas isso mesmo tem o corpo em outras partes ; e a depravaçaõ do movimento de que resulta a convulsaõ, procède de hum movimento involuntario. Naõ achamos pois o fundamento por onde



de os homens quizerão, que fosse o sangue a fonte d'onde a Nobreza se imprime, e de d'onde sahe. Só nos falta ver, se será talvez por entenderem, que as successões se continuão pelo sangue, e que este derivado de huns a outros, successivamente continua em huma mesma descendencia, conservando n'ella hum caracter particular, distincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de d'onde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando são muitos n'ò numero, sempre conservaõ a mesma ordem, e a mesma identidade n'a figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producções são separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaõ de huma só roseira; porém todas são rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada huma esteja em diverso ramo, a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e já parece, que aquella paridade tomada n'ò reino vegetal, tem justa applicação para o caso da Nobreza infundir n'ò sangue, e n'a suc-

sucessão ; mas não sei se a mesma paridade pôde servir de aniquillar inteiramente, ou ao menos de embaraçar o systema da Nobreza de geração. ( A maior parte dos systemas communmente está sujeita á variedade do discurso ; ainda aquelles a que a prescripção do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza. ) O caso he, que o sangue dos animaes he como o humor n'as plantas ; estas por meio das raizes attrahem a si a humidade fecunda, que as faz reverdecer, e he a mesma de que se fórma o tronco, os ramos ; as folhas, e os frutos ; de sorte que o humor da terra he o que anima a planta, he o seu sangue : este sangue pois, ou este humor, será por ventura sempre o mesmo em huma planta ? Não ; porque a terra a cada instante recebe dos outros elementos huma nova vida, isto he, huma humidade nova : as aguas, que a regaõ, nunca saõ as mesmas ; d'aqui vem, que o sangue de huma planta sempre he outro, comparado ao que foi primeiro ; e por isso sempre muda de sangue, porque sempre muda de humor ; aquelle com que nasceo, não he o mesmo que hoje tem : o primeiro parece se extinguiu por huma transpi-

piração lenta , e insensível ; e assim o sangue , com que está , não he o que já teve , porque já não tem o humor que tinha : a conservação das plantas , e animaes , depende de huma continua mudança de alimento , e por consequencia de sangue ; este sofre huma dissipação precisa ; he preciso , que hum sangue acabe , para dar lugar a outro : n'esta renovação , ou reformação de sangue , consiste a vida : a morte vem de ser o sangue mesmo ; a falta de mudança , he o que o perverte ; a constancia , e estabilidade , serve-lhe de ruina.

E com effeito se senão perdesse o sangue , que se faz n'os animaes , e o humor , que as arvores attrahem , d'onde era possível que coubesse tanto humor , e tanto sangue ? Que outra cousa he a enfermidade , senão hum sangue , ou hum humor , que senão dissipa , e está como suspenso ? O calor vital , que expulsa hum , fabrica outro ; algumas cousas ha , que para acabarem , basta que subsista n'o que são ; d'aqui resulta huma especie de pismo : a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece ; a força do remedio consiste n'a virtude de expellir , e dissipar ; a superfluida-  
de

de procede de se haver o sangue conserva-  
do ; a conservação o perde , não só pela ra-  
zaõ de ser peccante , mas pela razãõ de ser  
o mesmo. Os poros sãõ como infinitas por-  
tas , e quasi imperceptiveis , por onde o  
sangue , e todos os humores passãõ conti-  
nuamente , e sem interrupção : a saude  
consta de exalação , e de perdição ; per-  
fiste huma substancia , porque outra se des-  
vanece : se acaso aquelles poros se consti-  
pão , isto he , se aquellas portas se apertaõ ,  
ou se fechaõ , e que o sangue fique como  
prezo , e sem sahir entãõ se vê , que o su-  
jeito se afflige , e desfalece ; e se dura , ou  
permanece a reclusão , a morte chega em  
poucas horas : a arte , que conhece a causa  
da desordem , só cuida em relaxar , e abrir  
os poros comprimidos , e cerrados , para  
que o sangue posto em liberdade se possa li-  
vremente perder , dissipar , fugir. A natu-  
reza ambiciosa em conservar fica inhabil pa-  
ra adquirir ; a vida não depende tanto do san-  
gue , que está feito , como d'aquelle que se  
vai fazendo : rotas as veas , por ellas sahe  
em horrivel , e espantosa quantidade : de-  
bilita-se a natureza , mas se lhe acodem ,  
não acaba ; porém se fica sem acção para fa-  
zer



zer de novo , entra em agonia , e se extingue totalmente ; n'aquella elaboração está a vida , n'este descanso a morte.

Ainda as partes sólidas do corpo de alguma fórte mudaõ de substancia , e se regeneraõ. O osso duro , parece que todo em si he compacto , e immutavel ; mas com tudo , a sua contextura he composta de folhas adherentes , separadas , e sobrepostas ; por entre varios intersticios circula n'elle hum liquido unctuoso , este serve-lhe de alimento , e sangue ; e he tambem o que sendo molle , faz que o osso seja forte , e firme ; d'alli vem a nutriçaõ , e por consequencia a mudança de materia ; porque tudo o que alimenta , trabalha em se transformar , ou converter n'a cousa alimentada ; aquella conversãõ procede lentamente , e apenas se imagina em hum corpo duro : nos liquidos he visível , e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga , que ainda que o sangue mude , e se renove , basta que fique d'elle hum atomo fermentativo , ou idéa primogenia , para assim se conservar perennemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o defensor do sangue antigo , naõ por defender o sangue , mas por defender

a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em cousa fysica não sei se he permittido o recurso para cousas imperceptiveis, e invisiveis. Em o nascimento de huma fonte quem lançar qualquer porção de agua diversa, esta ha de sahir em brevissimos instantes; porque aquellas aguas continuamente estão mudando de si mesmas: ellas são o sangue da terra, assim como o sangue são as aguas do corpo: todas se mudão, e successivamente se renovaõ; as que vem depois são outras, sem impressãõ alguma das primeiras; nem se póde imaginar, que cada porção de sangue vá deixando, (como em memoria, e penhor de si) alguma porção, ainda que pequena infinitamente; as partes não são extensiveis, ou indivisiveis em infinito; assim que chegaõ a huma tal tenuidade, acaba-se a divisãõ. A subsistencia tem fim no sangue, porque este transpira por huma immensidade de caminhos; nem he comprehensivel, que n'a massa de hum fluido subtil, haja alguma parte, que tenha o privilegio de ser intranspiravel, e que isento das leis universaes, vá

vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move, mais se diminue: n'aquelles que tem hum movimento perpetuo, regular, e proprio, a materia se dissipa, á proporção que se subtiliza; nem ainda em hum tubo de crystal se póde algum licor conservar iuteiro; e apenas se faz crível a quantidade de humor, que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois, que o sangue não he d'onde a Nobreza assiste; he hum liquido incerto, e vago para ser o assento de huma vaidade tão constante. Haja embora n'o mundo huma Nobreza, com tanto que não imaginemos, que ella tem dentro dos homens huma parte distincta d'onde habita: seja hum idolo, mas idolo sem templo: basta suppor, que o Simulacro he certo, sem entrar n'o empenho sobre o lugar da dedicação: seja a Nobreza como a sombra; esta bem se vê, mas não se pega; sempre está fóra do corpo, dentro nunca: tenha a vaidade hum culto exterior, com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz; elle não descança, e todo o seu trabalho he para ser sangue, e não para ser este, ou aquelle san-

sangue : de que serve a arte de introduzir n'aquelle liquido admiravel , qualidades arbitrarias , e civís , se a verdade he , que elle só tem as qualidades naturaes ? Para que he fazer ao sangue , author d'aquillo , de que só he author a vaidade.

A Historia he huma das próvas , com que a vaidade allega , e de que mais se serve n'a authenticidade da Nobreza : prova incerta , duvidosa , fingida , e tambem algumas vezes falsa : n'ella se vem muitos successos famosos , acções , combates , victorias , muitos nomes a quem essas mesmas acções ennobrecêraõ , illustráraõ. Mas de quantas acções fará menção a Historia , que já mais se viraõ ? De quantos successos , que nunca foraõ ? De quantos combates , que nunca se deraõ ? De quantas victorias , que nunca se alcançáraõ ? E de quantos nomes , que nunca houveraõ ? Não he facil , que pelas narrações da Historia se possa descobrir a verdade dos successos ; ella communmente se escreve , depois de serem passados alguns , ou muitos seculos , de que se segue , que a mesma antiguidade he huma nuvem escura , e impenetravel , d'onde a verdade se perde , e esconde. Se a Historia



ria se escreveo ainda em vida dos Heróes, o temor, a inveja, e a lisonja bastaõ para corromper, diminuir, ou accrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom Historiador, he necessario não ser de nenhuma Religiaõ, de nenhum Paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissãõ; e mais que tudo, se se pudesse não ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela liçaõ da Historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a Historia do que os Authores escrevêraõ, e não a verdade d'aquillo que escrevêraõ.

Os Historiadores n'õ que mais se esforçaõ, he em pintar cada hum a si, e introduzirem n'õ que escrevem as suas profissões, e inclinações. O Orador todo se occupa em Declamações, e Panegyricos, ainda que os objectos do louvor sejaõ totalmente indignos d'elle. O Militar não faz mais que buscar occasiaõ para descrever empresas, muralhas, angulos, ataques, sitios: huma batalha, que nunca houve, elle a faz tão certa, que até relata a hora em que começou, o como se proseguio, o tempo que durou, os incidentes que teve, os nomes  
dos

dos Gêneraes, a fôrma do combate, os erros, ou acertos de huma, e outra parte; e finalmente dá a razão por onde se veio a conseguir o vencimento; ainda em hum combate verdadeiro, só o Historiador teve noticia de infinitas circumstancias, que tendo sido momentaneas, nenhum dos mesmos combatentes as pudêraõ distinguir, saber, nem ver; se o Author da Historia he Jurisconsulto, logo faz menção de Leis, Legisladores, Direito das gentes, e da guerra: a cada passo acha materia propria para huma larga discussão, e deixando o que pertence á Historia, elle mesmo se incorpora n'ella, e entra a mostrar o seu caracter: d'aquí vem, que Salustio, sendo Historiador, todo se cõta em moralidades, Tacito em politicas, Tito-Livio em superstições.

O desejo de contar cousas admiraveis, e a vaidade, que o Historiador tem de manifestar que as sabe, he o que fez sempre inventar, e escrever successos fabulosos. O inventor de cousas raras, extraordinarias, e maravilhosas, attribue a merecimento seu, a admiração que faz nascer n'o animo do leitor credulo, e innocente. A varieda-

de de opiniões n'a materia da Historia, faz que esta parte da literatura, seja a mais incerta, duvidosa, e composta muitas vezes de enganos, e imposturas. A Herodoto (que passa pelo melhor Historiador) chama Cicero Author de fabulas; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores, que lhe precedaõ, e a elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar naõ saõ mais acreditados: Pollio-Asinio os tem por pouco verdadeiros, e Vossio faz lembrar hum Escriitor, que pretende mostrar com provas invenciveis, que Cesar nunca passou os Alpes; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos, he falso.

Os Historiadores, naõ sómente saõ oppostos entre si, mas cada hum a si mesmo muitas vezes he contrario. Procopo n'a sua Historia, dá louvores immensos ao Imperador Justiniano, e á Imperatriz Theodora, sua mulher, a Belisario, e a Antonina; e n'as suas Anecdotas os critica excessivamente. Os marmores, e bronzes, naõ servem n'a historia de provas infalliveis: os monumentos mais antigos tem dado occasiaõ aos mais celebrados erros: as primeiras conjecturas, (bem, ou mal fundadas)

ad-

adquirindo com o tempo a authoridade da historia , foraõ passando á posteridade como cousas certas : temos exemplo n'a memoravel inscripção posta n'o arco do triumpho de Tito ; a qual dizia , que antes d'aquelle Imperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o sitio de Jerusalem , sendo que (sem recorrer á historia sagrada , que ainda entãõ poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foi huma das conquistas de Pompeo , de d'onde procedeo o chamar-lhe Cicero , o seu Jerosolimario. Accresce a isto , que os mais notaveis acontecimentos sãõ os em que as historias mais variaõ , e em que os Authores concordãõ menos. Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troia? Huns querem que ella fosse verdadeira , outros dizem que não foi mais do que huma bem composta fabula.

Dion Chrysostomo , n'a fé das tradições Egyptias , diz que Helena sendo pedida pelos maiores Principes da Asia , e Grecia , casara por ordem de seu pai Tyndaro com Alexandre , filho de Priamo ; e que aquelles Principes irritados da preferencia , fizeraõ guerra a Troia ; e que enfraquecidos depois pela peste , e fome ; e juntamente



pelas suas mesmas diffenções concluirão a paz com os Troianos , em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira , d'onde se escrevêra em grossas letras , a fórma do Tratado ; e que finalmente não podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade , se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse. Porém Pausanias diz o contrario , e segura que o cavallo de Troia não fora mais do que huma machina de bronze , que elle vira em a Cidarella de Athenas ; e que tinha servido n'aquella guerra , como de instrumento bellico , para arrombar , e destruir os muros.

Muitos escreverão , que Helena nunca fora a Troia : que Pariz , e Helena foraõ levados por hum tempestade a humas das bocas do rio Nilo , chamada *Cânope* , e de lá conduzido a Memphis , d'onde Protheo reinava , este abominara a aleivosia d'aquelle Principe ; e que lançando-o fóra do seu Reino , retivera a Helena com todas as riquezas , que ella tinha : que entãõ Paris se retirara a Troia ; e que sendo seguido pelos Gregos , d'alli se originara hum grande ; e cruel guerra ; e que indo depois Menelao ao Egypto , lá lhe entregara Protheo

a Helena , e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opiniões não he menor em tudo o que respeita á historia de Eneas. Alguns Escritores dizem , que aquelle Principe fora o que entregára a sua patria , abrindo huma das portas de Troia aos Gregos : outros escrevem , que a viagem do mesmo Principe á Italia era duvidada por Denys de Halicarnasso , e entre os Modernos por Justo Lipsio , por Philippe Cluvier , por Samuel Bochart , e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque não faz difficuldade em crer , que os Heroes de Homero , Agamemnon , Achilles , Heitor , Páris , e Eneas nunca existiraõ n'o mundo.

A historia não he menos incerta , a respeito da fundação de Roma : huns dizem , que os Pelasgos , depois de subjugarem nações varias , fundaraõ n'a Italia huma Cidade grande , a que chamaraõ Roma , em final , ou significação da sua força ; porque Roma em Grego , quer dizer , *força*. Outros contaõ , que n'o mesmo dia , em que se tomou Troia , alguns dos naturaes entraraõ n'as embarcações , que acharaõ n'aquelle porto ; e que sendo lançados pelos ventos

tos sobre a costa de Toscana, desembarcaram junto ao Tibre; e que entre as mulheres, que não podiam supportar os incomodos do mar, havia hum chamada Roma; e que esta aconselhára as outras pozessem fogo ás embarcações, e que sendo executado aquelle arbitrio, e conhecendo os maridos a bondade do paiz, se resolverão a ficar n'elle; e fundando hum Cidade, lhe puzeram o nome da mulher, que os obrigára a estabelecer-se alli.

Tambem ha quem diga, que Telepho, filho de Hercules, tivera hum filha chamada Roma, a qual casára com Eneas, ou com seu filho Ascanio, de d'onde procedêra o nome da Cidade: outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Roma, Rei dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza, que vivia cem annos antes de Aristoteles, escreve que muito antes da guerra de Troia, já havia n'a Italia hum Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, ne-

nenhum concorde com o nascimento , e educação d'aquelle fundador.

A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas , de Licurgo , e das Amazonas. D'estas falla Herodoto , Diodoro , Trogo-Pompeo , Justino , Pausanias , Plutarco , Quinto Curcio , e outros. Strabaõ nega , que as Amazonas fossem huma nação , que existisse nunca. Palephato he do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso , tudo quanto se escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas huns exercitos de homens commandados por mulheres ; e d'isto ha muitos exemplos n'a historia antiga. Os Medas , e os Sabianos , obedeciaõ a Rainhas. Semiramis dominava os Assyrios , Tomyris aos Scytas , Cleopatra aos Egypcios , Baudicea aos Inglezes , Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê , que as Amazonas não era huma nação particular , mas que assim se chamavaõ todas as mulheres de qualquer nação que fossem , e tivessem por costume o hir á guerra. Outros pertenderaõ que as Amazonas não eraõ outra cousa mais do que huns povos barbaros , vestidos de roupas longas . e que tinhaõ n'a cabeça ornatos de  
mu-



mulher. Diodoro de Sicilia diz , que Hercules , filho de Alcmena , a quem Euristeo pedira lhe trouxesse o talim de Hypolita , Rainha das Amazonas , elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermopon , e destruiu aquella nação guerreira ; porém os successos mais famosos da historia das Amazonas são menos antigos que o Hercules Grego , filho de Alcmena. Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniao , e juizo humano.

Não ha pois certeza alguma em nada. A historia profana (porque esta he sómente a de que fallamos) parece que não foi feita para instruir , senão para enganar. Os Authores não se contentarão com enredar o mundo em quanto vivos : quizerão ter o maligno divertimento de deixar n'a historia huma occupação de estudar enganos : nem todos o fizeram por malicia , mas por simplicidade. Essa mesma historia he d'onde a vaidade da Nobreza toma o seu principio , e d'onde tira as provas de que mais se desvanecer , quanto mais antiga a historia he , tanto he mais esclarecida a Nobreza , que se funda n'ella. Esta sorte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidade-

dades , não só he propria a cada hum dos homens , mas a todas as gentes , e nações ; e com tal fatuidade , que algumas vão buscar a sua origem , antes que o mundo habitavel tivesse a sua , e d'aquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. N'este delirio de antiguidade , e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes não pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e n'esta fórma , que nação poderia competir com ella n'aquella parte ? Nem os Chinas , excessivos em tudo , deitaõ as suas pertençaõs taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ : huns para se ennobrecerem a si , outros para ennobrecerem os seus. Não ha meio algum de que aquella vaidade senaõ sirva ; ou seja imaginario , ou falso , tudo serve a quem se quer fazer illustre ; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem , ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano , e sobre tudo em defender o erro , e prevençaõ , de que os homens podem ser diversos , e ainda n'a mesma razaõ de homens.

Os Grandes da antiguidade , ou a Nobreza dos antigos , ainda era mais forte , e singular , que a que se ideou depois ; hum , e outra tem de commum o serem effeitos da vaidade , e consistirem n'a imaginação de quem não cabe em si ; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida : nem he para admirar ; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata , e ao esplendor Latino. Os seculos foram desfazendo todos os portentos ; a variedade de successos , e fortunas tambem foi reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade ; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabou-se a ficção , e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava ; ella foi hum dos Idolos que cahiram. Quando a luz da verdade desterrou as trevas do Paganismo , cessaram os Oraculos , não responderão mais , emmudecerão. A Grecia , pátria commua dos Heróes , e d'onde estes nasciam como em terra fecunda , e propria , foi d'onde a vaidade da Nobreza quiz elevar-se ainda a cima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia ser filho de Venus , Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter.

Es-

Estes, e outros muitos pretendiaõ não menos nobre origem, que a celeste, como descendentes dos Deoses immortaes; esta fabula não durou hum dia só; e para admirar, que ella tivesse authoridade-n'õ (conceito de homens polidos, sabios, e prudentes, e com tanta força que chegassẽ a fazer das fabulas, religiaõ. Aquella foi a Nobreza dos antigos; Nobreza, que tinha por principio, hum engano introduzido, e respeitado. Via-se n'as mãos de Jupiter o raio, n'as de Marte a espada, e n'as de Apollo as settas: Thetys dominava as ondas, Venus a formosura: quem havia resistir por huma parte á força do poder, e por outra ao encanto da belleza? Ainda quem conhecesse a fabula, se havia de namorar do apparatus d'ella. Todos sabem que os homens sãõ iguaes, em quanto homens; mas nem por isso deixaõ de entender, que ha huma nobreza que os distingue, e que os faz ser homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo; porque os illustres hiaõ buscar os seus ascendentes n'os seus Deoses; e d'essa sorte ficavaõ os homens meios humanos, e não in-



inteiramente. Só assim podia ser distintos, e desiguaes n'a realidade. As distincções permanecêrao, em quanto duráao as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura, e logo os Deoses se acabáao, deixando os seus descendentes, feitos homens com os outros; e com a circumstancia, que por haverem tido progenitores altos, ficáao sem nenhuns. Depois d'aquelle catastrophe fatal, parece que devia extinguir-se a vaidade da Nobreza; mas não foi assim; porque aquella vaidade só mudou de especie, e o engano, de figura; a Mythologia converteo-se em Genealogia, humanizou-se. A igualdade sempre foi para os homens huma cousa insupportavel; por isso entráao a forjar novos artificios com que se distinguissem, e ficassem desiguaes; e não tendo já Deoses d'onde tirassem o principio da Nobreza, entráao a tiralla de outras muitas vaidades juntas; compuzerao huma Nobreza toda humana; entao nasceo aquella tal Nobreza, como parto do poder, da pompa, e da riqueza; accidentes n'a verdade exteriores, mas que servem de incrustação n'o homem, e esta ainda que composta de fragmentos, sempre fórma hum ornamento.

nato matizado, e agradável; bem se vê que a viveza dos esmaltes, e das conchas, não penetra a substancia interior, e que o muro tosco não fica mudado, coberto sim; mas que importa, se a gala fragil que o reveste, o ennobrece.

N'a propagação dos animaes observa a mesma ordem; d'esta sempre vem a resultar a mesma fôrma, e as mesmas circumstancias: os individuos porém de cada especie não são tão uniformes, que não tenham entre si hum caracter particular com que se distinguem huns dos outros. N'as familias se notaõ feições determinadas, pelas quaes são conhecidos os que vem da mesma parte; o mesmo ar n'o gesto, ou n'a figura presiste em muitas linhas descendentes; e de tal fôrte que algumas são reconhecidas por huma formosura successiva; e outras tambem o são, por huma fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ diferentes por hum aspecto, ou semblante proprio, que a natureza affecta em cada huma d'ellas. A cor he hum final demonstrativo, regular, e indelebil, que a mesma natureza imprime n'as gentes de cada clima, ou regiaõ; e d'essa cor procedem outras cores mixtas,  
ou

ou modificadas , que indicaõ o gráo , e concurrencia de nações diversas , mas unidas ; de gentes separadas , mas juntas ; de familias estranhas , mas naturalizadas. Aquella he a marca , que a Providencia poz n'os homens ; marca perpetua , em quanto elles se perpetuão dentro da sua mesma esfera , mas temporal , e extinguiavel por meio de huma nova composiçaõ. Até n'as plantas se encontra a mesma economia ; ellas tem sinaes por onde se distinguem ; huns perseverantes , outros mudaveis. A arte , que concilia entre si plantas diversas , ou as conserva , e faz permanecer n'õ estado primitivo , ou as altera , e muda para outro ; ella força o tronco a sustentar ramos alheios , a vestir-se de folhas desconhecidas , e a produzir frutos adulterinos. Ainda n'as cousas insensiveis , tem ás vezes lugar a violencia. Assim se constrange a natureza a que siga hum caminho errado , e que em certos casos naõ siga as suas leis , mas as leis da industria , e do artificio ; d'aqui vem , que he util que a nossa intelligencia seja limitada ; se o naõ fosse , apenas teria a terra liberdade para fazer nascer , como quizesse , a menor flor do campo. Quantas vezes

zes não se faz o mal , porque senão sabe fazer ? Aquella ignorancia nos preserva ; mas nem por isso valem os mais , porque o merecimento he da ignorancia , e não de nós.

Já vimos que os homens , quando vem ao mundo , já trazem hum final de distincção , e differença , e que esta os faz distinguir , e conhecer. D'aqui parece que resulta huma inducção forte a favor da Nobreza originaria : mas que argumento debil he aquelle que se tira de huma distincção visivel , constante , e material , para outra que he sómente imaginaria ; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica ; de huma que he da instituição do mundo , para outra que he da instituição dos homens ; de huma que he totalmente independente , para outra que he arbitraria ; de huma que tem por principio a mesma Providencia , para outra que procede da fortuna ; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis , para outra que sómente he fundada em vaidade ? N'esta parte a razão tirada da semelhança não convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas , todas iguaes ,



e semelhantes, mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime, mas não se communica, dá a semelhança, a sua substancia não; o metal de que he composto, não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde; todas são iguaes, e parecidas, mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum corpo que tem opposta a luz, de sorte que não ha sombra d'onde não ha luz, e corpo; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma, nem do corpo, nem da luz. O produzir huma cousa, não he o mesmo que reproduzir-se.

A vida, ou espirito vital, que passando de huns a outros vai fazendo a descendencia dos mortaes, parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria; e com effeito se a vida se transfere sendo mais, porque não ha de transferir-se a Nobreza sendo menos? A vida he transmissivel, e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha. Porém não tiremos erradas consequencias. A vida não se pôde dizer que he transferivel, e ainda que o fosse, nem por isso ficava sendo transferi-

rivel a Nobreza : só o que existe fyficamente se transfere , mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente , nem se passa , nem se dá , nem se transmite. A vida com que vive hum , não he a mesma com que outro vive ; a imaginação de hum não he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginação , ou idéa de Nobreza , esta não vem como imaginação herdada , mas adquirida ; e ninguem sabe que a tem , ou que a não tem , fenaõ depois que o imagina ; n'aquella imaginação o que se ganha , ou perde , he hum pensamento ; e este quando he falso , não tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque n'as cousas vãs , a verdade não val mais do que a mentira.

A vida consiste n'o movimento , quem primeiro o causa , he o que se diz ser principio d'elle ; mas não se segue d'aqui , que a causa que depois se move , fique com alguma porção do principio , que a moveo. O braço quando move hum corpo não se communica a elle ; e esse corpo não recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço não põe mais do que a força , que se-

T

ve

ve de principio ao movimento, mas nem por isso fica o corpo, que se moveo, com alguma parte do braço, que o fez mover. Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes, mas nenhuma d'estas participa, ou tem em si nada da primeira; cada huma arde em substancia propria, distincta, e separada; o que as distingue, he a materia, que lhes vai servindo de alimento, e não a primeira luz de d'onde começara. O incendio não he menos activo, ou menos nobre aquelle, que nasceo de huma faísca errante, do que aquelle que viria de hum fogo guardado n'o templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma, porque veio de outra que diziaõ consagrada? E humilde aquella que procedeo de outra, que não tinha circumstancia? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeição que ella mostra em si; a que nasceo n'o monte Olympo não he por isso mais esclarecida, do que aquella que se achou em hum valle rustico, e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distinctos huns dos outros, e o distinguirem-se, não pelo valor de cada hum, mas pelo valor das cousas que os distingue. A  
No-

Nobreza foi a maior maquina, que a vaidade dos homens inventou; maquina admiravel, porque sendo grande, toda se compõe de nada. As outras vaidades, parece que são menos vãs; porque sempre tem algum objecto visivel, e manifesto: mas por isso mesmo a vaidade da Nobreza he huma vaidade sem remedio; mal incuravel, porque se não vê.

Assim he, mas quem ha de haver que negue, que a Nobreza, ou essa cousa vã, he util, necessaria, e bem imaginada? Que importa que huma cousa seja n'a realidade nada, se os effeitos que produz são alguma cousa? Os effeitos da Nobreza são muitos; ella dá merecimento, valor, saber, a quem não tem nem sciencia, nem valor, nem merecimento; ella serve, para fazer venerador, a quem o não deve ser; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido; que a desordem se encubra, e se disfarce; e que a soberba, a arrogancia, e a altivez, fiquem parecendo naturaes, e justas: finalmente a vaidade da Nobreza, até se desvanece com a vileza das acções, estas ainda quando são vis, infames, torpes, e odiosas, nem por isso envilecem, ou in-



famaõ a quem as faz ; antes da mesma enormidade das accõs se tira hum novo lustre, ou nova prova da Nobreza : o ponto he contar huma longa serie de illustres ascendentes para que hum nobre fique dispensado das leis da sociedade, e de formalidades civis ; e tambem habilitado para que possa livremente , e sem reparo , perder o pejo , a honra , a verdade , e a consciencia. D'esta sorte vem a Nobreza a ser hum meio por onde o vicio se authorisa , o crime se justifica , e a vaidade se fortalece. Cuidaõ os Nobres , que a Nobreza lhes permite tudo , mas cuidaõ mal : porque o certo he , que a Nobreza bem entendida , naõ se fez para canonizar o erro ; ella foi sabiamente achada para servir de estimulo , e companhia das virtudes ; para ennobrecer as accõs illustres , e naõ para illustrar as viciosas ; para ser attendida pelo que obrassee digno de attençaõ , e naõ pelo que fizesse indignamente ; para servir a razaõ , e naõ para a dominar ; para ser exemplo , e naõ regra ; para fazer os homens bons , e naõ para os perverter ; para os distinguir pela Nobreza do espirito , e naõ pela Nobreza da carne ; para os fazer melhores de huma  
me-

melhoria de animo, e não de corpo : finalmente para fazer mais clara a luz, e não para fazer clara a sombra.

Por isso o sabio Rei, (que ainda ha pouco perdemos, e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só, mas sim quando a via acompanhada de acções nobres; nunca attendeo á Nobreza das origens, mas sim á Nobreza dos sujeitos; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes, e pelas outras qualidades, depois; o conceito, que fazia, foi, que a Nobreza não era n'ó homem parte principal, mas sim parte ajuntada, que só servia de o ornar, e não de o fazer. Aquelle mesmo Rei foi o terror da Nobreza arrogante, e destemida; esta sempre tinha os olhos affombrados de ver a cada instante fuzillar o raio; e de ver armado sempre o braço poderoso; mas armado ao mesmo tempo de justiça, e de piedade, de furor, e de compaixão. D'este modo governou em paz, e nos deixou a paz; por isso a mágoa de o perder, foi, e ha de ser infinita em nós; e as nossas lagrimas apenas poderão mitigar-se alguma vez, suspender-

der-se , nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto , e parece que não tanto pela fatal necessidade de acabar , como para que trocado em altar o tronco , o respeito em culto , e o obsequio em adoração , o pudessamos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez ; e em hum Principe (o mais prudente , e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rei benigno , pio , generoso , justo , protector ; assim ficou disposta a nossa consolação , e seria menos forte a nossa pena , se pudesse ser o haver remedio para a saudade.

Hum dos abusos , que o tempo , e a vaidade introduzio , foi a Nobreza ; esta porém sendo tomada n'os termos da sua primeira infancia , ou n'a idéa com que foi creada , he verdadeira , e util ; e n'estes mesmos termos ninguem lhe póde disputar , nem a utilidade , nem a verdade da existencia. Por nobre , entendiaõ os antigos hum Heróe , isto he , hum homem distincto dos mais homens , e distincto por si , e não por outros ; pelas suas proprias acções , e não pelas acções alheias. O Heroismo , e a Nobreza eraõ qualidades pessoacs , e não he-

re-

reditarias ; huma , e outra dependiaõ de acções heroicas , e em ambas era necessario o requisito do poder ; se este cessava , extingua-se a Nobreza. D'este modo he , que antigamente haviaõ Nobres , porque em todo o tempo houveraõ poderosos ; estes ficavaõ distinctos por grandeza , e naõ por natureza ; passava a Nobreza de huns a outros , quando o poder tambem passava ; de huma , e outra cousa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento , se este depois tornava , naõ fazia resuscitar a Nobreza já perdida ; compunha-se outra nova , e esta naõ era de menos entidade , ou menos nobre que a primeira. O tempo naõ he o que ennobrece. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza naõ haviaõ de fazer caduca ? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer maior ? Huma flor moderna naõ tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , já n'ò Outono fica prostrada , e macilenta. As Estrellas começáraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais ; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer apro-  
vei-



veitar das horas , e dos dias , que passãrão. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza não. Que pouco cuidão os homens em que ha huma eternidade, e que a duraçãõ do mundo , não he mais do que hum instante !

Se ha n'os homens differença , esta só se acha n'os Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem a semelhança dos humanos , mas não sei que tem de mais : tem o mesmo ser para serem homens , mas não para serem como os mais homens : quem os fez maiores , foi a Providencia ; só esta podia influir diversidade n'o que he o mesmo ; podia fazer que huma identidade fosse differente de outra da mesma especie ; e podia , debaixo da mesma fórma , e dos mesmos accidentes , fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reis , estes são independentes da fortuna ; porque o poder Supremo só Deos que o dá , o tira. As revoluções particulares parece que resultaõ de huma economia certa ; as dos Monarcas não succedem sem decreto especial. Aquelles a quem a Providencia fez arbitros do mundo , a mesma Providencia os distinguio : os outros homens fazem-se distintos-

tinctos á proporção do favor Supremo que os distingue. Assiste pois a distincção dos homens só n'a vontade , ou coração dos Reis ; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reis são os que glorificão os homens , isto he , os que os ennobrecem ; e d'esta sorte recebem a Nobreza por graça , e não por successão ; por favor , e não por herança ; permanecem Nobres , em quanto permanece a graça que os illustra ; presiste aquella prerogativa em quanto o favor existe ; se este se retira , logo a Nobreza acaba. A luz toda se empréga n'os objectos , estes ficam claros , mas he por força de huma luz , que não he sua. Se o Sol se esconde , ficam os objectos escuros , e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se vem ; os homens não vem ao mundo sabios ; justos , prudentes , virtuosos , bons , e do mesmo modo não vem Nobres ; cá achão a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se póde unir , e aggregar depois ; achão muitas vaidades , e entre ellas huma occupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa , propria , interior , e inseparavel ; e por mais que os sentidos , e a razão mostrem o contrario ,  
nem

nem por isso aquella vaidade se deixa con-  
vencer. Tiremos por hum pouco aos ho-  
mens a faculdade que elles tem de se ex-  
plicar ; supponhamos que naõ fallaõ, tal-  
vez que entaõ se vejaõ iguaes todos ; a in-  
capacidade , e o silencio , sabem mais : tire-  
mos tambem por hum instante aos homens  
a alma racional , e entaõ veremos a Nobre-  
za com que ficaõ. Esta tal Nobreza , ou a  
sua vaidade negando as supposições , fica li-  
vre do argumento.





# C A R T A

DO MESMO AUTHOR

## SOBRE A FORTUNA.

**M**EU amigo e senhor, agradeço a V.m. o desejo, que me mostra, de que eu tenha maior fortuna; não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna, que tenho he a mesma, que devo ter; o merecimento he que faz a fortuna, e quem o não tem, que fortuna ha de esperar? Fallo sinceramente, e sem hypocrisia, n'ó tempo, que já passou por mim tive esperanças, agora nem essas tenho, e isto porque conheço melhor, sei o que fallo, e o que mereço, por isso sei, que não devo esperar nada: esperem os outros, e vivaõ n'ó tormento de esperar. Eu hoje só tenho por fortuna o não esperar a fortuna, contento-me com a privação da desgraça sem aspirar a presença da ventura, e acho, que o não ser desgraçado he o  
mes-



mesmo, que ser venturoso; e se entre humana, e outra cousa ha hum estado neutro, contento-me com o meu estado ainda que propenda para a desgraça inteiramente, a sombra da ventura me basta, a realidade, não sei se me bastaria, porque o nosso coração he insaciavel, e d'aquillo, a que huma vez tomou o gosto nunca se farta, d'aqui vem, que o conservallo n'a ignorancia da ventura he discreta providencia, porque ninguem chora por hum bem, que não conhece, a saudade suppõe hum objecto conhecido; aquelle, que he ignorado a penas se appetitece; quem conhece a fortuna pela vêr em outrem, tem pouca razão para a adorar, e he o mesmo, que conhecer o mundo n'o mappa, em que está pintado, ou tambem he como quem olha para o Sol sem admiração, e a penas com o reparo inadvertido, e vago: o mar por mais, que encrespe as suas ondas não serve a quem o vê de espetaculo admiravel: então admiramos o tumido elemento mais pela raridade, que pela elevação. O subir mais alto não he muito natural, o estar n'o mesmo ser he seguir a ordem do Universo. Os que sobem, he porque tem n'o merecimento as azas,

azas, os que não sobem, he porque a falta de merecimento igual, lhes serve de pezo, que os abate. Porém devemos consolar-nos, advertindo, que o não ter merecimento não he peccado nosso, e que culpa temos nós, de que a natureza fosse avara? Parece, que ha hum limo perfeito, e outro tosco; d'este nascemos nós, d'aquelle os venturosos: as aves não são Aguias todas, humas altamente se remontaõ, outras só sabem passar de hum raminho para outro; humas desapparecem n'a immensa região do ar, outras sempre se deixaõ ver n'o espaço limitado de hum prado humilde. As que tem maior alento sobem a mais alta esfêra; as que tem menos vigor vão pezadas, e rasleiras.

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só inclinaõ para baixo, e para cima não se pôdem dirigir sem violencia: tudo quanto vejo he com olhos desenganados. Talvez, que por isso veja as cousas como são: e não como se mostraõ: porque o desengano tem virtude, e força para arrancar da formosura o véo caduco, e mentiroso, de que o theatro da vida se compõe. A fortuna não he tão bella como  
pa-

parece, e creio, que o caliz da fortuna não he muitas vezes menos amargoso, que o da desgraça, também a fortuna tem seu caliz, e suas amarguras, estas talvez, que sejaõ mais penosas de tragar, porque n'a desgraça o costume de sentir tira a parte mais cruel do sentimento: ao menos a desgraça não engana, e tem de bem o ser hum mal, que se não finge, he verdadeiro, e apparece como he, a fortuna sempre se desfarça semelhante á belleza enganadora, que para ser mais appetecida reveste-se de ornatos lisongeiros, e apparentes; quem duvida que a belleza que se enfeita, ou se cobre de artificio, he para encobrir alguma fealdade natural.

Conheço a fortuna, sem que a fortuna me conheça, e quando a vejo he de tão longe, que impossivel he, que ella chegue a mim, nem eu a ella, somos inacessiveis ambos, verdade he, que eu não a busco, nem a busquei nunca anciosamente, porque sempre entendi ser hum fugeito, menos proprio para ser favorecido, e além d'isto a fortuna quer, que a buscem com fé, e audaciosamente: ella se enamora da resolução constante com que a buscaõ, timida-

damente ninguem a encontra, entrega-se ao valor, e foge á cobardia, quer que a rendaõ por força, naõ por supplicaçaõ semelhante a huma mulher livre, que ainda quando se entrega por vontade, quer que pareça se entregou forçadamente.

E com effeito sem rogar, nada se alcança, e eu naõ sei pedir, o que sei que naõ mereço, sou religioso n'esta parte, e com engano naõ quero nada, nem ainda a fortuna: esta naõ me pode tirar o conhecimento proprio, de que a naõ mereço, e aquelle conhecimento servir-me-hia de flagello, de ventura naõ, porque a elcolher, antes quereria a desgraça, conhecendo merecer fortuna, do que a fortuna, conhecendo merecer desgraça. Quero as cousas mais justamente, que felizmente; porque toda a consciencia parece, que se afflige, com ventura desmerecida, e mais se satisfaz de merecer, que de alcançar. A verdadeira felicidade deve ser interior, e o contentamento naõ he puro, quando vem de huma falsa causa. A coroa da victoria só desvanece ao que triunfou, naõ ao que succede pôlla n'a cabeça, porque a fortuna errada mais injuria do que ennobrece, o  
pre-



premio não illustra , o merecello fim , e o conseguir por graça da fortuna , não costuma atrahir hum peito honrado ; este só se paga do que consegue por graça da virtude , e assim , se aceito o que não me devem , n'isso vou já castigado ; porque o coração me insinua sempre , que a acção de receber foi indigna , e torpe.

Todos accusaõ a fortuna de injustiça , porém a injustiça está só em quem a accusa , nem o mesmo merecimento tem direito para a accusar ; porque a fortuna de sua natureza soa liberalidade , e a falta de liberalidade nunca se poz em accusação : tudo quanto a fortuna distribue , he por favor , e n'o que vem de hum principio de favor , não se dá positiva obrigação , salvo se a nossa presumpção he tal , que entendamos seriamente , que a fortuna nos deve algum tributo , e quem o entender assim , n'isso mesmo mostra ser indigno da fortuna , e que esta lhe não deve nada ; porque o querer merecimento proprio , he confissão ou prova de desmerecimento ; a incredulidade n'esta parte he perdoavel ; a credulidade he viciosa ; a fallencia he hum vicio quasi universal , e a fortuna communmente despreza  
to-

todos os Narcisos; quer que a busquem animosamente, mas não presumptuosamente, com deligencia, não negligentemente, ou com desdém; por isso ha poucos venturosos; porque poucos ha que saibão o modo com que a fortuna se procura, e em saber aquelle modo, consiste o meio, ou o segredo de a achar: huns seguem o caminho da lisonja, outros o da importunidade, alguns o das armas, e outros das letras, alguns sem modo certo, nem meio determinado seguem o caminho de procurarem a fortuna por aquelle meio, e modo, que a mesma fortuna lhe descobre, *sol tibi signa dabit.*

Eu que não sou lisonjeiro, nem importuno, e que não sou erudito, nem guerreiro, que caminho posso ter para a ventura, sem guia, sem norte, e sem luz, que me conduza, mal poderei achar aquella Deosa escondida, e inconstante; ao primeiro passo me retiro, e desconfio antes de emprender, porque julgo imprudente acção o querer eu huma fortuna, que me não quer: quem navega sem estrella, tem por certo o naufragar, e quem só dá passos errantes, que fortuna póde ter; a fortuna

naõ he cega como dizem, ella vê a quem escolhe, e mostra que vê bem, porque escolhe bem, os que naõ são dos escolhidos, crêm ser cegueira da fortuna, o que he só cegueira sua; julgaõ ser usurpação a fortuna, que a outros se comunica. Que injusto pensamento; a fortuna naõ se vende, ella mesma he que se dá; e para dar-se a si tem livre o seu arbitrio, e assim naõ devemos murmurar da ventura alheia; mas sim da nossa desventura, devemos conformar-nos, magoar-nos naõ; porque a magoa he queixa, e virtude a conformidade. Quem se magoa reprova o que a fortuna fez; quem se conforma approva o que ella faz, entre hum, e outro extremo, o melhor partido he, aquelle, que a fortuna quer, naõ aquelle, que nós queremos; porque nós, enganemo-nos a nós mesmos; e a fortuna naõ se engana a si, ella sabe para onde vai, e d'onde vem; nós conjecturamos, e ella acerta; caminhe a nossa embarcação para onde o vento a leva, naõ para onde o vento a encontra, deixemos a fortuna o governar o mundo, e para nós tomemos o governo de nós mesmos; porque só a fortuna sabe navegar em alto mar,

mar, e nós a penas navegamos n'as limitadas ondas de hum fundo limitado, a esfêra da fortuna he dilatada, e a nossa he mui pequena, e mal se vê, e assim que podemos esperar de nós; esperemos tudo da fortuna, ainda que seja da fortuna alheia, porque d'ella sempre pôde vir-nos algum bem, a fortuna he como a luz, que se espalha abundantemente, e aclara os espaços mais remotos, recebamos a luz ainda que seja alheia, e que o centro d'ella esteja de nós tão afastado quanto vai do Sol á terra: devemos entender, que ha fortuna tal, que estando em hum sugeito, he como se estivesse em todos, porque a todos se estende seu influxo; e assim, se a commodidade he nossa, devemos estimar que o trabalho seja de outrem, que importa, que esteja de nós tão apartado esse assento ethereo, em que giraõ os orbes luminosos, se a nós se communicão as delicias de hum astro favoravel, saluifero, e benigno?

Com o tempo perdi o amor, a vaidade, e esperanza, estou pois sem esperanza, sem vaidade, e sem amor. Estes eraõ os fortes laços, que me prendiaõ; já se quebráraõ, agora não sei verdadeiramente o que



me prende ; hum resto de vida da bellissima prisaõ , e de pouca duraçaõ , por isso vivendo retirado naõ figo as bandeiras da fortuna , e já lhe disse a Deos : milito n'os campos do defengano , campos solitarios , ou menos frequentados ; porém mais seguros , n'elles confidero a fabrica innocente de huma rosa inculta , de hum lirio triste , de huma assucena virginal ; estes saõ os meus objectos , os meus cuidados , e os meus empenhos , saõ os mestres , que me ensinaõ fielmente , mestres mudos , mas severos , a bem confiderallos , a rosa me insinua , que a formosura he como sombra leve , e passageira , o lirio n'a sua cor me diz , que toda a alegria se converte em luto , a assucena indica , que só a virtude he permanente ; que lições pôdem haver mais verdadeiras , faceis de aprender , difficeis de observar ; a mocidade louca só gosta de loucas instrucções , e zomba galantemente das que saõ menos galantes ; mas que pouco dura o enredo que diverte , e quaõ depressa chega a tragedia , em que o mesmo enredo acaba !

Assim nada aspero da fortuna , nem a fortuna de mim pôde esperar nada ; porque o meu talento foi discursivo sempre , operati-

vo nunca , e a fortuna quer obras , e não palavras , quer quem pratique mais , e especule menos , porque toda a especulação por si mesma he vã ; a theorica toda he substancial ; esta compõe-se de huma solida materia , aquella de accidentes invisiveis ; he como a voz sonora , que o ar a forma , e a decipa , e que tem o seu fim , n'a mesma causa de que nasce o seu principio ; alguns ha , que o que discorrem obraõ , eu só debuxo , e não sei pintar o que eu mesmo debuxei ; sei delinear , executar não , e sempre n'a execução me perco , semelhante ao Nautico imperito , que sabendo a Carta , e sabendo os rumos , em largando as vélas logo se perde : de que serve pois a Arte , que só n'a imaginação se mostra , e fóra d'ella se desvanece ? Muitos sabem idear , praticar , poucos. De que serve tambem huma idéa concertada a quem ignora o como se deve usar d'ella ? He o mesmo que instrumento delicado n'a mão , que ignora o meio de o tocar , o esgrimir de pouco vale , a quem não sabe pelejar deveras , o mestre foge muitas vezes , e não se fia n'a destreza , que insinua : eu sou o fugitivo esgrimidor , o Musico ignorante , o Nautico imperito , tudo sei

pa-

para dizer, mas para fazer só sei, que não sei nada, as minhas artes todas são em pensamento, e por isso são justamente desgraçadas, porque a fortuna não pôde fazer milagres, e que pôde fazer de huma materia, que não se move, e que sendo intilligente, he sem acção, inutil intelligencia. Semelhante á arvore frondosa, que produzindo flores, não sabe produzir frutos.

E n'esta fórma não posso queixar-me da fortuna, antes reconheço com legitima razão, que o favor, que a mim me nega he porque o deo justamente a outros, o seu officio he laurear o merecimento, não fazello, serve para ornar o merecimento feito, não para o fazer de novo; não ha pois iniquidade n'a fortuna; ao menos eu, e para mim só justiça lhe conheço, já do berço trazemos connosco a nossa sorte, e parece, que em nós mesmos a fabricamos, sendo artifices da desgraça, e da fortuna, deixemos pois a fortuna em paz: e eu sou o primeiro, que só accuso a minha incapacidade, ou a minha inercia, esta foi unicamente o architecto de estado de sonolencia, em que me acho, e n'aquella se fundou o ser em que estou de não ser alguma cousa, mas com tudo sou o  
mes-



mesmo, que sempre foi, não mudei para mal, nem para bem, e n'este artigo estou como vim ao mundo, só com a differença dos annos, que tem passado; d'elles o estrago sempre foi universal, e se passaraõ por mim, tambem por todos tem passado; todos somos companheiros n'aquelle genero visivel da desgraça, e desgraça, que vai crescendo, diminuindo nunca; caminhamos igualmente com o mesmo passo, e sem poder por medo algum retroceder; somos comilitões differentes n'a data, mas os mesmos n'o exercicio.

E assim chegou o tempo, em que o mais acertado he pendurar as armas, não como armas vencedoras, mas sim como despojos infelices de huma já cançada guerra, eu qual invalido soldado larguei o apresto militar, não voluntariamente, mas por não poder soportar-lhe o pezo, apenas posso soportar o vivo esqueleto, em que consisto, deixei os vicios do amor, da vaidade, e da esperança; porque elles primeiro me deixaraõ; amigos infieis esquecidos do meu passado obsequio, e lembrados da minha inaptidaõ presente, foraõ meus n'o tempo alegre, e já me desampararaõ n'este tempo triste,



te , injusta recompensa de huma tyranna sociedade , quem differa , que havia de achar o amor ingrato , a vaidade sem o vigor , e a esperanza defanimada ; se estes vicios me deixaraõ , sendo meus , ou sendo huma grande parte de mim mesmo , como pôde a fortuna naõ deixar-me , naõ havendo sido minha ; aquelles nasceraõ commigo , e commigo se criaraõ , provindos da minha natureza , e consubstanciaes a mim ; e ainda sendo assim já se apartaraõ ; a fortuna , porém , sempre foi parte diversa , nunca unida , mas sempre separada , sem commercio meu , e sem chegar a mim , nem ainda passageiramente , e n'esta situação mal pôde a fortuna ter lembrança , de quem nunca se lembrou , e de quem nunca vio ; e se agora me chegasse a ver seria mais por cegueira sua , que por fortuna minha , seria mostrar , que foi injusta , buscando-me cansado , quem vigoroso me naõ quiz.

E com effeito tem menos estimação a fortuna , que vem tarde , porque vem como apparato funeral , e n'a imagem de huma honra anticipada traz consigo a de ser a ultima ; infeliz fortuna , ou ventura desgraçada , pois que quando chega , acha sem  
alén-

alento os braços , que a recebem , acha os olhos já com pouca luz , e o coração palpitando , frio , e lentamente , que gloria adquirir a fortuna errante , em buscar hum corpo timido , em que a morte está fazendo os seus ensaios ; melhor he deixallo n'a tranquillidade escura do silencio , do que affombrallo com a claridade inquieta de huma luz tumultuosa ; porque a fortuna , que está cercada de resplandores afflige , e mortifica os olhos costumados a não verem ; d'aqui vem , que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo , do que como premio ; algumas vezes ha de ser a fortuna aborrecida , e certamente o he , quando vem tarde , ou ao tempo , que já senão espera , entãõ já não he fortuna , he delirio da fortuna , e quem se accomoda a ella he por resignaçãõ , ou vontade de obediencia , não por vontade de inclinaçãõ , he mostrar constancia n'õ desejo , mas n'õ acerto desvario , porque a fortuna quando chega tarde , he fortuna de compaixãõ , não de eleiçãõ , indica , que foi sollicitada , ou extorquida , e não merecida , concedida para contentar hum corpo meio morto , e não para illustrar hum vivo ; ou vem como fortuna de remedio , que se applica ao enfermo ,  
que

que o não tem, e que se dá por consolação, não por obrigação, por dispensa, e não por recompensa, e verdadeiramente de que vale huma fortuna, que quando chega he só para se despedir, e não para ficar, e que assiste; como testemunha authorizada, que vem ver o fim da obra sem ter visto o seu principio de que serve huma ventura sonhada, pois não tem mais duração, que em quanto dura o sonho, inutil felicidade, pois he como a faísca, por instantes se está reduzindo a cinza; he felicidade imaginada, lograda não, ou ao menos mal lograda.

Bem sei, que tudo n'ó mundo he transitorio; porém entre as mesmas cousas, que vão passando, algumas passam mais depressa do que outras, em humas ha tempo de se verem, em outras não, e essas ao mesmo tempo, que apparecem, desapparecem, a mesma vida he hum verdadeiro transito, mas com certa, e determinada duração, compõe-se de hum espaço incerto, e a mesma incerteza do seu espaço he o que a faz parecer duravel, porque o fim, que se não vê, nem se conhece, julgamos, que está longe, n'os primeiros periodos da vida a fortuna deve achar em nós sensibi-

li-

lidade para a desejar , e para a receber , porém em o tempo da vida entrando a declinar , ou a inclinar para o seu fim , a nossa sensibilidade tambem declina , e já não appetecemos com ardor , nem sabemos desejar excessivamente : todas as nossas faculdades ainda mentaes entraõ em delcance , e vão perdendo a maior , e melhor parte da sua primeira actividade , semelhante ao curvado arco , que insensivelmente perde a força , que continha a corda dilatada ; n'este estado se a fortuna vem a nós , he o mesmo que hum espirito insensato , e vagabundo , que pretende animar o corpo de hum cadaver , porque com effeito tambem ha desejos cadaverosos , e estes são os que intumescem de esperar , e que ainda quando a fortuna os satisfaz , ficam como embarcados , sem ficarem satisfeitos á maneira d'aquelle , a quem o raio tocou sem offender , mas que sempre fica estupefacto , e temeroso a qualquer ruido , ou estrondo leve.

Porém não ha regra certa n'os grãos de desejo , e de esperança , porque alguns ha , que esperão , e desejão com tão firme , e constante vehemencia , que ainda quando estaõ morrendo , estaõ esperando , e desejando.



jando, parece-lhes, que morrem, se não  
esperaõ, sustentaõ o desejo como prova de  
que vivem felices; naturezas, que por  
aquelle modo vaõ enganando o tempo, sem  
que o tempo as defengane; ao menos en-  
chem de vida todo o tempo, que vaõ viven-  
do, porque não teraõ d'ella parte alguma,  
pelo modo de viver, e quem conserva as  
paixões humanas em quanto vive, parece,  
que vive mais, do que quem as larga mui-  
to antes de morrer; outros ha, que não saõ  
taõ desejosos, nem taõ espectativos, por  
isso não resistem, e largaõ facilmente os af-  
fectos do desejo, e da esperança, a esta por-  
que os afflige, e aquella porque os pertur-  
ba; os impacientes nem sabem desejar, nem  
esperar pela fortuna; por isso raramente a  
achaõ; porque a fortuna sempre exige pa-  
ciencia, e esta he muitas vezes o preço  
por que se vende, e o mais certo mereci-  
mento por que se dá, e com razaõ, porque  
a paciencia, não só he virtude humana, mas  
favor celeste, ella vence mais sem fazer na-  
da, do que outros muitos meios, fazendo  
muito; a sua inacção tem mais poder, do  
que a acção d'aquelles meios, que parecem  
ser mais poderosos, e he hum remedio  
uni-

universal , que aproveita para tudo sem a nada fazer mal , só tem de menos boa a paciencia o ser huma virtude humilde , e feita só para soffrer , á maneira da peça de hum engenho , de que todo o exercicio consiste em andar rasteira , e abatida : porém n'isso mesmo consiste tambem o artificio : porque a máquina do engenho não se move em quanto a peça humilde a não faz mover. A paciencia , ou o soffrimento suppõe desprezo , e este sempre he duro ; sendo que não ha desprezo , que moleste , quando a paciencia he grande , e o soffrimento humilde muralha impenetravel aos ataques do desprezo. Além d'isto não ha cousa , que cause nojo , a quem tem a fortuna por objecto ; porque a fortuna sempre foi considerada como a bella dama , de quem os mais asperos rigores são favores declarados , e por elles deve passar o amante , que pretende ser bem succedido.

Com tudo eu nunca me enamorei tão cegamente da fortuna , por isso nunca a tive , nem espero ter : sempre olhei para a fortuna como para humas tantas cousas , que sendo admiraveis por si mesmas , admirão-se por costume ,  
e

e tambem por costume já se não admira-  
raõ ; fazemos caso d'ellas por opiniaõ , e  
mais pelo caso , que vemos , que os outros  
fazem , que por aquelle , que nós mesmos  
quereríamos fazer ; estimamollas pela esti-  
mação dos outros , não pela nossa ; e n'isto  
seguimos o exemplo seguido , o respeito he  
hum dos attributos da fortuna , e talvez ,  
que seja o principal , porque a fortuna se de-  
seja tanto ; mas quanto a mim achára eu ,  
que aquelle attributo importuno , e vaõ mais  
mortifica , do que lisongea , porque as mais  
das vezes o respeito he como a moeda ,  
que aceitando-se por boa , intrinseca , e  
verdadeiramente he falsa , ou tambem co-  
mo os rogos , que se fazem n'o perigo da  
tormenta , o retrato do milagre costuma ser  
a primeira de todas as promessas ; porém  
passada a tormenta , e o perigo , já não  
lembra o milagre , nem o seu retrato : o res-  
peito , que a fortuna tem he respeito de in-  
teresse , não de amor ; e he como obriga-  
ção violenta , não livre ; ou como vontade  
involuntaria , não arbitraria ; que pouco va-  
le hum respeito semelhante , e que pouca  
estimação merece ! Hum tal respeito diri-  
ge-se ao lugar , não á pessoa ; á fortuna ,  
e

e não ao afortunado : he obsequio injurioso, e cavilloso , pois que com fingido sobscrito caminha indirectamente , he hum ataque falso , que se faz em huma parte , para em outra se fazer o verdadeiro ; o incenso , que não he puro , mais escandaliza , do que agrada , porque tendo só de incenso o fumo não tem a suavidade , falta-lhe a fragancia , que deleita , e sobra-lhe a exalação, que offende.

De nada são os homens tão avaros , que de hum respeito sincero , e verdadeiro, e de nada são mais liberaes , que de hum respeito simulado , e dependente , o formulario de hum , e outro respeito he o mesmo , e tambem he a mesma cerimonia , ou ritual apparente , e manifesto de cada hum d'elles ; porém não he a mesma a intenção, ou dedicação , de quem se mostra respeitoso , porque a verdade só está n'o interior, e o engano n'o frontespicio , a devoção não está n'o joelho , que se dobra , mas n'o coração , que se não vê dobrar ; a genuflexão só serve de signal , e todo o signal assenta em materia supposta , que póde ser , assim como se suppõe ; mas que importa , a fortuna costuma ser tão pouco melindrosa , que  
d'a-



d'aquelles signaes se paga , e com elles se contenta por mais , que os reconheça suspeitosos ; conhece a adulaçãõ sophistica do respeito , mas nem por isso o despreza , porque he como mercadoria , que se aceita com todas as avarias , ou como fazenda de contrabando , que naõ tem prohibiçãõ para usar-se d'ella ; a fortuna tem aquella urbanidade , recebe sem exame o que lhe daõ , e basta-lhe , que o respeito tenha a figura d'isso ; ainda que naõ tenha nada , basta-lhe , que a estatua tenha a fórma racional , ainda que em si naõ seja mais do que hum marmore pulido , se bem , que ha muitas cousas , em que a substancia esteja n'os accidentes , e a existencia n'a mesma falta de existir.

E naõ quizera hum respeito semelhante , porque amo a verdade em tudo , n'aquillo em que a verdade se dispensa ; nenhum fingimento póde agradar-me nunca , nem tive arte para fingir ; mostro-me como sou , e que ainda os meus mesmos pensamentos se estaõ deixando ver pela interposta , e mal ferrada cortina do meu semblante , por isso tudo quanto digo he o mesmo , que tudo quanto penso ; de sorte , que para mim naõ reservo nada , como se em mim naõ houvesse

vesse parte que não fosse parte exterior,  
 visível, e conhecida, propende para huma  
 estupidez n'ó excesso da verdade, e tudo o  
 que não he excessivamente verdadeiro, faz-  
 me repugnancia natural, como alguma cou-  
 sa, que fizesse arrepiar-me, causando-me  
 cocega insoportavel, e assim sou vicioso n'ó  
 excesso da verdade, assim como os outros o  
 são n'ó excesso da mentira; isto não he, nem  
 nunca foi virtude, he temperamento por-  
 que a verdade opera em mim como por hum  
 acto necessario, por compleição, e não por  
 consciencia, por genio, e não por escrú-  
 pulo, e com effeito amo a verdade, porque  
 o meu conceito me representa mais bella,  
 do que tudo quanto ha, e mais appetecivel  
 do que tudo quanto se appetite; talvez  
 que haja algum achaque, que faça hum su-  
 geito verdadeiro, assim como póde haver  
 tambem, para fazello mentiroso, se o he,  
 ficarei crendo, que sou verdadeiro por  
 achaque; alguma enfermidade havia de ha-  
 ver, que sendo util em si mesma, o mal só  
 estaria em sarar d'ella: não sei se a verdade  
 póde vir por desordem da natureza, o que  
 sei sem paradoxo he, que ha temperamen-  
 tos verdadeiros, e outros mentirosos; n'es-

tes a mentira não he tão culpavel , n'aquelles a verdade não he tão louvavel , porque tudo o que se faz por indole nativa he menos estimavel do que aquillo , que se faz unicamente por virtude , e esta parece , que recebe o seu lustre mais pomposo da opposição , que encontra , e que vence ; porque d'onde não ha proprio vencimento , tambem não ha virtude propria , e a victoria sem combate só mostra a fraqueza do vencido , não a fortaleza do vencedor.

D'aqui vem , que nenhum respeito dos que a fortuna communmente concilia , acharia em mim grande agasalho , se o caso em mim se achasse , que tudo havia parecer-me hum laço subtil , e lisongeiro , fabricado para prender a minha simplicidade , e captar a minha benevolencia ; e n'esta desconfiança talvez menos bem fundada seria eu como a ave cautelosa , e timida , que sempre está de sentinella contra as incidiarias artes do caçador astuto , e vigilante ; e assim n'aquelle mesmo caso , e supposição o pretendente , que me respeitasse menos , seria a quem eu attendesse mais , o cortezaõ rasgado , e consummado da sciencia dos politicos agrados , e versado n'a pratica de respeitos ef-

estudados, menos propicio me acharia, do que o rustico, grosseiro, e imbecil; d'este a imbecillidade verdadeira havia de preoccupar-me mais do que o outro; o ar dobrado profundamente reverente, e cheio de festego; de sorte, que para mim seria necessario tomar diverso expediente, e seguir methodo diverso.

A minha attençaõ sempre se volta para a verdade, como se esta fosse hum instrumento, que tivesse força necessaria para voltar-me; porque a verdade me move como se fosse hum artificio natural, feito para mover-me, e quando a busco he com amorosa indagaçaõ, e se consigo achalla, fico com o mesmo contentamento d'aquelle, que achou o amor perdido; e n'esta forma todos os respeitos, que a fortuna dá não são capazes de attrahir o meu desejo, porque se a mim se dirigissem, eu os creia fabulosos, assim como os creio verdadeiros, quando a outrem se dirigem; e em qualquer estado, que a fortuna me puzesse, nunca poderia eu persuadir-me, que com razã merecia algum respeito verdadeiro; e todo aquelle, que a mim se encaminhasse, eu o julgaria respeito mercenario, e por isso mesmo sem



valor ; antes quero a verdade , que me magoa , do que aquella , que me lisongea , para esta tenho incredulidade , e entendo ser composta de lisonja ; da outra faço mais conceito , porque tudo , o que escandaliza cura.

N'a situação particular , em que me acho , se alguém me busca , entendo firmemente , que não he por amor de mim , mas por causa de alguma cousa minha ; logo considero , e digo , que me querará , ou que interesse lhe ensinou a minha porta , e o meu nome ; n'esta consideração remetto a visita para a dependencia , que he a quem se fez ; e eu ou não estou em casa , ou estou doente : por este modo faço-me invisivel , de sorte , que quem me puzer a vista ha de ter habilidade ; e se alguém tem commigo algum negocio , deve ter o trabalho de se explicar por letra ; porque de cara a cara não he facil , salvo se topar commigo de improviso ; e n'esse caso , quem o paga , he quem deixou a porta aberta , ou a vidraça por fechar ; por este modo me livro de cumprimentos aborreciveis , de amizades perigosas , de novellistas mentirosos , e de importunos maldizentes. Bem vejo , que seguin-  
do

do este modo de viver, estou n'ò mundo sem saber do mundo nada; porém isso mesmo he o que eu quero, e tão regularmente, que nem quero saber o que tenho para jantar, senão depois da meza posta; a minha curiosidade só tem por objecto a natureza, o mundo não, esse cuidado toca a quem o fez, ou o governa, a mim só me compete o ver o meu termometro para saber se faz mais, ou menos frio, que n'ò dia antecedente; costumava eu ter as Gazetas de Londres, e Amsterdão, porém já me desfiz d'isso, porque achei ser fatuidade o querer saber noticias d'aquelles, que as não querem saber de mim; e assim já me não importaõ as façanhas de El-Rei de Prussia; essas devem importar ao seu Panegyrista, não a mim, que lhe não hei-de escrever a vida. O saber successos militares, pertence privativamente á gente d'esse officio, porque a elles toca a arte de desbastar os homens, como a mim pôde tocar-me a arte de desbastar as couves n'ò canteiro da minha orta. Agora pasmo de mim mesmo quando considero, que sem necessidade alguma, assentei praça de Engenheiro-voluntario n'ò ultimo sitio de Gibraltar, de d'onde tirei as indeleveis certidões,

dões , que ainda conservo authenticadas em  
fórma fícatrizante ; durou pouco o fítio ,  
por iſſo fiquei eu durando , ha humas ſcienci-  
cias , em que a melhor ſciencia he não ſaber  
nada d'ellas, d'eſte genero ſão as ſciencias mi-  
litares , para quem não he militar ; actual-  
mente devo á ſaudofiſſima memoria do Se-  
nhor Rei D. João o V. o querer ſervir-se da  
minha pouca intelligencia , mandando-me  
paſſar Patente de Tenente Coronel do Regi-  
mento do Cais , cuja graça não teve effeito  
porque a paz ſobreveio felizmente , antes  
que começaffe a guerra ; hoje já não poſſo  
ſuſtentar n'a mão a eſpada , e o mais , que  
poſſo fazer , he o ſuſtentar-me a mim , lem-  
bra-me o que diſſe Ovidio :

*Turpe miles ſenex , turpe ſenilis amor.*

E n'eſta fórma não ha para mim mais mun-  
do , do que a caſa , em que habito , e as  
minhas quatro paredes ſão para mim as qua-  
tro partes do mundo conhecido , vivo como  
n'o ermo , porque vivo ſó , os meus livros  
me acompanhaõ fielmente , ſó d'elles me  
não aparto ; elles foraõ os meus meſtres , e  
o eſtaõ ſendo ainda , porém para que apren-  
do eu , ſe o tempo me eſtá dizendo que te-  
nho

nho pouco tempo para aprender , e menos para gozar ! Bem sei que a minha idade não he muito adiantada , porém eu quero adiantar o desengano , para que não seja a idade o que por força me desengane ; sempre gostei muito da cantiga quando disse , *quero deixar o mundo antes que o mundo me deixe* , quero anticipar-me já , para não estranhar depois que costumar-me , porque a lição não se estuda n'a mesma hora , em que se dá , quem começa a sentir com antecedencia , sente menos quando chega a occasião do sentimento ; este quando está cansado fica a modo de dormiente , e sem actividade para atormentar , ou ao menos atormenta menos , porque não só n'a paciencia se faz callo , mas tambem n'a dôr ; o mal , que se padece por vontade não afflige tanto , e fica sendo mal , que não affusta , porque o mal habituado , passa em natureza , e perde muita parte do seu rigor , e aspereza , d'aqui vem , que o famaliarizar com qualquer fatalidade , he segredo certo , para a fazer menos fatal , he como a féra domesticada , em que se encontra já menos fereza : o instrumento usado he mais facil , e mais leve de mover ; aquelle , que ainda he novo não trabalha sem resistencia ;



cia ; e assim as incomodidades , que a velhice traz consigo , eu as vou applicando em mim , e d'esta sorte quando vierem , já achão feita a obra , que vem fazer ; encontraõ-se consigo mesmas , e o mais que haõ de fazer , he deixar-me n'ò estado , em que me acharaõ ; poderãõ accrescentar alguma cousa mais ; porém tudo naõ , e ainda para o mesmo accrescentamento já me vou armando , e preparando ; estou-me exercitando em peleja fingida , para entrar mais destre n'a peleja verdadeira ; isto vem a ser repercutir o damno pelo mesmo damno premeditado ; enfraquecer o assalto pelo mesmo assalto prevenido ; e adormecer o mal , pelo mesmo mal despertado antes.

Sendo aquella a minha filosofia , bem se deixa ver , que a fortuna para mim já naõ he materia de importancia ; só cuido em ir vivendo mansamente , e sem ruido , como quem vai escorregando lentamente , e naõ como quem vai andando atrevidamente ; os meus passos naõ vaõ para diante , o mais , que espero d'elles he , que se sustenhaõ n'ò lugar , em que se achãõ ; naõ tenho mais objecto , que a mim mesmo ; e a mim mesmo como sou , e naõ como poderia ser ;  
por-

porque não sendo nada , ainda poderia ser menos do que sou : em tudo a diminuição he mais facil , do que o augmento , porque tudo diminue naturalmente , e cresce com mais difficuldade , e com effeito não vejo cousa alguma , em que haja de crescer ; e ainda vejo alguma cousa , em que diminue. Pela bondade de Deos , tenho faude , e tenho hum decente patrimonio , para viver decentemente em cada hum d'estes pontos principaes , póde succeder notavel decadencia , crescimento não , e assim contento-me com a minha situação vulgar , e julgo-me feliz , em conservar-me n'ella , como aquelle , que se crê ditoso quando o assalto da pobreza não he forte , porque o padecer menos he fortuna respectivamente a quem padece mais , nem podemos negar absolutamente , que rambem ha fortuna n'os grãos de padecer.

Naõ duvido , que se huma fortuna mais brilhante me buscasse , eu a recebesse alegremente , mas não sem sobresalto pelo descostume , e talvez , que entendesse ser como visita da faude quando busca o enfermo , que está para espirar ; se bem , que não receio , que a fortuna possa achar-me , porque vivo  
taõ

taõ escondido , que até me escondo de mim mesmo , e se furtivamente alguem me vê , he n'a figura de quem fôje , e naõ de quem apparece ; semelhante á corça temerosa , que até da sua sombra vai fugindo ; isto vem , de que já me naõ agrada o commercio commun dos homens ; naõ acho n'a sociedade aquelle gosto , que os poucos annos me inspiravaõ ; e ainda , que naõ estou n'o meio da velhice , com tudo já tenho entrado em seus limites , passei a fronteira da mocidade , e de tudo a perdi de vista ; n'este estado a fortuna naõ tem graça , porque já nos acha sem verdura , a folha secca , sempre he triste , e por si mesma se desfaz. A fortuna , que vem cedo , parece , que vem unir-se a nós , e fazer connosco hum mesmo corpo ; a que vem mais tarde , fica sendo cousa estranha , separavel , e distincta ; he adorno superficial , emprestado por pouco tempo.

Muitos animos ha que tem valor , para esperarem muito , a mim qualquer cousa me desmaia , e custa-me mais o esperar pela fortuna , do que , o naõ esperar por ella ; esperem aquelles a quem o merecimento alenta ; porém eu , em que hei de fundar as minhas esperanças , que razao tenho eu para  
ani-

animar-me ; e se tenho alguma , he só porque conheço , que nenhuma tenho ; e por isso qualquer fortuna , que eu tivesse , seria fortuna de piedade , não de justiça , seria fortuna de esmola ; para tudo sou inutil , ainda para a mesma inutilidade , sombrio , sem melancolia , e taciturno por natureza ; este he o meu retrato , he parecido , e verdadeiro , porque he feito pelo mesmo original ; e assim , que fortuna ha de ser esta , que em mim póde assentar bem , salvo se for alguma fortuna sem tino , ou desvariada , porém fortuna bem ajuizada não . A fortuna não quer quem desconfia , e eu sempre foi desconfiado , mas sempre assim foi por humildade , por orgulho nunca : presumido nunca foi , porque nunca achei em mim fundamento justo para a minha presumpção , para o meu abatimento sim , só tenho de bom , se he , que isso he bom , o ser facilmente costumavel , como se fosse materia disposta para o bem , e para o mal ; este não me desespera , aquelle acha em mim conformidade , não me entroeça a pena grande , nem o grande bem me transporta , os meus sentidos sempre guardão o uniforme , e estaõ indifferentes , assim para o desgosto , como  
pa-



para a felicidade ; confidero , que estes dous extremos foraõ feitos igualmente para o homem ; d'aqui resulta , que amo a vida sem amor , e sem odio aborreço a morte ; porque fei , que huma , e outra cousa foraõ feitas para mim , e para todos , huma naõ he mais natural , do que a outra he , ambas se haõ de verificar infallivelmente , a duvida naõ está n'õ successo , mas n'a hora , em que ha de succeder.

De que serve pois a fortuna humana de fazer a vida excessivamente amavel ! Oh que infausto amor , e que infausta felicidade ! Pois todo me leva , e arrebatada para hum bem , que ha de deixar-me ; e a quem eu tambem hei de deixar ; naõ he melhor ser desgraçado , do que feliz , com aquella condiçaõ ; de que se serve huma ventura taõ veloz , em que nem hum instante só , tenho certeza de a ter segura ; e em que quando a abraço apertadamente , e com mais fineza , ella entaõ me desampara , deixando illudidos os meus braços , e enganados os meus olhos : Quem ha , que naõ conhece , que he delirio sem desculpa o fazer estimaçaõ de huma sombra errante , e fugitiva , de hum alito , que n'õ ar se fórma,

ma, e n'ò ar defapparece , de huma luz sempre tremula , e sempre vacilante , de huma exhalacão inconstante , e vaga ? E se vim ao mundo , para ser precisamente louco , seja de huma loucura minha , e não de todos ; direi para mostrar-me delirante , que as ondas do mar nunca se movem , que posso esconder n'ò seio em hum fogo ardente , e que sei suspender do amor o ardor violento.

Não quero pois buscar a fortuna humana , e fiz bem de a não haver buscado , quero estar livre para acabar com liberdade ; não quero que as delicias da vida me sirvão de augmentar as amarguras da morte ; esta quando chegar ha de achar-me prompto sem ter fortuna de que despedir-me ; não hei de olhar para a ventura com os olhos de saudade , porque não tenho ventura , de que me aparte , nem felicidade de que o apartar-me me entorneça ; as lagrimas não hão de ser pelo que deixo , antes hei de rir-me do pouco , que tenho para deixar. Não hei de ter pena , de que a minha fortuna acabe , basta , que a tenha de acabar eu , hei de imaginar , e ver , que já tem fim a minha vida , mas não hei de sentir , que tenhão

nhaõ fim as fortunas minhas ; estas naõ haõ de estimular a minha dôr , nem aggravar o meu sentimento. A morte naõ ha de tirar de mim se naõ a vida , a pompa , o fausto , e a grandeza naõ ha de tirar-me , porque nada d'isso tenho , saõ alfaías usadas para outros , para mim nem novas saõ , e assim naõ hei de ter a magoa , de que a morte as despedace , nem faça com ellas o lugubre apparatus do seu triunfo ; a parda roupa , que me cobre , a barraca humilde , que me alberga , o campo verde , que me alimenta , o bosque solitario , que me diverte ; estes haõ de ser os unicos despojos , de que a morte ha de privar-me ; despojos pobres , e que só servem para injuria da victoria ; outros , que merecêraõ obsequios da fortuna haõ de ver as exequias d'essa mesma fortuna merecida ; e ainda cercados d'aquelles resplandores , de que a fortuna se reveste ; e ainda rodeados do luzido enleio , de que a ventura se acompanha , haõ de ver , que por instantes a luz se apaga , se extingue , se desfanece , e em hum labirinto de conceitos differentes haõ de sentir menos o golpe que ha de acabar a vida , do que aquelle , que ha de ferir descarregado n'a fortuna ;

en-

entaõ corrido o véo do defengano, este ha de mostrar em hum momento, que a fortuna naõ he mais, do que hum encanto enganador, hum sonho mentiroso, huma apparencia vaidosa. Eu, porém, a quem a morte ha de achar sem aquellas circumstancias, naõ tenho nada, que deixar, nem tenho cousa alguma, em que me seja custoso o desapego, antes n'a morte hei de ganhar, o que n'a vida estou perdendo, porque das rasões, que tenho para sentir a morte ha de vir a resgatar-me, por isso hei de largar sem susto a scena, e o theatro.

Por esta forma tenho respondido, ao que v. m. me ensipua da fortuna; já vê o caso que faço d'ella, e a razãõ, que tenho para o naõ fazer. Fico a obediencia de v. m. que Deos guarde muitos annos.

Amigo e menor criado de v. m.

*Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.*





C786

A298r

